

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA BASTOS CACCIARI

**TRAJETÓRIA DE VIDA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA EM
HOMENS ALCOOLISTAS**

Vitória

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA BASTOS CACCIARI

**TRAJETÓRIA DE VIDA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA EM
HOMENS ALCOOLISTAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, sob orientação do Professor Doutor Luiz Gustavo Silva Souza.

Vitória

2017

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

C118t Cacciari, Maria Bastos, 1991-
Trajetória de Vida e Representações Sociais de Família em
homens alcoolistas / Maria Bastos Cacciari. – 2017.
162 f. : il.

Orientador: Luiz Gustavo Silva Souza.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e
Naturais.

1. Representação Social. 2. Família. 3. Alcoolismo. 4. Atenção
Primária à Saúde. I. Souza, Luiz Gustavo Silva. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais.
III. Título.

CDU: 159.9

TRAJETÓRIA DE VIDA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA EM
HOMENS ALCOOLISTAS

MARIA BASTOS CACCIARI

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 04 de Agosto de 2017, por:

Prof. Dr. Luiz Gustavo Silva Souza (Orientador/UFF)

Prof^a. Dr^a. Zeidi Araújo Trindade (UFES)

Prof^a. Dr^a. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (UFF)

AGRADECIMENTOS

A escolha foi começar os agradecimentos, a partir da minha questão de pesquisa: O que é família? Para mim, se inicia com a história de um pai, Fernando, ausente na maioria das vezes, mas aquele que me ensinou sem querer o respeito à fragilidade humana e surpreendeu com suas lágrimas ao saber o tema da dissertação. Pela primeira vez, mostrou-se curioso e escutou atento minhas palavras sobre o trabalho com o Grupo de Homens. Obrigada por sua sensibilidade, saber que as pessoas sofrem me tornou mais humana e trouxe respeito pela história que cada um constrói.

Minha mãe, Elanice, uma mulher guerreira que criou sozinha duas filhas, sendo muitas vezes julgada socialmente por escolher a liberdade e o diálogo. A você agradeço a força, o incentivo e a alegria de viver. Sim, muitas pessoas esquecem da felicidade e esta foi a única coisa que você sempre cobrou das suas filhas: sejam felizes. Quero lhe dizer que conseguiu, o seu amor nos permitiu a realização de sonhos, como o Mestrado em Psicologia. Obrigada por acreditar em nós, você é uma mulher incrível e nossas conquistas são reflexo do seu amor!

Minha irmã, Marcella, a melhor amiga que a vida me deu. Ela que me mostrou a Psicologia com tanto amor durante a faculdade e da mesma forma incentivou para o Mestrado. Nunca vou esquecer quando deu a notícia que eu havia passado na prova de Método em primeiro lugar, as duas gritavam e pulavam, cada uma de um lado da linha telefônica. Obrigada por tanta torcida, amor e dedicação, quero que saiba que sempre foi um espelho, uma imagem admirável, sinto muito orgulho de você.

Minha sobrinha e afilhada, Marina, a princesa da Dinda. Ela que transformou os dias cansativos em momentos descontraídos com o seu jeitinho espontâneo e, por vezes, entendeu minha ausência ou pouca atenção nos dias que precisava de concentração para escrever. Sem dúvida alguma, a pessoa mais importante da minha vida, minha filha de coração.

Meu primo Léo, aquele que esteve presente durante todo o processo e por vezes sentia que também fazia parte do Mestrado, pois foi adotado por todos os meus amigos. Primo, a você agradeço o amor, as mensagens engraçadas, as conversas infinitas e a preocupação com o meu bem estar. Você me conhece tão bem que não preciso nem falar para saber o que penso, amo isso!

Aos amigos, minha segunda família, agradeço o apoio e carinho que tornaram o processo de escrita mais leve. Ailton, Roni, Erik, Victor, Igor, Jamilly e Lylian que me receberam de forma carinhosa em São Mateus, vocês me fazem acreditar em amizades duradouras. Também não posso esquecer de uma pessoa super especial, Rodrigo, pelo companheirismo e paciência, principalmente na reta final quando me vi cansada e desanimada. Obrigada pelas palavras de incentivo e por escutar o choro de forma tão acolhedora, você é muito especial, gordo!

Por falar em família, o Mestrado me garantiu a formação de mais uma e a convivência com os amigos Anne, Ana Paula, Crys, Gustavo, Fernanda, Marcelo, Roberth, Rovená e Iasmin. Vocês foram o verdadeiro presente surpresa, dividimos tanto momentos de angústias, crises e desespero, como festas surpresas no dia do aniversário, churrascos e confraternizações que ficarão guardadas em um lugar especial nas minhas lembranças. Inclusive, a amizade foi tão intensa que

marcamos no corpo nossa história. Obrigada, meus dez amores!

#existeamornoppgp X ♥

Meu orientador, Luiz, agradeço o convite e confiança depositada no trabalho com o Grupo de Homens. Minha admiração pelo seu trabalho, assim como humildade e paciência nas orientações e correções da dissertação permitiram a conclusão de mais um sonho: ser mestre em Psicologia.

À banca, Zeidi e Sabrine, obrigada pelo carinho na qualificação e os apontamentos assertivos para o progresso do trabalho. Zeidi, me sinto lisonjeada pela possibilidade da correção do trabalho por suas mãos. E, Sabrine, minha orientadora na graduação, acompanhou todo o meu percurso acadêmico. Não esqueço que foi uma das primeiras pessoas que conversei na faculdade sobre o desejo de ingressar no Mestrado da UFES, agradeço as palavras de apoio em toda a trajetória.

Por fim, agradeço a Analice e demais profissionais do Grupo de Homens pela acolhida e confiança, sem dúvida alguma esse foi até então o trabalho mais gratificante da minha história. Aos participantes, minha gratidão por contar suas trajetórias de forma emocionante e sincera, o aprendizado que levo não é possível descrever em palavras.

Escrever os agradecimentos trouxe a recordação de um momento especial na faculdade, durante uma oficina de grupo. Na oficina a proposta era que cada um escolhesse um objeto e explicasse o motivo da escolha. Escolhi uma caneta, explicando na época que gostaria de escrever várias histórias durante minha vida, mas que essas não poderiam ser apagadas. É isso, uma história de várias trajetórias de vida, algo que ninguém pode apagar e espero imensamente que seja útil para outros acadêmicos que partilham do mesmo sonho.

“Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história,
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz
de ser feliz”. (Almir Sater)

“Moça, olha só o que eu te escrevi.
É preciso força pra sonhar e perceber que a
estrada vai além do que se vê”. (Los Hermanos)

RESUMO

CACCIARI, M. B. (2017). **Trajetória de Vida e Representações Sociais de Família em homens alcoolistas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFES, Vitória – ES.

O alcoolismo é frequentemente marcado pelo estigma e o alcoolista é muitas vezes reduzido à condição de dependente de álcool, o que pode desconsiderar o sujeito em seus diversos papéis sociais, tais como aqueles vividos na família e nos serviços de saúde. O objetivo geral do estudo foi identificar e analisar as representações sociais de família construídas por homens alcoolistas, de classe popular. De forma mais específica, buscou-se: a) conhecer o conjunto de ideias, imagens, valores, normas e afetos que os participantes associam à família; b) conhecer como a família (de origem e atual) é descrita no discurso sobre trajetória de vida de homens alcoolistas; c) analisar as representações sociais dos homens alcoolistas sobre outros objetos de representação social: masculinidade, paternidade, conjugalidade e alcoolismo, em suas relações com o objeto-alvo (família). Participaram dez homens alcoolistas, usuários de uma Unidade de Saúde da Família (USF), integrantes de um Grupo de Promoção da Saúde denominado Grupo de Homens, no município de Vitória-ES. Foram realizados dois estudos qualitativos. No Estudo 1, foram investigadas as percepções sobre a família de origem e atual, dentre outros objetos de representação social, construídos a partir da trajetória de vida dos homens alcoolistas. Os instrumentos utilizados na coleta de dados foram: o CAGE (aplicado como instrumento auxiliar para embasar a indicação dos casos de dependência de álcool), Questionário Sociodemográfico e dois Protocolos de Entrevista Semi Estruturada elaborados especificamente para esta pesquisa. Foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática para tratamento dos dados, sendo os resultados discutidos a partir de teorias de senso comum sobre família com ênfase em crenças sobre o gênero. No Estudo 2, procurou-se, principalmente, identificar e analisar núcleos figurativos das representações sociais sobre família construídas por homens alcoolistas. Para a coleta de dados utilizou-se um terceiro Protocolo de Entrevista Semiestruturada elaborado especificamente para esta pesquisa, apresentando questões específicas sobre família e dois exercícios de imaginação propostos para investigar aspectos considerados essenciais pelos participantes para definir uma família como família. Na análise de dados foi utilizada uma adaptação do método fenomenológico para investigação psicológica. Procurou-se identificar elementos “não-negociáveis” das representações, aqueles que, na concepção dos participantes, são fundamentais para conceber o que é a família. Como resultados, verificou-se que relações tradicionais de gênero marcavam as percepções sobre a família de origem e atual, com a ideia marcante de honra masculina e submissão feminina. A ideia de

paternidade também apareceu relacionada ao papel de provedor. Ao mesmo tempo, foram percebidas noções de cuidado masculino. Os resultados mostraram que, diferentemente da ideia do alcoolista visto como problemático e com foco na doença, os participantes revelaram em sua trajetória de vida a importância da família. O núcleo figurativo das representações sociais de família esteve mais centrado nas imagens tradicionais de família como família de sangue, envolvendo pai, mãe e irmãos. Também apareceram outros elementos importantes, tais como: união, cuidado, diálogo, amor e convivência. Assim, foi possível verificar que a família é objetivada e representada não somente com a ideia de laços sanguíneos, mas também com a ideia de redes de apoio, como por exemplo, os amigos. A masculinidade e a honra masculina estiveram presentes nos argumentos e o papel social da mulher para os participantes marcado pela imagem de família tradicional. Em seu âmbito prático, o estudo permitiu a reflexão sobre os papéis de gênero e as representações sociais de família em homens alcoolistas, a fim de promover uma análise crítica por parte dos profissionais de saúde quanto ao trabalho ofertado a essa população. A análise do contexto social e o foco nos discursos e percepções dos homens sobre sua trajetória de vida buscaram ampliar a visão sobre o sujeito alcoolista e enfatizar a necessidade de vinculação do tema “família” ao trabalho ofertado aos usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social, Família, Alcoolismo, Atenção Primária à Saúde.

ABSTRACT

CACCIARI, M.B. (2017). **Life Trajectory and Social Representations of Family in alcoholic men**. Masters dissertation. Graduate Program in Psychology - UFES, Vitória - ES.

Alcoholism is often marked by stigma and the alcoholic is often reduced to alcohol-dependent status, which may disregard the subject in his various social roles, such as those experienced in the family and health services. The general objective of the study was to identify and analyze the social representations of the family built by popular alcoholic men. More specifically, we sought to: a) know the set of ideas, images, values, norms and affections that the participants associate with the family; b) to know how the family (of origin and current) is described in the discourse on the life trajectory of alcoholic men; c) analyze the representations of alcoholic men about other objects of social representation: masculinity, paternity, conjugality and alcoholism, in their relations with the target object (family). Ten alcoholic men, members of a Family Health Unit (FHU), members of a Health Promotion Group named Men Group, participated in the municipality of Vitória-ES. Two qualitative studies were performed. In the first study, we investigated the perceptions about the family of origin and current, among other objects of social representation, built from the life trajectory of alcoholic men. The instruments used in the data collection were: the CAGE (used as an auxiliary instrument to support the indication of cases of alcohol dependence), a Sociodemographic Questionnaire and two Semi-Structured Interview Protocols elaborated specifically for this research. The Thematic Content Analysis was used for data treatment, the results being discussed from common-sense theories about family with emphasis on gender beliefs. In the second study, we sought, mainly, to identify and analyze figurative nuclei of the social representations about family built by alcoholic men. For the data collection, a third Semi-Structured Interview Protocol elaborated specifically for this research was presented, presenting specific questions about family and two exercises of imagination proposed to investigate aspects considered essential by the participants to define a family as a family. In the data analysis an adaptation of the phenomenological method was used for psychological investigation. It sought to identify "non-negotiable" elements of the representations, those that, in the participants' conception, are fundamental to conceive of what the family is. As results, it was verified that traditional gender relations marked perceptions about the family of origin and current, with the striking idea of male honor and female submission. The idea of paternity also appeared related to the role of provider. At the same time, notions of male care were perceived. The results showed that, unlike the idea of the alcoholic seen as problematic and focused on the disease, the participants revealed in their life trajectory the importance of the family. The

figurative nucleus of family social representations was more centered on traditional family images as blood families, involving father, mother and siblings. Also appeared other important elements, such as: union, care, dialogue, love and coexistence. Thus, it was possible to verify that the family is objectified and represented not only with the idea of blood ties, but also with the idea of support networks, such as friends. Masculinity and masculine honor were present in the arguments and the social role of the woman for the participants marked by the traditional family image. In its practical scope, the study allowed the reflection on the gender roles and the social representations of family in alcoholic men, in order to promote a critical analysis by the health professionals about the work offered to this population. The analysis of the social context and the focus on the discourses and perceptions of the men about their life trajectory sought to broaden the view on the alcoholic subject and to emphasize the necessity of linking the theme "family" to the work offered to the users.

KEYWORDS: Social Representation, Family, Alcoholism, Primary Health Care.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO I - GRUPO DE HOMENS, ALCOOLISMO E FAMÍLIA	15
A Atenção Primária à Saúde, o Homem e o Alcoolismo	17
Trajetória de Vida em Alcoolistas	23
Fundamentação Teórica: Teoria das Representações Sociais	27
Objetivos	28
Justificativa.....	28
Aspectos Éticos.....	29
Panorama dos Estudos	30
CAPÍTULO II - PARTICIPANTES DO GRUPO DE HOMENS	
Dados Sociodemográficos	32
Breve Histórico dos Participantes	33
CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE TRAJETÓRIA DE VIDA E FAMÍLIA EM HOMENS ALCOOLISTAS	37
Método	37
Participantes	37
Instrumentos e Procedimentos.....	38
Fase I	38
Fase II	40
Análise de Dados	40
Resultados	41
Discussão dos Resultados	89

CAPÍTULO IV - O QUE É FAMÍLIA? AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA EM HOMENS ALCOOLISTAS	112
Método	112
Instrumentos e Procedimentos.....	112
Análise de Dados	113
Resultados	113
Discussão dos Resultados	128
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATENDIMENTO OFERTADO AOS HOMENS ALCOOLISTAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141
APÊNDICE I.....	146
CAGE.....	146
Questionário Sociodemográfico	147
Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada I.....	149
APÊNDICE II.....	151
Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada II.....	151
Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada III	152
APÊNDICE III.....	153
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	153
APÊNDICE IV	155
Dados Sociodemográficos	155
Unidades de Significado e Fases de Construção da Estrutura	157
Estrutura 1 - A família para Artur.....	161

LISTA DE ABREVIações OU SIGLAS

- AA: Alcoólicos Anônimos
- CAGE: acrônimo para Cut-down, Annoyed, Guilty e Eye-opener (palavras-chave de quatro questões que compõem o teste correspondente de triagem para problemas com o álcool).
- CID-10: Classificação Internacional das Doenças (OMS, 10ª edição).
- GPS: Grupos de Promoção da Saúde
- PNAISH: Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem
- SDA: Síndrome de Dependência de Álcool
- USF: Unidade de Saúde da Família

APRESENTAÇÃO

História. Vida. Singularidade. Idiossincrasia. Similaridade. Em minha trajetória pessoal, palavras que expressam a paixão desde criança pela literatura e a narrativa da história de vida de diferentes personagens. Ao mesmo tempo, o percurso acadêmico, desde a escolha da graduação até a conclusão do curso de Psicologia, a união entre a história, a Psicologia Social e os Grupos. Minha própria história, parte imprescindível para explicar meu interesse no fenômeno trajetória de vida e representações sociais sobre família.

Para tal, necessito de um breve retorno à minha graduação em Psicologia, o primeiro contato com a Psicologia Social e Oficinas de Grupo no cumprimento do quadro curricular de estágio obrigatório (Estágio Básico I e II) em uma Casa Lar do município de Vila Velha - ES. Dentre minhas atividades, destacavam-se: a) condução do grupo com adolescentes do sexo feminino e; b) elaboração e aplicação de técnicas de grupo com temas sobre gênero, sexualidade, família, entre outros.

Posteriormente, em meados do ano de 2013, a inserção voluntária em um Projeto de Extensão na Rede de Pesquisas e Estudos em Psicologia Social (RedePso) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Durante a seleção quando falei sobre os meus interesses na área da saúde (principalmente sobre Álcool e Outras Drogas) e a anterior experiência com o grupo de adolescentes, fui contemplada com o convite do professor Dr. Luiz Souza para participar do seu projeto em uma Unidade de Saúde da Família (USF) no município de Vitória (ES).

Desde então, coordenei as oficinas terapêuticas do “Grupo de Homens” sob supervisão e orientação do professor Luiz. Este grupo tem como objetivo principal

a Promoção da Saúde para a população masculina, contemplando em sua maioria participantes alcoolistas. Os temas dos encontros que conduzia eram bastante variados, como: sexualidade, álcool e outras drogas, família, gênero, entre outros.

Permaneci na coordenação das Oficinas de Grupo como pesquisadora/mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. E, a partir desse âmbito prático/ de intervenção em Atenção Primária à Saúde surgiu minha proposta de pesquisa para a dissertação.

As intervenções no Grupo de Homens possibilitaram algumas percepções para o estudo. Em primeiro lugar, destacou-se a falta de conhecimento dos profissionais de saúde sobre a trajetória de vida dos homens alcoolistas. Portanto, a prática mostrou a necessidade de buscar informações fora do contexto grupal, conhecer e compreender o fenômeno da trajetória de vida dos participantes alcoolistas. Ou seja, quais as principais lembranças da vida desses homens? O que eles podem dizer sobre sua história de vida?

Ao mesmo tempo, a “família” estava presente no discurso dos homens, lembranças da família de origem, histórias da família atual, criação dos filhos, entre outros assuntos eram recorrentes nos encontros. Estava diante de um contraste: Unidade de Saúde da Família? Mas, onde está a família dos homens alcoolistas? Uma resposta: nas narrativas dos participantes do grupo. Então, resolvemos inverter a ordem das atuais pesquisas sobre o alcoolismo, nas quais as perguntas são geralmente direcionadas aos familiares sobre a convivência com o alcoolista. A pergunta retornará ao próprio sujeito, a fim de compreender as relações do alcoolista com a família de origem e a família atual.

CAPÍTULO I

GRUPO DE HOMENS, ALCOOLISMO E FAMÍLIA

A pesquisa relatada nesta dissertação ocorreu em parceria com uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Vitória (ES), responsável por atender cinco bairros localizados em periferias urbanas próximos à Unidade.

A ocupação do bairro onde se encontra a Unidade começou em 1949 de forma espontânea com famílias vindas do Norte do Espírito Santo, municípios vizinhos e outros bairros de Vitória. Os motivos da mudança relacionaram-se à busca de emprego, melhor condição financeira e possibilidade de obter uma casa própria na capital (Prefeitura Municipal de Vitória, sem data).

As construções ocorreram na região do manguezal de forma precária e com a repressão da polícia que buscava impedir a invasão. Após a chegada de um Sargento que começou a liderar os assentamentos e organizar as terras foi possível o aterro do mangue, mas ainda sem energia elétrica e abastecimento de água. A partir dos o bairro começou a se estruturar e recebeu novos migrantes da região Sudeste, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Prefeitura Municipal de Vitória, sem data).

No local da pesquisa, ocorre um Grupo de Promoção da Saúde (GPS) específico para a população masculina, o “Grupo de Homens”. Esse trabalho começou com encontros dirigidos aos usuários homens em sábados pela manhã (“Ações de Sábado”), proposta que buscou atender os homens da região, assim como identificar e mobilizar usuários alcoolistas¹ para participar de um grupo de acompanhamento com caráter de Promoção da Saúde (Souza, Meireles, Tavares & Menandro, 2015).

O Grupo de Homens teve início em janeiro de 2012 através da parceria entre profissionais da USF (psicóloga, técnica esportiva e enfermeiro) e pesquisador/consultor (psicólogo) e permanece até os dias atuais (Souza et al., 2015). O encaminhamento é realizado por profissionais, dentre eles agentes comunitários da USF, demanda espontânea e/ou convite dos próprios usuários aos demais homens do território.

A coordenação das atividades é realizada com uma equipe multidisciplinar: profissionais de Educação Física, Enfermagem e Psicologia. Além disso, conta com o apoio de alguns estagiários dos cursos de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sendo pautado pela Política Nacional para Atenção Integral à Saúde do Homem (Brasil, 2008) e pelo paradigma de Redução de Danos (Brasil, 2005).

Segundo profissionais e participantes, o objetivo do grupo é criar um espaço de convivência entre os homens do território, de modo a promover a troca de experiências entre os usuários e trabalhadores do serviço, com vistas a otimizar a qualidade de vida e saúde integral de seus membros. O GPS adota uma abordagem psicossocial e conta com participantes alcoolistas e não alcoolistas. Isso contribui para considerar os participantes em seus vários aspectos, não sendo o alcoolismo o objeto central das intervenções (Souza et al., 2015).

O termo alcoolista foi utilizado a fim de reduzir o estigma e não limitar o sujeito à condição de dependência, considerando seus diversos papéis sociais: filho, pai, irmão, marido, trabalhador, entre outros (De Andrade & Espinheira, 2010).

As reuniões acontecem semanalmente, às quintas-feiras, tendo o encontro em torno de uma hora e meia de duração. As atividades são divididas em três

modalidades: Educação em Saúde (orientações de profissionais da área de saúde); Esporte e Recreação (práticas corporais e de lazer); e, Oficinas de Grupo. Essa última é realizada com técnicas de grupo coordenadas pela própria autora desta dissertação, conforme descrito anteriormente.

Alguns pontos foram relevantes para compreensão do fenômeno “trajetória de vida” e das representações sociais em homens alcoolistas. Primeiramente, a revisão sobre a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, a Atenção Primária à Saúde (APS) e Alcoolismo permitiram uma visão sobre o atendimento oferecido ao público investigado na pesquisa.

A abordagem da trajetória de vida como fenômeno buscou uma compreensão sociocultural da vida dos alcoolistas e levou em consideração, portanto, a construção social da masculinidade. Nas narrativas dos homens, foram considerados especialmente os conjuntos de sentidos, crenças, valores e aspectos afetivos relacionados à família.

Para tal, foram discutidas algumas concepções sobre o conceito família a partir de revisão de literatura, organizadas em dois momentos: 1) as representações sociais de família para homens e 2) a percepção dos profissionais de saúde sobre a família dos alcoolistas. Por fim, foram apresentadas as contribuições do Referencial Teórico das Representações Sociais para interpretação dos dados da pesquisa.

A Atenção Primária à Saúde, o Homem e o Alcoolismo

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) visa a qualificar os serviços de saúde que recebem a população masculina, de forma a

garantir direitos integrais, sobretudo a promoção da saúde e a prevenção a agravos que podem ser evitados (Brasil, 2008).

O documento tem como prerrogativa a inserção dos usuários do sexo masculino nos espaços de cuidado à saúde no Brasil. Contudo, destaca-se a marcante presença do modelo assistencialista e médico centrado na doença, o que demonstra a necessidade de uma perspectiva mais abrangente, que não priorize somente aspectos negativos, mas proporcione outros olhares sobre a vida dos homens (Eid, Kohn, & Motta, 2014).

Conforme a PNAISH, algumas variáveis culturais podem levar o indivíduo a não buscar serviços de Atenção Primária à Saúde (APS), como: estereótipos de gênero (por exemplo, a dificuldade dos homens, que segundo os estereótipos devem ser “fortes”, em reconhecer a possibilidade de adoecimento); ações em saúde priorizando outros públicos (crianças, adolescentes, mulheres e idosos) e horário de funcionamento dos serviços de saúde (os homens alegam coincidir com carga horária de trabalho).

Segundo Scott (1990), a palavra gênero começou a ser utilizada recentemente por feministas como forma de referir sobre a distinção social entre os sexos. Nesse sentido, gênero aparece negando o determinismo biológico relacionados aos termos “sexo” ou “diferença sexual”. O termo propunha a defesa de estudos sobre mulheres na busca de transformação e crítica social, buscando legitimidade acadêmica nas pesquisas feministas dos anos 1980. E, assim, um questionamento da ideia comum de que o mundo das mulheres é construído a partir do universo dos homens. Por exemplo, a ideia naturalizada sobre as formas de

subordinação, a força relacionada à ideia física do homem e a mulher como procriadora e responsável pelo cuidado com os filhos.

A partir daí, é possível entender gênero como proposto nesse estudo, o termo é uma maneira de mostrar a construção social entre os papéis atribuídos e às identidades subjetivas de homens e mulheres. Ou seja, “o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens” (Scott, 1990, p. 7).

Ademais, a definição de gênero está vinculada ao significado das relações de poder e dominação, pois se baseia nas desigualdades instituídas entre homens e mulheres. Portanto, o gênero precisa ser discutido em um patamar de crítica social: para mudar a sociedade e as relações de exploração, é preciso mudança nas representações de poder e, logo, mudanças em relação ao gênero (Scott, 1990).

O gênero é uma importante chave analítica em pesquisas sobre família e classes populares. Fonseca (2004), em seu estudo sobre “Família, fofoca e honra”, propõe a noção de honra para discutir as relações de moradores de uma ocupação de aproximadamente 750 moradores em uma zona de classe média, em Porto Alegre. Esta população vive em condições miseráveis e são considerados “pobres insubmissos” diante da classe média da região. O conceito de honra é analisado a partir de dois aspectos: 1) a honra como sentimento individual, seguindo a necessidade de enaltecer a própria imagem de acordo com as normas sociais; 2) “código de honra” que diz respeito à interação, o prestígio pessoal como moeda simbólica de troca nas relações sociais.

O prestígio masculino e a honra familiar entre os homens mostram diversos símbolos de prestígio pessoal, como: bravura, virilidade e proteção do lar. O homem de família protege suas mulheres em relação a outros homens, pois as mulheres têm como obrigação a fidelidade ao marido. Também mostram sua virilidade através da procriação e são autorizados “a esquecer” eventualmente obrigações familiares, pois podem, por exemplo, utilizar o dinheiro destinado às compras para beber com os amigos (Fonseca, 2004).

Os estereótipos de gênero masculino e feminino aparecem no âmbito de saúde: ao mesmo tempo que o homem é tido como “forte”, a mulher é mais “frágil” e tem a função social de cuidado e zelo. Cuidar de si e do outro, atribuição feminina, portanto com maior inserção nas práticas de saúde.

Além disso, nota-se mais uma vez a presença do papel social historicamente atribuído ao homem de “provedor” e a justificativa do trabalho como impossibilidade de frequentar o serviço de saúde. É relevante considerar se o horário de funcionamento atende ou não à população, mas cabe lembrar que as mulheres também estão inseridas no mercado de trabalho e continuam buscando os serviços de saúde (Brasil, 2008).

No presente estudo o homem é pensado dentro desta lógica, ou seja, as representações sociais sobre masculinidade influenciam e comprometem o acesso à APS, acarretando consequências econômicas para a sociedade e, principalmente, riscos para a saúde física e emocional do homem e de sua família (Brasil, 2008). Sobre a construção cultural da masculinidade, Gomes e Araújo (2007) afirmam:

“o imaginário de ser homem pode aprisionar o masculino em amarras culturais, dificultando a adoção de práticas de autocuidado, pois à medida que o homem é visto como viril, invulnerável e forte, procurar o serviço de saúde, numa perspectiva preventiva, poderia associá-lo à fraqueza, medo e insegurança; portanto, poderia aproximá-lo das representações do universo feminino, o que implicaria possivelmente desconfiar acerca dessa masculinidade socialmente instituída” (p. 571).

Enquanto as mulheres são mais associadas a problemas e desordens emocionais, é possível identificar outros fatores influenciando a saúde do homem, como é o caso do alcoolismo. Em relação ao consumo nocivo de álcool nota-se maior frequência na população masculina e com baixo nível socioeconômico (Abreu, Jomar, Nascimento & Souza, 2012), público abordado nesta pesquisa.

No âmbito da saúde pública, pesquisas buscam conhecer a percepção dos profissionais da APS sobre os usuários alcoolistas (Souza, 2012). A experiência de receber usuários nessa condição é comum, porém observa-se dificuldade no atendimento pelos profissionais de saúde. De acordo com Souza (2012), é frequente, por parte dos profissionais, o sentimento de impotência e a utilização de termos como “difícil” e “desagradável” para designar o atendimento.

Vargas e Luis (2008) também discutem as concepções e atitudes de enfermeiros da APS diante do álcool, alcoolismo e alcoolista. Os resultados mostram que são permissivos ao uso moderado, mas rejeitam o alcoolismo, entendendo-o como uma doença fatal. Em relação ao alcoolista relatam a dependência como principal característica, além disso, revelam descrédito e falta de esperança no tratamento desta população. Os autores recomendam a

capacitação profissional desse grupo, considerando a necessidade de atendimento a essa população nos serviços de APS (Vargas & Luis, 2008).

Nesse sentido, o conhecimento sobre a Política de Redução de Danos (Brasil, 2005) torna-se imprescindível, pois ela deve ser a base para as ações de saúde dos profissionais para tratamento de uso de substâncias ou drogas que causam dependência. A Redução de Danos visa a diminuir os prejuízos de ordem biológica e social na vida do sujeito que faz o consumo de drogas lícitas e ilícitas, através da manutenção de direitos e minimização de efeitos negativos. Além disso, não deve ser imposta, mas construída junto à população de intervenção (Niel & Silveira, 2008).

No caso do álcool, legalmente aceito e introduzido nos costumes da população brasileira, a Redução de Danos funciona para informar e desenvolver estratégias com o objetivo de diminuir os possíveis riscos do consumo. Porém, não se limita a atingir a população dependente de álcool, mas qualquer pessoa que faça uso e tenha riscos de danos para si ou para a sociedade (Niel & Silveira, 2008).

Apesar da Política de Redução de Danos (Brasil, 2005), muitos profissionais veem o alcoolista como “problema” para os serviços de saúde e culpado pelo consumo abusivo de álcool (Souza, 2012). Tal fato mostra a concepção moral presente nas práticas profissionais, o que contribui para a permanência do estigma e falta de acompanhamento dessa população nos serviços de saúde pública.

Na pesquisa relatada nesta dissertação, alcoolismo foi abordado como apenas um dos fatores presentes nas narrativas da trajetória de vida dos participantes. É preciso reconhecer a variedade de experiências e as potencialidades daqueles que são diagnosticados como alcoolistas e não tratá-los

apenas como dependentes. As intervenções com esse grupo precisam “privilegiar a autonomia, o poder de decisão, a criatividade e a participação dos atores envolvidos” (Santos & Veloso, 2008, p. 632).

Trajetória de Vida em Alcoolistas

A elaboração da história de vida de um sujeito não se manifesta de forma isolada, mas sim conduz a uma trajetória de ocupações desse sujeito (ou grupo) em determinado espaço, sendo passível de mudanças (Bourdieu, 1996). Desse modo:

“Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (Bordieu, 1996, p. 189).

Desta forma, para compreender a trajetória de vida de um sujeito, compete analisar a história social e os vários papéis atribuídos a ele durante esse percurso. No caso, quando se investiga a trajetória de vida de homens não há como desvinculá-la da construção social da masculinidade.

O estudo “Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas” aborda esta perspectiva de gênero em sujeitos que pertencem às camadas populares. Os resultados apontam a noção de corpo masculino como mais forte e resistente para

o consumo de bebidas alcoólicas, o que atribui o hábito do consumo aos homens e o bar como espaço escolhido entre eles para socialização (Zanella, 2011).

Nos últimos anos, poucos estudos brasileiros têm explorado a trajetória de vida de alcoolistas. Em sua maioria abordam apenas o fenômeno do alcoolismo, utilizando predominantemente participantes abstêmios do grupo Alcoólicos Anônimos (Da Silva, Padilha, Souza, Araújo & Vasconcelos, 2012; De Campos, 2009; Garcia, 2004).

Garcia (2004) investigou o tema em frequentadores dos Alcoólicos Anônimos (AA). A análise da autora parte da noção de “fundo de poço” para explicar a trajetória do processo de conversão do “alcoólico ativo” em “alcoólico passivo”. Segundo a autora, os membros do AA percebem o alcoolismo como o pior problema em sua trajetória de vida, responsável pela falta de controle e chegada ao “fundo do poço” (Garcia, 2004).

Nesse sentido, o alcoolismo é entendido como uma doença biológica e fatal, um “vício” que afeta todas as dimensões da vida do sujeito, principalmente as relações familiares (Garcia, 2004; De Campos, 2009). O “alcoolista ativo” relata uma trajetória de vida decadente, com rompimento de laços sociais, perda da família e desaprovação social (Garcia, 2004).

Todavia, o reconhecimento da “impotência perante o álcool” permite a mudança para o “alcoólico passivo”. A sobriedade permite o restabelecimento de vida social e laços afetivos, a saída da marginalidade e o retorno de uma imagem de “homem responsável” (de Campos, 2009).

O uso excessivo de álcool pode trazer consequências danosas para o sujeito, assim como para o funcionamento da família, trabalho e comunidade. O

“alcoolismo” (síndrome de dependência do álcool, segundo a Classificação Internacional das Doenças) acarreta mudanças no cotidiano familiar, contribuindo frequentemente para gerar desgaste físico e emocional de seus membros, tendo destaque situações de vergonha, constrangimento e humilhação vividas pelos familiares. Estes mostram tolerância e muitas vezes conformismo com essas situações, mas também buscam suporte na fé religiosa como forma de acreditar na cura do alcoolista (Veloso & Monteiro, 2012).

A dependência de álcool é atribuída por familiares e alcoolistas a problemas vividos na família e a amizades, sendo o alcoolismo entendido como doença cuja recuperação se faz mediante ajuda. Tal ideia revela a influência do modelo biomédico e dos grupos de Alcoólicos Anônimos (AA) no tratamento do alcoolismo, ou seja, a necessidade de um grupo e/ou profissional de saúde para realizar o tratamento. Representações sociais do alcoolismo o associam a perdas, ao ato de beber em excesso, a uma dependência hereditária, a um castigo e até mesmo a influências sobrenaturais e demoníacas (Santos & Veloso, 2008).

Profissionais de saúde associam as causas do alcoolismo a fatores sociais, genéticos e psicológicos. Na percepção dos profissionais, os fatores sociais aparecem como causa principal e vinculada à noção de “família desestruturada” e a dificuldades financeiras, apesar de haver reconhecimento do alcoolismo em outras classes sociais (Souza, 2012).

Segundo Souza (2012), são elementos frequentes da percepção naturalizada dos profissionais de saúde quanto aos usuários alcoolistas: a família “desestruturada”; a trajetória de vida conturbada, com muitos “traumas”; a desvalorização da família e valorização apenas dos amigos de bebedeira pelo

usuário; irresponsabilidade; falta de planos para o futuro ou falta de sonhos; o alcoolismo como principal problema ou evento problemático relativo à saúde; a falta de reconhecimento do problema do alcoolismo pelo usuário; entre outros.

O alcoolismo é tanto representado como “doença do indivíduo” como “doença de família” (Santos & Velôso, 2008). Souza e Carvalho (2012) apontam alguns eventos estressores na vida dos homens alcoolistas relacionados à família de origem, analisando principalmente o relacionamento com os pais. “Os resultados demonstraram que perdas, morte de familiares, separação dos pais e situações de violência foram alguns dos estressores que estiveram presentes na vivência da família de origem destes pacientes” (De Souza & Carvalho, 2012, p. 43). Os participantes da pesquisa referida também destacaram o comportamento agressivo do pai e o sentimento ambivalente em relação à referência paterna, assim como dificuldade de relacionamento com os irmãos (De Souza & Carvalho, 2012).

Sobre a família atual referiram relacionamento difícil, com cobrança excessiva e desconfiança da esposa, e reações agressivas com os filhos. Como consequência, surgem sentimento de culpa, arrependimento e baixa autoestima em relação à esposa que assume papel principal na família (De Souza & Carvalho, 2012).

Portanto, a família dos alcoolistas deve ser incluída no tratamento pela sua importância como estrutura social, não apenas no apoio ao próprio sujeito, mas também como alvo dessa atenção (Veloso & Monteiro, 2012).

Fundamentação Teórica: Teoria das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais foi inaugurada na França, na década de 1950, com o trabalho de Serge Moscovici, que buscou entender como um objeto científico ou erudito (a psicanálise) tornou-se objeto do senso comum na obra “A psicanálise, sua imagem e seu público” (1961/1978).

Para Moscovici, o conhecimento científico e conhecimento do senso comum não são opostos, mas diferem em relação à elaboração e função. O primeiro é elaborado através de pesquisas e observação e tem como função provar ou refutar uma teoria científica. Já o conhecimento de senso comum é a construção da realidade de um sujeito sobre determinado objeto, a representação social, que ocorre através dos processos sócio-cognitivos de objetivação e ancoragem (Santos, 2005).

O estudo das representações sociais contribui ao entendimento de como os indivíduos pensam e orientam as suas ações. As funções da representação social são: função de saber (que permite a comunicação), função de orientação (orientam práticas sociais), função justificadora (justificam as condutas em relação a alguns objetos) e função identitária (contribui para a construção de uma identidade grupal, assim como uma diferenciação inter-grupal) (Santos, 2005).

Para ser alvo de representação social, o objeto precisa necessariamente ser polimorfo (assumir várias formas) e apresentar relevância cultural para o grupo (Santos, 2005). A família pode ser considerada objeto de representação porque é um objeto “polêmico, polissêmico e relevante” para as pessoas (Vasconcellos, 2013, p. 24), visto que homens e mulheres se comportam de maneiras específicas

em relação à família, as funções são exercidas de forma diferente em cada grupo (Vasconcellos, 2013).

Quais são as teorias de senso comum que os homens alcoolistas partilham sobre família? Como se caracterizam os processos por meio dos quais os homens alcoolistas constroem essas representações?

Objetivos

Objetivo Geral

O objetivo deste estudo foi identificar e analisar as representações sociais de família construídas por homens alcoolistas, de classe popular.

Objetivos Específicos

De forma mais específica, buscou-se:

- Conhecer os conjuntos de ideias, imagens, valores, normas e afetos que os participantes associam à família.
- Conhecer como a família (de origem e atual) é descrita no discurso sobre trajetória de vida de homens alcoolistas.
- Analisar as representações sociais dos homens alcoolistas sobre outros objetos relevantes: masculinidade, paternidade, conjugalidade e alcoolismo em suas relações com o objeto-alvo (família).

Justificativa

O estigma do alcoolista pode trazer dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Ao mesmo tempo, as representações sobre masculinidade também podem

comprometer essa inserção e a busca pelos ambientes de cuidado, repercutindo de forma negativa e acarretando riscos para a saúde do homem (Brasil, 2008).

Tendo em vista as experiências e os estudos mencionados sobre a percepção naturalizada dos profissionais de saúde sobre o homem e sobre o alcoolista e as representações de masculinidade, considerou-se importante conhecer as perspectivas dos próprios usuários sobre trajetória de vida e família e aproximá-los da prática profissional nos serviços de APS, tendo-se em vista a intervenção com Grupos de Promoção da Saúde.

Os resultados do presente estudo buscaram contribuir para a reflexão sobre as políticas públicas de saúde e para a construção de práticas voltadas à população masculina e à dependência de álcool, a fim de desnaturalizar e enriquecer a percepção dos profissionais sobre os temas referidos.

O estudo objetivou compreender representações sociais de família partilhadas por homens alcoolistas. A maioria dos estudos investiga a relação da família com o alcoolista (membros consanguíneos ou que convivem com ele) e as estratégias que utilizam para lidar com o alcoolismo. O presente estudo buscou uma mudança de perspectiva, dando voz ao sujeito alcoolista e às suas representações sociais.

Aspectos Éticos

O trabalho seguiu as orientações e exigências éticas da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)* (Apêndice III), obtendo o esclarecimento sobre os objetivos, a metodologia e a garantia de anonimato, dentre outras

diretrizes da Resolução. Após aprovação no exame de qualificação, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo, com o parecer número 1.775.560.

A orientação por professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) foi utilizada como espaço para discussão de cuidados éticos referentes ao estudo. As supervisões incluíram descrições das principais impressões da pesquisadora sobre cada entrevista e participante, assim como a identificação de possíveis vieses, de forma a amenizá-lo durante o procedimento de coleta e análise de dados.

Panorama dos Estudos

A pesquisa foi composta de dois estudos qualitativos. Rallis e Rossman (1998) definem algumas características de uma pesquisa qualitativa, dentre elas: a) o foco em dados emergentes ao invés de pré-configurados; b) a visão ampla e análise dos fenômenos sociais de forma integral; c) a reflexão do pesquisador sobre seu papel e sobre como seus interesses perpassam o estudo.

O último ponto destaca o “papel do pesquisador”, a necessidade de cooperação e refutação de ideias na construção e reconstrução do conhecimento. Sendo considerado um movimento fluido, o conhecimento precisa de inovação. Nesta perspectiva, o pesquisador exerce papel ativo, sendo desafiado diariamente a pensar novas estratégias e formas de estudar os fenômenos sociais (Spink, 2015).

Para tanto, no Estudo 1 foram investigadas as representações sobre a família de origem e atual, assim como os objetos de representação social,

construídos a partir da trajetória de vida dos homens alcoolistas. Enquanto que no Estudo 2, procurou-se, principalmente, identificar e analisar o núcleo figurativo (Moscovici, 1961/1978) das representações sociais sobre família construídas por homens alcoolistas.

CAPÍTULO II

PARTICIPANTES DO GRUPO DE HOMENS

Dados Sociodemográficos

A média da idade dos participantes foi de 60,1 anos, variando entre 44 e 73 anos. Em relação à escolaridade, três participantes não escolarizados, cinco contavam com ensino fundamental incompleto, um com ensino médio incompleto e outro ensino técnico. Todos os participantes começaram a trabalhar na infância/adolescência, sendo a média de idade para início do trabalho 11,4 anos, com variação entre 8 e 16 anos de idade. Quanto à situação de trabalho, seis estavam aposentados, dentre os quais três mantinham atividade laboral, um dos participantes recebia auxílio do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) por causa de um problema na coluna vertebral, um estava empregado e dois desempregados.

O estado civil de seis participantes era casado, três estavam solteiros (mas tiveram pelo menos uma união estável em sua trajetória de vida) e um viúvo. Apenas dois participantes não tiveram filhos, sendo que um deles perdeu uma filha recém-nascida. A morte de filhos aconteceu em quatro casos: dois participantes também tiveram a perda de recém-nascidos e outro teve o filho com idade de 24 anos assassinado, o que foi relacionado pelo participante ao tráfico de drogas.

Sobre a situação socioeconômica, os salários variaram entre R\$3.500,00 e R\$77,00 (auxílio do Programa Bolsa Família). Os usuários residiam em bairros de classe popular, caracterizados por índices altos de violência e problemas de infraestrutura. Em relação ao local de origem, três participantes nasceram em

outros estados, outros três nasceram no interior do Espírito Santo e quatro em Vitória, local do estudo.

Quanto à religião, seis participantes definiram-se como católicos, porém dois deles não se consideravam praticantes, um definiu-se como evangélico praticante e os demais não tinham religião. Quando questionados sobre a cor de pele, sete consideraram ter a cor morena, um cor branca e os outros dois, parda e amarelada. Dentre os dez usuários entrevistados, somente um participante possuía plano de saúde privado.

Breve Histórico dos Participantes

O Breve Histórico dos Participantes foi apresentado a partir do relato dos homens sobre a trajetória de vida, sendo utilizados nomes fictícios para cada participante.

ARTUR é membro de uma família de 19 irmãos. Tem 65 anos de idade, é casado há 40 anos e tem três filhos. A primeira filha é fruto de um relacionamento da adolescência e com ela não mantém nenhum vínculo. Já os filhos são frutos do casamento e foram criados por ele e sua esposa. Nasceu em Campos dos Goytacazes-RJ e mudou-se sozinho para Vitória-ES quando tinha 25 anos, onde reside até hoje. Parou de estudar ainda novo, não sendo alfabetizado. Trabalha desde os 10 anos de idade e atualmente está aposentado. É católico não praticante.

ARNALDO é o quinto filho de uma família de 14 irmãos. Durante a entrevista relata que alguns irmãos morreram na infância em decorrência de doenças, como sarampo e varicela. Tem 66 anos de idade, é casado há 36 anos e tem um casal

de filhos. Nasceu em Nova Venécia, interior do Espírito Santo, e mudou-se algumas vezes para Vitória, entre idas e vindas de sua cidade natal. Parou de estudar ainda novo, não sendo alfabetizado. Trabalha desde os oito anos de idade e atualmente recebe auxílio doença do INSS, devido a um problema de coluna que o impede de exercer a função de eletricista. É católico praticante. Dentre os participantes é o único que possui plano de saúde privado.

ADRIANO tem quatro irmãs mais velhas e um irmão mais novo (este último por parte de pai). Seus pais eram alcoolistas e não tinham condições de criá-los, portanto ele e sua irmã mais velha foram acolhidos pela avó paterna. Tem 44 anos e atualmente mora com sua ex-esposa, com quem manteve união estável durante 30 anos. Teve uma filha que morreu recém-nascida, mas ajudou sua ex-esposa na criação de seus três enteados (duas mulheres e um homem). Nasceu em Vitória e reside no mesmo bairro desde sua infância. Parou de estudar na terceira série, mas considera-se alfabetizado, relata que “aprendeu pelo mundo”. Trabalha desde os 11 anos de idade e atualmente está aposentado. É católico não praticante.

ALEX é o caçula de uma família com quatro irmãs e um irmão mais velho. Tem 67 anos e é casado há 43 anos e tem dois filhos frutos dessa união. Nasceu em Vitória e não concluiu o ensino fundamental. Trabalha desde os 14 anos de idade como serralheiro e, apesar da aposentadoria, permanece trabalhando em sua serralheria. É católico praticante.

DANILO é o quinto filho de uma família de sete irmãos, quatro mulheres e três homens, sendo ele o único filho homem ainda em vida. Tem 64 anos, é casado há 35 anos e tem quatro filhas frutos dessa união. Nasceu em Aracruz, interior do Espírito Santo, e mudou-se com um ano de idade para Vitória acompanhado de

seus pais. Na época, seu pai buscava emprego na cidade. Não concluiu o ensino fundamental, parou de estudar na quarta série. Teve uma união estável de três anos antes de casar-se com sua esposa. Trabalha desde os 12 anos de idade e atualmente é dono de um bar no bairro. É católico praticante.

EDUARDO é o sexto filho de uma família com doze irmãos. Tem 73 anos e é casado há 48 anos, tendo seis filhos (três casais) frutos dessa união. Nasceu em Caratinga-MG e mudou-se para Vitória quando todos os filhos já haviam nascido, o motivo foi oportunizar estudo para os filhos e trabalhar com carteira assinada. Começou a trabalhar aos 10 anos de idade como lavrador, ajudando seu pai na roça. Não estudou, considera-se analfabeto. É aposentado e evangélico praticante.

JORGE tem treze irmãos, sendo ele e mais seis do casamento de seu pai com sua mãe e os outros sete filhos do pai com a madrasta. A mãe morreu de pneumonia quando ele tinha dois anos de idade. Tem 53 anos, solteiro, teve uma união estável de oito anos, mas não teve filhos com sua ex-companheira. Nasceu em Vitória e trabalha desde os 13 anos de idade e já atuou em várias funções, a última como segurança em um *shopping*. Não concluiu o ensino fundamental. Atualmente está desempregado e não tem religião.

NATAN é filho único por parte de mãe e foi criado por ela e por seu padrasto, conheceu seu pai biológico somente aos vinte anos de idade. Tem 58 anos de idade e mora sozinho. Teve uma união estável e um casal de filhos fruto do relacionamento, a ex-esposa teve um AVC e atualmente mora com os enteados que o proibiram de visitá-la. Nasceu em Cachoeiro de Itapemirim - ES e mudou-se com a mãe para Vitória com nove anos de idade. Trabalha desde os 12 anos e não

concluiu o ensino fundamental. Vive com o auxílio que recebe do Programa Bolsa Família. É católico não praticante.

RONALDO é o terceiro filho de uma família de sete irmãos (sendo uma irmã com paralisia infantil e a última adotiva). Tem 55 anos, casado há 29 anos e tem dois filhos (homens) com sua esposa. Nasceu em Vitória, cidade na qual permanece até os dias atuais. Tem o ensino médio incompleto e trabalha desde os 07 anos de idade. Atualmente exerce a função de porteiro e não tem religião.

RICARDO é um dos filhos mais novos de uma família de dez filhos, sendo cinco casais. Nasceu em Fortaleza – CE. Tem 56 anos de idade e foi casado duas vezes. Teve 31 anos de união com a segunda esposa que apresentou um câncer no colo do útero e faleceu. Tem onze filhos, seis homens (um deles foi assassinado) e cinco mulheres, e dezesseis netos. Concluiu o Ensino Técnico em Contabilidade e trabalha desde os 16 anos, atualmente está aposentado. Não tem religião.

CAPÍTULO III

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE TRAJETÓRIA DE VIDA E SOBRE FAMÍLIA EM HOMENS ALCOOLISTAS¹

O Estudo 1 buscou conhecer as representações sociais da família de origem e atual construídas a partir da trajetória de vida dos homens alcoolistas. Buscou-se analisar percepções sobre objetos relevantes: masculinidade, paternidade, conjugalidade e alcoolismo presentes no discurso de homens alcoolistas em suas relações com o objeto-alvo (família).

Método

Participantes

Participaram deste estudo dez homens alcoolistas usuários de uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Vitória (ES), integrantes de um grupo de promoção da saúde específico para a população masculina, com idade mínima de 40 anos. Essa idade mínima explica-se pelo interesse em abordar usuários que tenham longa trajetória de vida adulta e experiências de família diversificadas. A partir da experiência da pesquisadora com o Grupo de Homens, previu-se que o número de 10 participantes seria suficiente para os objetivos propostos. A depender dos dados coletados, mais participantes poderiam ser acrescentados ao estudo, para que se atingisse saturação (Pope, Ziebland & Mays, 2005), o que não foi necessário.

¹ A revisão de literatura/introdução foi contemplada no Capítulo I.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: a) ter mais de 40 anos; b) aceitar participar da pesquisa em caráter voluntário; c) não estar participando de reuniões do AA e/ou de algum outro grupo de mútua ajuda no momento da entrevista. Esse último critério tem como função permitir a comparação dos discursos sobre trajetória de vida e sobre família em alcoolistas participantes de grupos de mútua ajuda (relatados na literatura da área) e alcoolistas não participantes (abordados nesta pesquisa).

Instrumentos e Procedimentos

A coleta de dados foi organizada em dois momentos (Fase I e Fase II), considerou-se necessária essa divisão para realização de duas entrevistas semiestruturadas (uma em cada fase) e o tempo médio de duração (em torno de uma hora e meia cada) não comprometer o entendimento e o discurso do participante.

Fase I

Antes da realização das entrevistas semiestruturadas, aplicou-se um instrumento de triagem para problemas com o álcool (CAGE) e um questionário sociodemográfico.

CAGE – O instrumento foi validado no Brasil em 1983 por Masur e Monteiro para detectar casos de dependência de álcool, o nome diz respeito à abreviação em inglês das quatro perguntas cut-down, annoyed, guilty e eye-opener (Apêndice I).

O objetivo de aplicar o CAGE como primeiro instrumento da coleta de dados foi trazer maior segurança de que os usuários preenchiem critérios para a Síndrome de Dependência de Álcool (SDA), sem pretensão de ser um diagnóstico definitivo.

Questionário Sociodemográfico. Os participantes foram convidados a responder perguntas para caracterização do público investigado, tais como idade, escolaridade, estado civil, entre outras (Apêndice I). Por meio desse questionário, foi solicitado o nome do participante para organização do material da pesquisa. Foi explicado aos participantes que o acesso a essa informação estava restrito aos pesquisadores, respeitando a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde sobre o sigilo da identidade.

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada I. A primeira entrevista contemplou aspectos da trajetória de vida do participante (principais lembranças da infância, adolescência, vida adulta e fase de vida atual), com ênfase nas relações do participante com a família de origem. Por exemplo: Como era/é a relação com seus pais (e/ou cuidadores)? Como era/é a relação com seus irmãos? (Apêndice I)

A escolha dos participantes foi realizada a partir da aplicação do CAGE durante um dos encontros no Grupo de Homens (realizada individualmente pela pesquisadora). A partir daí foram convidados a participar apenas aqueles que responderam afirmativamente a duas ou mais questões, critério estabelecido pelo instrumento para detecção da Síndrome de Dependência de Álcool (SDA), tal como descrita pela Classificação Internacional das Doenças, CID-10 (OMS, 1994).

O procedimento de coleta de dados aconteceu na USF participante. O local utilizado foi reservado para entrevista individual, livre de interrupções e ruídos para não prejudicar o andamento da entrevista e a gravação em áudio.

A pesquisadora entrou em contato direto com os participantes para marcar as entrevistas que foram divididas em dois encontros. No primeiro encontro, foi aplicado o questionário sociodemográfico e a primeira entrevista semi-estruturada sobre a trajetória de vida dos participantes. Importante ressaltar que a entrevistadora dedicou cerca de 20 minutos para uma questão aberta, sendo utilizada como pergunta inicial: O que você pode dizer sobre sua história de vida?

Fase II

Foi utilizado o *Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada II*. A segunda entrevista foi realizada em data posterior àquela da primeira entrevista e teve como tema principal as percepções do participante sobre a família atual (esposa e filhos). Por exemplo: Quais eram as suas expectativas em relação à constituição de sua família? Foram alcançadas? Outro ponto abordado foi o alcoolismo relacionado à trajetória de vida do participante. Por exemplo: Você acredita que o consumo de álcool interferiu/interfere na sua história de vida? Em caso afirmativo, como? (Apêndice II).

Análise de Dados

Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 1977/2011). O tema é considerado “um núcleo de sentido” acessado através do discurso do participante, ou seja, uma ideia ou crença expressa de forma implícita ou explícita nesse discurso. É dividida em três etapas, como segue: 1) coleta e transcrição dos dados; 2) recorte do discurso produzido e identificação dos temas; 3) identificação de categorias e exposição dos resultados.

Primeiro, transcreveu-se o material, obtendo-se o “material empírico bruto” das entrevistas. No segundo momento foi realizada a leitura exaustiva do material e de forma sistemática alguns “recortes”, pois a identificação dos Temas permitiu uma linguagem mais formal e a redução do material empírico (Bardin, 1977/2011).

No terceiro momento ocorreu a junção dos temas em Categorias, a partir do “procedimento de comparação constante”, essa etapa permitiu a modificação de alguns temas e a síntese do material (Bardin, 1977/2011, Pope, Ziebland & Mays, 2005).

Resultados

Após leitura exaustiva das entrevistas transcritas e categorização de acordo com os objetivos do estudo, identificaram-se sete categorias que agruparam os núcleos de sentido (temas): Quadro 1) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas memórias de infância; Quadro 2) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas memórias de juventude; Quadro 3) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre a idade adulta; Quadro 4) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre a família de origem; Quadro 5) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre conjugalidade e família atual; Quadro 6) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre paternidade; Quadro 7) Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre consumo de álcool e família. Apresentam-se, a seguir, quadros que resumem os resultados da análise de conteúdo temática, na forma de subcategorias e de temas, seguidos de descrições.

Quadro 1. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas memórias de infância

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Recordações positivas da infância	Fartura de comida na fazenda (local de origem)
	Gostava de frequentar a escola
	Aprendeu a profissão com o pai
	Brincadeiras com amigos na rua
Piores momentos vividos na infância	Dificuldade financeira dos pais e falta de comida
	Perda/morte dos irmãos e entes queridos
	Reprovação na Escola
Trabalho e responsabilidade com a família de origem na infância	Abandono do estudo em prol do trabalho e busca de melhor condição financeira
	Ajudava a mãe em casa

O Quadro 1, relacionado às memórias da infância dos homens alcoolistas, agrupa temas de relatos de participantes sobre as melhores e piores recordações da época. Foram identificadas três subcategorias: recordações positivas da infância; piores momentos vividos na infância e; trabalho e responsabilidade com a família de origem na infância.

Em relação às recordações positivas da infância os participantes que moravam em fazendas no interior destacaram a fartura de comida, pois eles “plantavam e colhiam” o próprio alimento com a sua família de origem, como exemplificado nas falas: *“Na fazenda tinha a parte de fazendeiro de cana, tinha a parte do fazendeiro de café e arroz, feijão e nós tinha a nossa parte também”* [Artur], *“O que a gente plantava a gente colhia, colhia era muito mesmo, era fartura*

né” [Arnaldo]. A escola também aparece de maneira positiva, o local é percebido como lugar de prazer e aprendizado para os participantes: *“É muito gostoso sair assim pra escola, sala de aula, eu gostava muito de estudar”* [Danilo].

Apesar de a maioria dos participantes relatarem o trabalho com a família, apenas Adriano citou o aprendizado da profissão com seu próprio pai, este lhe ensinou o ofício de pedreiro aos 11 anos de idade: *“A profissão que eu aprendi foi ele que me ensinou. Eu tive prazer de trabalhar com o meu pai”*. Por fim, todos os participantes relataram sobre as brincadeiras com os amigos na rua, em comum citaram: estilingue, peão e futebol. Outras brincadeiras, citadas apenas uma vez, foram “roubar fruta”, “tomar banho de chuva”, polícia e ladrão e ler gibis.

Os participantes também recordaram os piores momentos vividos na infância. Artur destacou a não realização de um sonho por falta de condições financeiras da família. Enquanto isso Danilo e Ricardo relataram com tristeza a dificuldade financeira dos pais e a falta de comida em casa, inclusive, destacando que por muitas vezes eles abriam mão de comer para alimentar os filhos: *“A pior é quando assim chegava em casa e não tinha comida pra comer [...]Você visse a sua mãe deixava de comer pra dar pra você, isso aí é a mãe que faz isso”* [Danilo], *“Se não tá recebendo [o pai] não tem como pagar e não tem quem venda e pai e mãe tirando da boca pra dar aos filhos”* [Ricardo].

Todos os participantes falaram sobre a perda/morte dos irmãos e entes queridos na infância, entretanto Arnaldo foi o único a dar explicações sobre como essas mortes ocorreram. No caso, as crianças morriam de doenças como varicela, sarampo, entre outras, pois não havia vacinação e prevenção dessas doenças, o participante lembrou-se que teve sarampo e quase veio a óbito. Apenas Alex

relatou sobre a reprovação na escola como uma recordação triste na infância, pois precisou repetir o ano e a mãe bateu nele quando soube da reprovação.

A subcategoria trabalho e responsabilidade com a família de origem na infância apareceu relacionada às duas subcategorias anteriores, com dois temas em destaque: o abandono do estudo em prol do trabalho e busca de melhor condição financeira e ajudava a mãe em casa. Os participantes destacaram a responsabilidade, que tinham desde crianças, no cuidado com a família, tanto em relação aos serviços domésticos, ajudando a mãe, como na busca por trabalho para melhor condição financeira. Alex destacou a ajuda que prestava à mãe nos serviços domésticos: *“Eu era muito caseiro, eu ficava em casa ajudando a mamãe, pegava a água no poço lá embaixo, enchia o tonel de dez litros lá toda hora”*. Episódios de fadiga, cansaço físico e mental foram utilizados para explicar o abandono dos estudos e a escolha pelo trabalho formal, como destacado por Artur: *“Serviço de roça cansa muito. Sair pra estudar a noite [...] Ele [o professor] tava falando e a gente tava cochilando, entendeu? [...] não entrava nada na mente da gente”*.

Danilo destacou morar sozinho desde jovem pelos seguintes motivos: busca de melhor situação financeira, não ser uma despesa para os pais e ter a possibilidade de ajudar a família: *“fui embora pra São Paulo, aí eu parei, mas aí eu gostava muito [de estudar]”*.

Quadro 2. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas memórias de juventude

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Recordações positivas da juventude	Festas e namoro na juventude
	Responsabilidade de ser o “provedor” na juventude

	Boa situação financeira em decorrência do trabalho
Piores momentos vividos na juventude	Gastos excessivos com festas e falta de planejamento para o futuro: “viver o agora”
	Causava brigas (violência) em festas
O consumo de álcool e outras drogas na juventude	O consumo de álcool com o pai relacionado à virilidade/masculinidade
	O consumo de álcool como vício
	Recusa de convite para uso de drogas ilícitas
	Experimentou drogas ilícitas, mas o vício se manifesta apenas em relação ao álcool

O segundo quadro, memórias da juventude, agrupa as recordações dos participantes sobre os melhores e piores momentos vividos na adolescência e no início da vida adulta. Foram identificadas três subcategorias: recordações positivas da juventude; piores momentos vividos na juventude e; o consumo de álcool e outras drogas na juventude. Vale destacar que Natan foi o único participante a não citar a juventude durante a entrevista sobre trajetória de vida.

Segundo os participantes, as recordações positivas da juventude estão relacionadas aos temas festas e namoro na juventude, responsabilidade de ser o “provedor” na juventude e boa situação financeira em decorrência do trabalho.

Todos os participantes (exceto Natan) citaram a juventude como um período de festas e namoro. Arnaldo destacou que ele e seu irmão gostavam muito de dançar e saíam com frequência à noite. Entretanto, sempre mantiveram o compromisso de trabalhar na roça com o pai no outro dia pela manhã e às vezes não tinham tempo de dormir. Nota-se que a juventude foi marcada tanto pela diversão (ir para festas) quanto pela responsabilidade com o sustento da família (trabalho com o pai).

A responsabilidade com a família de origem também apareceu na entrevista de Eduardo, porém o participante afirmou que quando seu pai parou de trabalhar ele assumiu a responsabilidade de manter a família, ou seja, tornou-se o “provedor” e tinha obrigações por ser o irmão mais velho que ainda morava com os pais, como na fala: *“Chegou certa idade meu pai não pode trabalhar e ainda tinha os irmão pequeno, eu cuidei de tudo, sempre tive aquela obrigação.”*

Por fim, Alex, Danilo e Ricardo relataram boa situação financeira em decorrência do trabalho quando eram jovens. Alex destacou o trabalho na serralheria e a conquista de um negócio próprio, Danilo relatou a mudança para vários estados do Brasil em busca de melhores oportunidades e ganhos e Ricardo sobre a independência financeira, uma parte para ajudar a família de origem e a outra para gastos com namorada e festas. Conforme descrito nas falas: *“Eu sempre na adolescência, já tava trabalhando lá na oficina e aquilo foi subindo cada degrau [...]eu ganhava bem”* [Alex], *“Depois que eu comecei a trabalhar eu dava uma parte em casa né, a outra não, a outra era pra curtir com as meninas esse negócio tudo, então foi bom demais”* [Ricardo].

A maioria dos participantes se referiu à fase da juventude caracterizando-a como “viver o agora”. Notou-se que o tema foi colocado de uma forma negativa pelos participantes, relataram muitos gastos com festas e falta de preocupação com o futuro, principalmente em relação às questões financeiras e bens materiais. Inclusive, o participante Danilo relatou que, se não fossem os gastos excessivos na juventude, poderia residir atualmente em outro bairro da cidade: *“Hoje eu não tava morando lá em cima do morro, hoje eu podia tá num apartamento, entendeu, então o que acontece é isso, gastei muito, muito doido”*. Além disso, Arnaldo destacou a

agressividade e violência como aspectos da juventude, pois causava brigas em festas quando era jovem, algo que não acontece mais na idade adulta.

De acordo com os participantes: *“Não pensa muito no dia de amanhã. Ele pensa: ah sou jovem. Só pensa, sou jovem, que se dane o mundo, quer que o mundo vire de cabeça pra baixo. E não é por aí”* [Artur], *“Depois que a gente passa pra fase do adulto, a gente tem que pensar no melhor dali pra frente [...] não esquentava muito a cabeça pra adquirir coisa material”* [Arnaldo], *“Porque a gente quando tá novo, qualquer coisa é festa”* [Adriano], *“Vivia o momento, só o momento, esquecia que o amanhã seria outro dia. Tinha dia que eu saía de lá da empresa com o bolso ‘estufado’ quando chegava no outro dia quase não tinha dinheiro pra passagem”* [Ronaldo].

Na subcategoria consumo de álcool e outras drogas, os temas foram: o consumo de álcool com o pai relacionado à virilidade/masculinidade, o consumo de álcool como vício, recusa de convite para uso de drogas ilícitas e experimentou drogas ilícitas, mas o vício se manifesta apenas em relação ao álcool.

Com menção ao primeiro tema, Artur e Ronaldo relataram sobre o consumo de álcool com o pai. Artur se mostrou pela primeira vez “como adulto” frente ao pai pelo ato de beber, o que fez a marcação simbólica dessa situação foi justamente o álcool: *“Pedi duas cachaças e uma cerveja: toma aí coroa. Tipo, agora que eu sou de maior, respeitar meu pai tudo bem [...] mas chega de ficar escondendo dele, do meu vício”*.

Já Ronaldo relatou que o primeiro consumo de álcool aconteceu com o pai. Enquanto o esperava em um bar, pediu um copo e “insistiu” para tomar uma cerveja com ele. O pai no primeiro momento recusou, mas depois permitiu. Segundo o

participante, foi o primeiro contato, mas depois a situação foi se agravando e ele aumentou a quantidade do consumo. Como exemplificado a seguir: *“Pronto, aí fui tomando “intimidade” com o álcool [...] mas foi um dos primeiros contatos que fui tendo, daí foi só agravando, a quantidade e aí assim to até hoje”*.

Após a marcação simbólica do consumo de álcool com o pai, os mesmos participantes destacaram o consumo de álcool como vício, como nas falas: *“é o vício que eu já passei sobre minha vida [...] Pra mim isso são os dependentes, só fica bom depois que tomar o álcool, aí bebe e melhora”* [Artur], *“Ah aos 13 anos eu já, não me considerava, mas eu já começava a virar alcoólatra”* [Ronaldo].

O participante Alex também falou sobre o alcoolismo e algumas perdas (lazer, financeira, prazer) advindas do consumo excessivo de álcool: *“Esse alcoolismo que antes era diversão, entendeu, me tirou muito dinheiro, muito lazer [...] me tirou o ânimo, meu prazer tava no boteco. Eu to saindo fora [...] Eu descobri que o alcoolismo é o pior vício que tem”*.

Por fim, a maioria dos participantes destacou a recusa de convite para uso de drogas ilícitas, relataram que tiveram oportunidade de experimentar e mantêm contato com pessoas que consomem drogas ilícitas, mas nunca tiveram a curiosidade de utilizá-las. Em contrapartida, Ronaldo foi o único que experimentou drogas ilícitas, mas o vício se manifesta apenas em relação ao álcool. O participante relata ter experimentado maconha, crack e cocaína, mas não ter interesse por outras drogas, além do álcool.

Quadro 3. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre a idade adulta

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Constituição de uma família	Expectativas de constituir uma família com mulher e filhos
	Pensava em viver sozinho, não planeja constituir uma família
Melhores acontecimentos na idade adulta	Casamento e nascimento dos filhos foram os melhores acontecimentos na idade adulta
	Mudar para Vitória foi o melhor acontecimento na idade adulta
Piores acontecimento na idade adulta	Sequelas de acidente de trabalho foram os piores acontecimentos na vida adulta
	Infarto que quase o levou a óbito
	A experiência da prisão (encarceramento) foi o pior acontecimento na vida adulta
Diferenças entre a juventude e a idade adulta	Aprende a ter mais responsabilidade com o trabalho na idade adulta
	Aprende a lidar com as pessoas na idade adulta
	Aprende a evitar brigas, principalmente agressão física
	Necessidade de mais cuidado com a saúde na idade adulta
Percepções sobre a terceira idade	O idoso não pratica atividade física
	A idade cronológica se manifesta na aparência física
	O idoso depende do cuidado de terceiros
	O idoso não tem vida sexual ativa

Estão agrupados no Quadro 3, percepções sobre a idade adulta, os núcleos de significação mencionados pelos participantes sobre os principais acontecimentos, as mudanças na transição da fase jovem para adulta e as percepções sobre a terceira idade. Um aspecto relevante foi que pela primeira vez falaram sobre a expectativa de constituir uma família. As subcategorias

identificadas foram: constituição de uma família; melhores acontecimentos na idade adulta; piores acontecimento na idade adulta; diferenças entre a juventude e a idade adulta e; percepções sobre a terceira idade

No tema expectativas de constituir uma família com mulher e filhos metade dos participantes relatou vontade de construir uma família, inclusive destacando a responsabilidade e o “lembrar do amanhã” como advindos do casamento e da paternidade. Por exemplo: *“Tenho que arrumar uma companheira [...] daí pra cá eu melhorei bastante [...] tinha pouco juízo. Quando eu passei a ter responsabilidade e a lembrar do amanhã, entendeu?”* [Artur], *“Eu vou me casar pra mim construir uma família que eu acho bonito o homi ter uma família, ter uma mulher assim que respeita, que tem família”* [Arnaldo].

Já o tema pensava em viver sozinho, não planeja constituir uma família apareceu nas demais entrevistas. Ronaldo destacou que não havia pensado em casamento antes de conhecer a sua atual esposa. E, Natan, apesar de não ter planejado o primeiro e único casamento, relatou a vontade de construir uma nova família.

Em relação aos melhores acontecimentos na idade adulta os participantes destacaram dois temas, casamento e nascimento dos filhos e mudança para Vitória. Arnaldo, Alex, Danilo, Natan e Ricardo relataram que o melhor acontecimento foi o casamento e nascimento dos filhos.

“Ah, a melhor coisa foi minha família né, minha família, as meninas tudo se gosta, eu gosto delas” [Danilo], *“A melhor pra mim foi conhecer a minha patroa. Foi o maior presente que eu tive na minha vida e meus filho que eu tive”* [Natan], *“Foi quando nasceu meu primeiro filho. Eu trabalhava o dia inteiro na firma, eu ficava*

doidinho que dava cinco horas da tarde pra eu chegar em casa e brincar com o meu menino” [Arnaldo], “Minha vida adulta, foi o nascimento dos meus filhos, entendeu. A mulher ter aguentado essas onda toda [relacionamento extraconjugal]. O nascimento deles foi importante, porque a mulher ficou quase quatro anos sem engravidar” [Alex].

Outro tema foi a mudança para Vitória, os motivos variaram entre desilusão amorosa [Artur], acompanhar a esposa [Arnaldo] e trabalhar com carteira assinada e proporcionar estudo aos filhos [Eduardo]. Este último relatou: *“Eu não queria fazer que meus filho ficasse igual eu, porque eles tudo estudou [...] se eu ficasse na roça os meus menino tudo era roceiro, então veio ‘praqui’ estudar”* [Eduardo].

Os piores acontecimentos na idade adulta comuns entre alguns dos participantes foram: sequelas de acidente de trabalho, infarto que quase o levou a óbito e a experiência da prisão (encarceramento). Jorge e Artur relataram situações envolvendo acidentes de trabalho. Jorge caiu de uma marquise e até hoje apresenta problemas no joelho como sequela do acidente. Já Artur quase veio a óbito, foi atropelado por um trem, o para-choque bateu em sua cabeça e ele ficou duas semanas em coma no hospital. Quando acordou, o médico falou sobre a possibilidade de sequelas. Apresentou cerca de quatro episódios de perda de memória. Em um desses episódios, acordou na delegacia e foi informado pelos policiais que no dia anterior estava *“fora de si”* e eles preferiram levá-lo para delegacia até que retomassem a consciência. Relata que é uma sensação muito esquisita, *“sinistra”*, mas que há cerca de dez anos isso não aconteceu novamente. Outro episódio de quase óbito foi relatado pelo participante Adriano que sofreu um infarto.

O tema prisão foi relatado pelos participantes Eduardo e Natan, mas em situações distintas. No primeiro caso, Eduardo cumpriu prisão domiciliar durante sete anos. Matou um homem por legítima defesa e foi absolvido pelo júri popular de forma unânime. No segundo caso, Natan foi preso por desacato a um policial. Contou que estava embriagado e se arrepende do fato.

Na subcategoria diferenças entre a juventude e a idade adulta os participantes descreveram vários aprendizados durante esta transição, como: ter mais responsabilidade com o trabalho, aprender a lidar com as pessoas e evitar brigas. Conforme as falas: *“Adulto você pensa, por exemplo, se você tem que sair pra trabalhar ou um objetivo pra fazer, qual a obrigação, deitar mais cedo pra amanhã tá inteiro pra poder resolver esse problema”* [Adriano], *“O bom que você de adolescente pra adulto, você aprende muita coisa, aprende como se trata os outro, aprende a lidar com todo mundo, adulto é assim”* [Eduardo], *“Já briguei muito, quando era novo já briguei muito, mas agora depois de adulto manerei mais, a gente vai tomando mais consciência das coisa”* [Jorge].

De acordo com Adriano, Eduardo e Jorge a vida adulta trouxe experiência de vida/aprendizado, por exemplo: compreensão sobre o que é certo e errado (questão moral), responsabilidade, aprender a lidar com os outros e mais consciência sobre os próprios atos.

Adriano, durante a entrevista, citou alguns exemplos sobre questões morais, como a devolução de uma carteira que não o pertencia e o compromisso com o trabalho, mais especificamente, o comparecimento ao serviço mesmo diante da dificuldade de uma greve de ônibus.

Também apareceu como importante a necessidade de mais cuidado com a saúde na idade adulta. Adriano, Alex e Danilo falaram sobre um cuidado maior com a saúde hoje em dia em comparação com a juventude, o aumento da idade e as limitações físicas, além de um acompanhamento para evitar problemas de saúde, como destacaram: *“Hoje em dia eu penso muito em cuidar da minha saúde que é o primeiro lugar, cuidar também de quem me ajuda, porque a gente nunca pode esperar a pessoa ajudar a gente e a gente não retribuir”* [Adriano], *“É outra história por causa da minha idade né, hoje em dia eu não posso fazer aquilo que eu fazia antes”* [Alex]. O participante Danilo, por exemplo, lembrou que faz exames periódicos após episódio de infarto que quase o levou a óbito.

Durante a entrevista, os participantes responderam à seguinte questão: Você se considera idoso? Por quê? A única resposta afirmativa foi do participante Adriano, o mais novo dentre os homens: *“me considero entrando já pra essa idade [...] O modo de vida que a gente leva [...] não tenho tempo pra conversar com um colega jovem [...] Agora uma pessoa mais da minha idade eu tenho tempo pra conversar”* [Adriano].

Os demais responderam que não se consideram idosos, a partir dessa afirmação surgiram os seguintes temas: o idoso não pratica atividade física, a idade cronológica se manifesta na aparência física, o idoso depende do cuidado de terceiros e o idoso não tem vida sexual ativa.

Artur, Danilo e Ronaldo destacaram a prática de atividade física como algo que mantém a juventude, destacando que se sentem dispostos para caminhar, correr e jogar bola, ou seja, idosos não conseguiriam fazer o mesmo pelas limitações físicas. Conforme relatam: *“caminhar, correr, jogar bola, não é pra*

qualquer um não. Eu me sinto um garotão [Artur], *“Eu não me sinto velho não, to andando pra caramba”* [Danilo], *“Você vê nas ‘peladinha’ que a gente brinca aí, nos jogos que a gente for fazer eu me solto [referindo-se ao Grupo de Homens], me solto. Eu hoje me sinto mais criança do que quando eu era criança”* [Ronaldo].

Sobre o tema aparência física, Danilo comparou-se com um amigo e relatou sentir-se bem com sua aparência. Pelo contrário, Ronaldo e Ricardo destacaram que se fosse apenas pela aparência física poderiam considerar-se idosos, mas consideraram que a idade é algo que vai além da *“idade cronológica”* e das *“rugas”*. Inclusive, Ricardo brincou com a situação e relatou que usufrui de benefícios por uma aparência mais velha para andar de ônibus gratuitamente.

O tema idoso depende do cuidado de terceiros foi um dos destacados pelos participantes Alex, Arnaldo e Jorge. Arnaldo negou ser idoso e relatou ter *“disposição”*, o contrário de quem depende de outras pessoas, enquanto os outros relataram sobre a noção de dependência: *“Eu não, porque idoso mesmo eu acho assim que depende de pessoas estar cuidando, tá andando junto né”* [Arnaldo], *“Idoso é aquela pessoa que depende de uma pessoa pra tá acompanhando, pra andar, esses negócio [...] cinquenta ano, sessenta ano aí não é idoso [...] quando chega a velhice a pessoa tem que ser dependente de alguém”* [Jorge].

Ricardo, Natan e Eduardo falaram sobre o tema Vida Sexual Ativa, ou seja, não se consideram idosos porque, respectivamente, amam a esposa, sentem atração por ela e/ou praticam atividade sexual. *“Não me sinto idoso, tenho saúde, eu faço coisas que tem pessoas com metade da minha idade que não faz, até amar ainda amo”* [Ricardo], *“Namorar, por exemplo, tem menino aí que fala: não tá com nada [...] Aí eu falo pra ele: vamo provar? Tenho uma atração”* [Natan], *“As coisa*

que eu tinha que fazer eu faço até hoje. Relação sexual. Graças a Deus, vivo satisfeito, ela também satisfeita” [Eduardo].

O participante Ronaldo também negou a terceira idade, mas fez uma comparação com o passado e relatou sentimento de juventude porque aderiu às novas tecnologias: *“Então eu hoje to mais [...] não sei se é por causa da tecnologia, mas hoje eu to tendo mais acesso às coisas que eu não tinha antigamente [referindo-se a um tablet]”.*

Quadro 4. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre a família de origem

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Relação e convivência com a Família de Origem	Relação e convivência carinhosa com a família de origem na infância
	Pouca convivência com a família de origem na infância
	Pouca convivência com a família de origem na atualidade
	Não mantém contato com a família de origem na atualidade
	Pessoas mais importantes na trajetória de vida (pais e avó)
Relação com os pais	Os pais ensinaram respeito ao próximo e honestidade
	Clima amistoso entre os pais
	Falta de diálogo entre os pais
	Brigas entre os pais
	Aparência física e personalidade parecida principalmente com a figura paterna: “Filho de Peixe, Peixinho é”
	Morte dos pais
Figura paterna	Pai amigo
	Pai honesto
	Pai rigoroso

	Pai alcoollista
	Pai é aquele que cria
Figura materna	Mãe trabalhadora
	Mãe rigorosa
	Mãe alcoollista
Relação e convivência com os irmãos até a atualidade	Relação e convivência próxima com os irmãos até a atualidade
	Nenhuma ou pouca relação e convivência com os irmãos até a atualidade

O Quadro 4, percepções sobre a família de origem corresponde às respostas em relação ao responsável pela família na infância e juventude, à relação conjugal dos pais, relação com os pais e/ou responsáveis, relação com os irmãos e ligação com a família na atualidade. Foram verificadas as seguintes subcategorias: relação e convivência com a família de origem; relação com os pais; figura paterna; figura materna e; relação e convivência com os irmãos até a atualidade.

A subcategoria relação e convivência com a família de origem foi dividida de acordo com a percepção de cada participante sobre a convivência com os pais e irmãos, destacando-se os temas: relação e convivência carinhosa com a família de origem na infância, pouca convivência com a família de origem na infância, pouca convivência com a família de origem na atualidade, não mantém contato com a família de origem na atualidade e pessoas mais importantes na trajetória de vida (pais e avó).

Os participantes Artur, Arnaldo, Adriano e Danilo destacaram a relação e convivência carinhosa com a família de origem na infância, lembrando-se de quando moravam com seus pais (no caso de Adriano com a sua avó) e a convivência e as brincadeiras com os irmãos, conforme destacado nas falas:

“Lembrar deles é aqueles momentos que nós ‘convivemos’ tudo juntos [...] Isso daí eu só tenho que agradecer a Deus, ter o pai que eu tive, ter a mãe também [...] A gente tinha esse diálogo bom” [Artur], “A gente brincava muito, morava tudo junto, dormia tudo [...] naquela época não existia colchão, era esteira. Era um quarto só pra nós, aí jogava a esteira lá [...] aqueles ratinho, diferença de um ano todos nós” [Arnaldo], “Minha relação com minha avó era muito ótima” [Adriano], “Meus pais e irmãos pra mim foi a principal coisa, a gente não tinha conflito, sempre nos demos bem” [Alex].

Pelo contrário, Danilo relatou pouca convivência com a família de origem na infância, pois saiu de casa cedo em função do trabalho e morou em outros Estados, mas teve a oportunidade de morar próximo à mãe após o casamento, dez anos antes de ela falecer. Enquanto Ricardo destacou pouca convivência com a família de origem na atualidade, pois seus parentes moram em Fortaleza-CE.

Esses participantes relataram manter contato com a família de origem até a atualidade, diferente de Natan. Segundo Natan a convivência com sua mãe na infância foi conturbada e tem pouca convivência com a família de origem na atualidade, tendo apenas um irmão (filho de seu padrasto) que é morador de rua e a família de seu pai, com a qual nunca buscou contato.

Quanto ao tema pessoas mais importantes na trajetória de vida, os pais foram os mais citados, assim como a avó de Adriano. Eduardo e Jorge também destacaram a importância dos pais, relatando a criação e cuidado que receberam durante a vida. Nos dois casos há o agradecimento pela criação e reciprocidade, afinal Eduardo ficou responsável pela família após o pai parar de trabalhar e Jorge atualmente ajuda no cuidado à saúde de seu pai. Como destacado: *“Primeiramente*

Deus, depois meu pai [...] porque quem cuidou de mim foi ele, hoje quem cuida dele sou eu” [Jorge].

Na categoria relação com os pais os temas foram identificados da seguinte forma: os pais ensinaram respeito ao próximo e honestidade, clima amistoso entre os pais, falta de diálogo entre os pais, brigas entre os pais, aparência física e personalidade parecida principalmente com a figura paterna: “filho de peixe, peixinho é” e morte dos pais.

Os participantes relataram pontos positivos nos ensinamentos dos pais, ou seja, na educação e criação, como exemplos: respeito ao próximo, compromisso e responsabilidade, honestidade e tranquilidade. *“O que ele (o pai) ensinou à gente foi a gente ser assim educado... Respeitar os outros pra ser respeitado” [Artur]* *“Meu pai me deu eu consigo até hoje né, respeitar as pessoas pra gente ser respeitado também né” [Arnaldo], “Se alguém me desse um esporro, um brigueiro, eu não ligava não, deixava pra lá, porque tem cara que é violento [...] Meu pai sempre foi um homem humilde, nunca brigou” [Alex], “O que eu sou hoje eu posso agradecer a ele [o pai], porque ele me ensinou muito. Apesar do álcool que ele usava muito, mas ele me ensinou a ser honesto” [Ronaldo], “A minha avó que me criou, meu modo é igual o dela [...] Se marcou compromisso você tem que ir, então tem que andar certo” [Adriano], Eu acho que foi eles, eles eram muito calmos, tranquilo. Eu acho que eu sou parecido com eles [os pais] [...] nunca briguei assim em rua” [Danilo], “Uma boa educação, uns pais bons [...] mamãe foi muito severa comigo, eu tinha do outro lado um pai muito bom, entendeu, que nos aconselhava, dava amor” [Ricardo].*

Quanto ao relacionamento dos pais, surgiram três temas: clima amistoso entre os pais, falta de diálogo entre os pais e brigas entre os pais. Danilo relatou um clima de harmonia entre o casal: *“Não tinha negócio igual que tem hoje, casal brigando, eu nunca vi eles brigarem, se eu vi foi eu não tava em casa, porque eu nunca vi, então eu acho que eu puxei a eles”*. Já Arnaldo destacou a falta de diálogo no relacionamento de seus pais, de acordo com o participante o pai era muito nervoso e a mãe evitava conversar com ele, pois tinha medo: *Meu pai e minha mãe mal se conversava [...] E minha mãe assim era uma pessoa legal pra caramba [...] ele era muito nervoso né, então ela tinha medo dele e evitava de conversar os dois*. Por fim, Ronaldo lembrou-se das brigas entre os pais, destacando sobre a embriaguez do pai. Segundo o relato, não havia violência física, mas o participante destacou a violência verbal (psicológica).

Em relação ao tema “filho de peixe, peixinho é”, a figura paterna foi a mais citada. Os participantes identificaram-se em sua maioria como parecidos fisicamente com o pai e alguns ainda citaram a mesma personalidade. Arnaldo relatou ser reservado como o pai e “não se intrometer na vida dos outros”, enquanto Danilo destacou a independência como a característica principal que o assemelha ao pai, como exemplificado nas falas: *“Não gostava muito assim de se intrometer na vida dos outros né e não gostava de coisa errada né [o pai], então eu puxei um pouco esse lado dele”* [Arnaldo], *“Toda a vida foi um homem lutador [o pai] pra viver independente. Eu puxei porque eu também faço isso, eu luto pra viver independente, não ficar com conta além do que eu não posso”* [Danilo]. Outros ainda relataram algumas características do pai, porém destacando as diferenças

entre eles, por exemplo, Artur lembrou-se que os irmãos tiveram relacionamentos extraconjugais, assim como o pai.

Ao contrário, Alex destacou a fidelidade do pai com a mãe, diferente do relacionamento dele com a esposa e ainda lamentou o fato de ser alcoolista “Eu tinha tudo para ser igual ao meu pai”: *“Meus atos é diferente do deles, porque ele nunca bebeu, eu já tinha o problema de bebida”*.

O único participante que citou a mãe foi Ricardo. Segundo ele, herdou o racismo da mãe e a bondade do pai. O participante relatou que todas as noras “são morenas” e ele aprendeu a conviver com elas, destacando que nutre sentimento de amor por todas: *“Hoje eu amo minhas noras e elas me amam. A melhor foi a meiguice, a bondade que papai me transmitiu, entendeu, ainda hoje eu sou assim, eu faço o bem sem olhar a quem”*.

No último tema desta categoria, os participantes falaram sobre a morte dos pais e destacaram a saudade que sentem, todos se emocionaram durante o relato. Isto foi exemplificado nas falas: *“É uma dor que nunca passa, fica aí pro resto da vida né”* [Artur], *“A gente sente saudade”* [Adriano], *“Perdi minha mãe com dois anos de idade [...] Minha mãe morreu de pneumonia. Sofrimento também, perca da minha mãe, perca dos meus irmão”* [Jorge], *“Ele [o pai] teve câncer na garganta por causa do álcool, teve cirrose [...] morreu atropelado num sábado à tarde era cinco horas [...]deixou saudade. Uma falta danada [...] não passa com o tempo”* [Ronaldo].

A subcategoria figura paterna agrupou falas dos participantes sobre a relação com os pais e as características marcantes, ou seja, os temas: pai amigo, pai honesto, pai rigoroso, pai alcoolista, e “pai é aquele que cria”.

Segundo os participantes Artur e Alex, uma característica da relação entre eles e a figura paterna foi a amizade, o pai amigo, este último ainda destaca que o pai priorizava o diálogo à violência física com os filhos: *“Pai era um excelente pai. Pai e amigo”* [Artur], *“Papai não batia na gente à toa, sempre procurou saber o que tava acontecendo [...] ele era calmo, papai sempre foi um homem correto”* [Alex].

Já Danilo e Ricardo destacaram a honestidade e responsabilidade de seus pais com o tema pai honesto, exemplificando com relatos sobre questões financeiras, como o pagamento das contas em dia e o respeito ao dinheiro recebido pela igreja. Como segue: *“Um cara responsável de moral, o que te devia procurava pagar direitinho, não amolava o vizinho com nada”* [Danilo], *“Papai foi ser evangélico [pastor] [...] mas papai nem o dízimo ele queria, o dízimo ele colocava como contribuição pra igreja porque o ordinário dele era muito bom, então ele não precisava disso”* [Ricardo].

Arnaldo destacou o pai como uma figura de autoridade, o pai rigoroso, não tinha diálogo com os filhos, mas mantinha a obediência através do medo que os filhos sentiam dele, como na fala: *“Meu pai também era um pouquinho malvado com a gente né, ele não dava colher de chá não [...] ele ainda tinha aquela mania de dizer ‘vou cuspir no chão, se secasse e não chegasse o coro comendo’”*.

Enquanto os participantes Adriano, Danilo, Jorge e Ronaldo falaram sobre o pai alcoolista. Danilo lembrou-se dos quatro cachorros que seu pai tinha, como o obedeciam e faziam sua “segurança” quando este bebia demais e não voltava para casa, “dormia no pé do morro”. Jorge destacou a mudança do pai que antes chegava bêbado em casa e depois começou a frequentar a igreja evangélica, cessando o consumo de álcool. E, Ronaldo, destacou a irresponsabilidade do pai

com a esposa e os filhos e lembrou-se de precisar buscá-lo por várias vezes no bar: *“Não tinha tanta responsabilidade conosco [o pai], porque ele saía cedo pra trabalhar, quando chegava já chegava bem ‘chapado’ [...] às vezes ele exagerava um pouco na bebida, cansei de trazer ele quase que no ombro pra casa”* [Ronaldo].

Por fim, Natan destacou a relação com o seu padrasto através do tema “pai é aquele que cria”, o padrasto que ajudou na sua criação, o participante teve pouco contato com seu pai biológico: *“Ele pra mim foi excelente, ele não deixou passar necessidade de nada não [...] eu considero ele [...] mais que meu pai, porque ele me criou”*. Portanto, aqui aparece a noção de paternidade vinculada a afeto, independente de laços sanguíneos.

Na subcategoria figura materna apareceram os temas: mãe trabalhadora, mãe rigorosa e mãe alcoolista. O tema mãe trabalhadora foi o mais citado pelos participantes, apareceram como atividade “lavar roupa pra fora”, “trabalhar na roça” e “em casa” (serviços domésticos).

Por sua vez, Adriano lembrou-se da mãe alcoolista, morou por um tempo com ela quando era pequeno, mas não tinha condições de criá-los. Alcoolista e vivendo um relacionamento de violência doméstica com o padrasto, ela preferiu entregar os filhos. No caso, ele e sua irmã mais velha ficaram com a avó paterna. Enfim, Alex e Ricardo relataram sobre a mãe rigorosa, destacando episódios em que elas os agrediam fisicamente: *“A mulher era brava pra caramba. Mamãe via a gente assim, metia o chicote”* [Alex]. *“Ela não batia devagarinho não, entendeu. Cipozinho, não tinha uma goiabeira que tivesse um cipó, porque ela quebrava tudo pra me bater e era eu o alvo de tudo e eu não era pior do que os meus irmãos”* [Ricardo].

Na subcategoria relação e convivência com os irmãos até a atualidade o primeiro tema mencionado foi relação e convivência próxima com os irmãos até a atualidade, os participantes destacaram a relação de carinho e afeto que mantêm com os irmãos, relatando sobre os encontros de família. Quanto ao segundo tema, nenhuma ou pouca convivência com os irmãos até a atualidade, Adriano, Eduardo, Ricardo e Natan falaram sobre um distanciamento em relação aos irmãos, demonstrando tristeza com a falta de convívio. Natan ainda relatou que seu único irmão [filho de seu padrasto] é morador de rua e já tentou levá-lo para morar com ele, porém houve recusa por parte do irmão.

Quadro 5. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre conjugalidade e família atual

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Casamento como fator de mudança positivo na trajetória de vida	Adquiriu bens materiais após o casamento
	Aumento de responsabilidade financeira e com o trabalho após o casamento
	Melhor trato com as pessoas após o casamento
	Manteve a rotina de quando era solteiro
Percepções sobre a esposa	A esposa é uma boa mãe
	A esposa é trabalhadora
	A esposa é a pessoa mais importante na trajetória de vida
Relação com a esposa	Relação carinhosa
	Relação de respeito e ajuda
	Relação “fria” com a esposa (falta de intimidade)
	Relacionamento extraconjugal
	Conviver com a família

Concepções sobre “Homem de Família”	Ter responsabilidade financeira
	Respeitar a família
Concepções sobre “Mulher de Família”	Ser fiel ao marido
	Ter respeito à moral masculina
	Cuidar da família (serviços domésticos)
	A mulher é uma figura essencial para a família: “sexo forte”
Concepções sobre o papel do homem e da mulher	Divisão no sustento da família e/ou de tarefas domésticas entre homem e mulher
	O papel do homem e da mulher é igual na criação dos filhos
	A mulher é mais trabalhadora
Separação	Ciúmes e uso de álcool foram os motivos da separação
	Mantém uma boa relação com a ex-esposa
	Não mantém contato com a ex-esposa

No que diz respeito ao Quadro 5, percepções sobre conjugalidade e família atual, foram agrupadas falas dos participantes sobre o casamento e suas interferências (ou contribuições) para os planos de vida, a relação com a esposa ou ex-esposa, além das percepções sobre ser um homem e ser uma mulher de família, citando o que aproxima e diferencia o papel de homens e mulheres. Desta forma, foram extraídas sete subcategorias: casamento como fator de mudança positivo na trajetória de vida; percepções sobre a esposa; relação com a esposa; concepções sobre “homem de família”; concepções sobre “mulher de família”; concepções sobre o papel do homem e da mulher e; separação.

A primeira subcategoria, casamento como fator de mudança, abrigou três temas: adquiriu bens materiais após o casamento, aumento de responsabilidade financeira e com o trabalho após o casamento, melhor trato com as pessoas após

o casamento e manteve a rotina de quando era solteiro. Mencionando o tema adquiriu bens materiais após o casamento, Artur e Arnaldo falaram sobre a conquista da casa própria, o último ainda a citou como única herança para os filhos: *“Aí depois que eu casei passei pro meu teto [casa própria] e to até hoje Graças a Deus.”* [Artur], *“A gente construiu bens materiais né, porque hoje eu tenho o que deixar pros meus filho, tenho casa”* [Arnaldo].

Nesta subcategoria, aumento de responsabilidade financeira e com o trabalho após o casamento foi o tema mais citado, os participantes fizeram uma comparação entre a vida de solteiro e casado, relatando que o casamento trouxe responsabilidade, principalmente em relação ao trabalho e sustento da família. Conforme exemplificado nos relatos, Arnaldo destacou que não pensava no futuro quando era solteiro: *“A gente quando é solteiro [...] só pensa mesmo nas balada, é o que eu pensava né. Eu pensava em trabalhar e curtir minha vida, mas não pensava de criar um futuro pra gente continuar vivendo”* Ricardo relatou que entregava o dinheiro para sua esposa administrar os custos da família: *“Essa outra [segunda esposa] me fez pensar melhor [...] Quando eu recebia o dinheiro pagava minhas continha no boteco, mas o dinheiro era na mão dela, porque ela sabia administrar, eu não sei administrar”*. E, Adriano, destacou que começou a trabalhar para ajudar a esposa no sustento dos enteados: *“Interferiu porque eu tinha que trabalhar entendeu. Eu já tinha parado antes entendeu [de estudar], aí fui conviver com essa ex-mulher minha, aí eu tinha que estudar ou cuidar dos filho dela e cuidar dela”*.

O tema melhor trato com as pessoas após o casamento foi citado apenas por Ronaldo, ele destacou que o casamento trouxe mais interesse por tecnologia e

a esposa o ensinou a ser carinhoso com as pessoas. No último tema, manteve a rotina de quando era solteiro, Alex destacou a mesma rotina após o casamento, principalmente após a chegada dos filhos. Segundo Alex a esposa começou a se preocupar com os filhos e ele ficou “solto”: *“Nóis saía muito também, mesma rotina minha de solteiro eu continuei com ela, minha esposa [...] aí que eu aumentei a bebida [...] Os filhos vieram, ela ficou mais se preocupando com os filho, aí que eu fiquei solto”*. Já Natan relatou manter a rotina, porém com mais tranquilidade após o casamento.

A segunda subcategoria diz respeito às percepções dos participantes sobre a esposa, divididos em três temas: a esposa é uma boa mãe, a esposa é trabalhadora e a esposa é a pessoa mais importante na trajetória de vida.

No primeiro tema, a esposa é uma boa mãe, Artur, Ronaldo e Ricardo destacaram o zelo e preocupação delas com os filhos. Ricardo ainda destacou a relevância da sua esposa na criação dos filhos, ela era dona de casa e responsável pela educação, enquanto ele trabalhava fora para o sustento financeiro da família: *“A educação dos meus filhos, porque eu não dei educação a filho nenhum meu, quem deu foi ela, porque quem ficava dentro de casa era ela, quem ficava com os filho era ela”*.

No segundo tema, a esposa é trabalhadora, Arnaldo, Danilo e Eduardo relataram sobre a importância da esposa no sustento da família. Arnaldo relatou que a esposa trabalha em casa de família e também é dona de casa: *“Ela é trabalhadeira [...] trabalha o sábado e o domingo [...] então ela chega em casa e o problema dela é que ela não deixa um pouco pra amanhã, faz tudo de uma vez só”*. Danilo destacou que a esposa têm dois serviços e ele pede para ela diminuir a

carga horária, porém ela prefere manter sua independência financeira, conforme ele relatou: *“Ela diz: quem vai pagar meus cartão? [...] falei pra ela, você paga o cartão que você deve e não compra mais”*. Enquanto Eduardo lembrou-se que a esposa começou a trabalhar depois dele e conseguiu se aposentar primeiro: *“Ela na época lavava roupa pros outro e depois ela fichou, porque o dia de amanhã é o seguro que você tem”*.

Por fim, quanto ao tema a esposa é a pessoa mais importante na trajetória de vida, os participantes destacaram algumas razões para a relevância da esposa ou ex-esposa: a força por aguentar o alcoolismo e os relacionamentos extraconjugais que já manteve [Alex], a ajuda da esposa em sua vida [Danilo], a ex-esposa que cuidou da sua mãe quando estava doente [Natan] e a mulher que gerou seus filhos [Ricardo].

A terceira categoria, relação com a esposa, referiu-se às percepções dos participantes sobre o relacionamento conjugal. Dentre essas, surgiram os temas: relação carinhosa, relação de respeito e ajuda, relação “fria” com a esposa (falta de intimidade) e relacionamento extraconjugal. Artur e Eduardo destacaram a relação carinhosa que mantêm com as esposas, Eduardo ainda acrescentou que ele e a esposa são a companhia um do outro e fazem tudo juntos: *“Excelente esposa [...] carinho que nós temos um com o outro”* [Artur], *“Aí ela quando eu saio: não demora não [...] O dia todo, nós almoça, deita, tira uma soneca, aí a mulher faz um cafezinho”* [Eduardo].

Os participantes Arnaldo, Danilo e Ricardo destacaram a relação de respeito e ajuda com suas esposas: *“A gente conversa pouco, mas sempre tem o respeito*

um com o outro [...] um ajudando o outro” [Arnaldo], *“Minha família, minha esposa, ela sempre me ajudou*” [Danilo], *“Nunca a agredi, nunca a menosprezei, nunca dei luxo, porque não tinha condição também [...] sempre existe uma ‘discussãozinha’ [...] mas a minha relação com ela foi melhor do que o normal*” [Ricardo]. No mesmo tema, Adriano falou sobre a convivência com a ex-esposa, os dois dividem a mesma casa mesmo após separação. O participante destacou o respeito mútuo e o cuidado da ex-esposa com a saúde dele, como a seguir: *“Eu respeito o espaço dela, ela respeita o meu [...] tem que respeitar o direito um do outro [...] me trata bem, me dá meu remédio na hora certa que eu tenho que tomar”*.

O tema relação “fria” com a esposa, falta de intimidade, foi relatado pelos participantes Ronaldo e Alex. Ronaldo destacou o distanciamento da esposa como consequência do alcoolismo: *“Só o fato de eu estar bêbado todo dia, ela se afastou de mim [...] quero voltar a ter um relacionamento normal [...] vou nem falar de sexo, voltar a namorar”*. Por sua vez, Alex relatou que após manter relacionamentos extraconjugais a relação “esfriou” e a esposa se dedicou à igreja: *“Hoje nós ficamos naquela timidez dos pecados que eu cometi [...] Como é que eu vou alegrar de novo essa mulher, eu que errei tanto? E ela também chateada, aí ela se dedicou à igreja”*.

Inclusive, no tema relacionamento extraconjugal Alex relatou que ele e a esposa chegaram a se separar e ela voltou para a cidade natal (Aracruz) com os filhos. Depois de certo período, reconciliaram-se e ele demonstrou arrependimento de tê-la traído por tanto tempo. Outra questão pertinente revelou que não foi um bom pai para os seus filhos, mas os filhos da amante o chamavam e o tratavam como o pai deles. Segundo o participante: *“é terrível, uma pessoa que tem família não pode procurar outra”*. Artur também relatou sobre o tema relacionamento

extraconjugal e destacou o machismo como um fator que o fez manter segredo das traições para a esposa.

A quarta subcategoria diz respeito às concepções dos participantes sobre “ser um homem de família” e agrupou os temas: conviver com a família, ter responsabilidade financeira e respeitar a família. Sobre o tema conviver com a família, Artur falou sobre uma boa convivência com a esposa: *“Homem de família é ser bem estruturado com a esposa dele [...] Porque não adianta a gente ter uma família, se não tiver uma boa convivência”* [Artur]. E, Alex também relatou que um homem de família precisa manter uma boa convivência e rotina com a esposa, entretanto destacou que fez o contrário no seu casamento: *“Um homem de família é diferente de mim, eu abusei muito da minha família, da minha esposa [...] fica vinte e quatro horas do lado da família e se ele tiver que sair, todo mundo sabe onde ele foi”*.

No tema ter responsabilidade financeira, os participantes relataram que um homem de família precisa “cumprir suas obrigações”, arcar com as despesas da família, pagar as contas em dia, entre outras. Arnaldo citou o exemplo da reforma de sua casa e o cuidado para não se endividar e comprometer a família. Por sua vez, Danilo exemplificou sobre o dinheiro gasto na rua, ao invés de pagar cerveja para os amigos prefere entregar o dinheiro para a família, esposa e filhas. Conforme exemplificado na fala: *“Eu posso beber, mas pagar pros outro eu não pago não [...] eu dou [o dinheiro] pra minha família, pras minhas filha, dou pra minha esposa, mas dar pra homem na rua não”*.

Adriano e Ricardo falaram sobre respeitar a família como principal função de um homem de família, os dois destacaram o homem de família como aquele que

respeita a esposa e os filhos. Como, por exemplo, na fala de Ricardo: *“Ser responsável primeiro de tudo, o segundo é ser amigo da família. Ele é pai [...] mãe também, um irmão, um amigo. A mulher ela não é só a mulher dele, ela é uma amiga, uma companheira”*.

Na quinta subcategoria os participantes citaram suas concepções sobre “ser uma mulher de família”. Nesta houve destaque sobre as diferenças entre o papel do homem e da mulher, como descrito nos temas: ser fiel ao marido, ter respeito à moral masculina, cuidar da família (serviços domésticos) e a mulher é uma figura essencial para a família.

Sobre o tema ser fiel ao marido, Artur e Eduardo destacaram a necessidade da fidelidade feminina em relação ao casamento, a não traição ao marido, assim como questões como diálogo, honra e confiança. Seguem exemplos: *“Uma mulher de família ela, ela tem um bom diálogo com o esposo dela, respeitar ele pra ela ser respeitada, ter amor por ele e o resto é “show de bola”. É ser uma esposa digna”* [Artur], *“Ah, uma mulher de família ela tem que honrar seu marido [...] Honrar porque tem mulher na ausência do marido ela tá piscando pra outro, isso aí é muito feio, isso aí não é uma mulher de família”* [Eduardo].

No tema seguinte, ter respeito à moral masculina, os participantes relataram a mulher de família como figura de submissão ao marido. Por exemplo, a esposa deve respeito à conversa do marido com outros homens, principalmente quando o homem está no bar com os amigos. Inclusive, Jorge lembrou-se de uma vez na qual a esposa foi buscá-lo no bar, ele a empurrou e falou para ir embora antes que ele se aborrecesse. Segundo ele, tal fato “tira a moral” do homem e os problemas entre marido e mulher devem ser resolvidos em casa: *“Eu não gosto de você vir na*

porta me buscar, você tá tirando minha moral, só falei isso pra ela [...] não tem moral com você ficar gritando na porta de bar, qual moral eu vou ter aqui fora?”

No mesmo tema, Artur lembrou-se de um episódio em que o primeiro marido de uma das irmãs ateou fogo nela. O participante relatou que não gostava do ex-marido da irmã, mas justificou a ação dele pela “vida errada” que ela levava, como na fala a seguir: *“Ela é tipo aquela mulher que não pensava, entendeu, na época ela bebia muito, gostava muito de bagunça, gostava de forró [...] aprontava muito, fazia muita coisa errada [...] aí tacou fogo, jogou gasolina nela e [...] Aqueles momento de ruim já passou já, agora ela tá bem regenerada”*.

O tema cuidar da família apareceu relacionado aos serviços domésticos, a mulher de família que cuida da casa, do marido e dos filhos, conforme as falas: *“Mulher faz tudo, por exemplo, eu não sei cozinhar, eu dependo da mulher e ela não depende de mim”* [Alex], *“Ser uma mulher de família não é só chegar, deitar com o marido e depois quer ir pra farra [...] primeiro é a obrigação em casa e o marido também se puder ajudar melhor ainda [...] uma família unida”* [Jorge], *“Se preocupa se o esposo sai de manhã pra trabalhar, tem horário pra chegar e tem a sua roupa, a sua comida, tudo certinho no lugar”* [Natan].

Por sua vez, a mulher é uma figura essencial para a família foi tema citado somente por Ricardo. Segundo o participante, a mulher deveria ser considerada o “sexo forte”, pois comparada ao homem passa por muito mais sofrimento: *“Infelizmente a sociedade faz isso [...] o que ela passa um homem não passa [...] ainda tem os irresponsáveis que maltratam as mulheres [...] se não existisse mulher não existia uma família”*.

Na sexta subcategoria, concepções sobre o papel do homem e da mulher, foram apresentados os resultados sobre a percepção dos participantes em relação aos papéis comuns de homens e mulheres, como nos temas a seguir: divisão no sustento da família e/ou de tarefas domésticas entre homem e mulher, o papel do homem e da mulher é igual na criação dos filhos e a mulher é mais trabalhadora.

Os participantes defenderam a divisão no sustento da família e/ou de tarefas domésticas entre homem e mulher, Jorge e Arnaldo citaram exemplos em relação ao próprio casamento, pois a ex-esposa e esposa ajudavam financeiramente no sustento da casa: *“Nesse tempo que eu to sem trabalhar, ela [a esposa] é o homem e a mulher ao mesmo tempo dentro de casa, porque ela faz compra, ela faz tudo”* [Arnaldo], *“[...]os dois tem que dividir as tarefas de casa. Até a despesa da casa”* [Jorge].

Afirmaram que o papel do homem e da mulher é igual na criação dos filhos, os participantes Adriano e Alex relataram sobre a igualdade de gênero, pois segundo eles homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres. Para explicar tal igualdade Alex faz uma comparação com a mulher de outra época e a mulher atual, assim dá como exemplo a relação dos seus filhos com as esposas na criação de seus netos: *“Naqueles tempo era tipo uma escrava do marido, ela tinha que obedecer [...]hoje eu vejo minhas nora lá [...] é dividido [...] Meus menino lá dão comida, a mãe tá trabalhando, então quem tá em casa ajeita as criança”*.

Também mencionaram que a mulher é mais trabalhadora. Natan falou sobre jornada dupla da mulher entre emprego e trabalho doméstico: *“Mulher é mais trabalhadeira. Porque a mulher tem vezes que tá trabalhando, chega em casa tem*

que lavar roupa, tem que fazer comida, a diferença da mulher é mais pesada de que o do homem”.

Enquanto Ricardo relatou que a esposa sempre foi dona de casa, pois ele “não a deixou trabalhar fora”, mas considerou o trabalho doméstico mais pesado, comparando com o seu serviço, pois trabalhava oito horas por dia e tinha direito a descanso: *“Vinte e quatro horas por dia [a mulher trabalha] [...] o homem trabalha oito hora por dia [...] no lugar de ir pra casa descansar vai pro barzinho beber”.*

Quanto à sétima e última subcategoria, os participantes Jorge, Natan e Ricardo relataram os temas: ciúmes e uso de álcool foram os motivos da separação, mantém uma boa relação com a ex-esposa e não mantém contato com a ex-esposa.

Sobre os motivos da separação apareceram como causa do término ciúmes e consumo de álcool, descritos por Jorge, Natan e Ricardo. Por exemplo: *“Ciúme, às vezes eu chegava em casa, achava que eu tava com mulher na rua. Teve a ver sim, por causa de ciúme e por causa de bebida”* [Jorge].

Os outros dois temas dizem respeito às relações dos participantes com a ex-esposas, no caso Adriano e Jorge mantém uma boa relação com a ex-esposa, Jorge lembrou que mesmo após separação ficou como acompanhante da ex-esposa no hospital. De acordo com ele mesmo separado foi uma responsabilidade que ele teve que assumir na época: *“Levei ela pro médico [...] Ajudei ela, mesmo separado é uma responsabilidade que ele [o homem] tem que assumir, principalmente se tiver vivendo junto, aí ela dobra mais ainda”* [Jorge].

Enquanto Natan destacou que não mantém contato com a ex-esposa, pois foi proibido pelos enteados de vê-la. De acordo com o participante, a ex-esposa

teve um AVC e desde então mora em uma casa próxima à USF com os enteados. Atualmente, os enteados o proibiram de visitá-la e ele relata muita tristeza e saudades da ex-companheira, mas não explica o motivo da proibição.

Quadro 6. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre paternidade

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Relação com os filhos e enteados	Relação de diálogo com os filhos
	Relação carinhosa com os filhos e enteados
	Não se considera um bom pai
	Não mantém relação com os enteados
Concepções sobre paternidade	Ser pai é dar exemplo
	Ser pai é orientar os filhos
	Ser pai é ter responsabilidade
Os Filhos	Não têm vícios (álcool e outras drogas)
	Têm uma estrutura familiar e financeira
	Morte dos filhos

O Quadro 6, com temas relativos a percepções sobre paternidade, contemplou as respostas dos participantes sobre os filhos e a paternidade, a relação com os filhos e/ou enteados e a perda dos filhos recém-nascidos e por assassinato. No caso, foram verificadas três subcategorias: relação com os filhos e enteados; concepções sobre paternidade e; os filhos.

O participante Jorge foi o único que não teve filhos ou enteados, durante a entrevista somente relatou: *“Não tive filho com ela [a ex-esposa], porque ela tinha*

o útero infantil [...] O que me conforta sobre isso aí são os meus sobrinhos que eu tenho, às vezes minhas afilhada que chega, já tão mocinha” [Jorge]

Na primeira subcategoria das percepções sobre paternidade, os participantes relataram sobre a relação com os filhos e enteados, marcada por quatro temas: relação de diálogo com os filhos, relação carinhosa com os filhos e enteados, não se considera um bom pai e não mantém relação com os enteados.

Os participantes Eduardo e Alex citaram uma relação de diálogo e respeito com os filhos e vice-versa. Eduardo relatou uma boa relação com os filhos: *“A relação com meus filho é boa, relação aberta assim, se eles errar que eles não erra, é muito difícil, eu chego perto, converso”*. Inclusive, Alex destacou a preferência pelo diálogo a bater nos filhos e a melhora na relação em comparação ao passado, quando mantinha um relacionamento extraconjugal: *“Jamais bati neles [...] eles viram tudo que aconteceu, eles me respeita, conversa comigo, come lá em casa. Hoje tá bom, tá melhor ainda do que aquela época da insegurança [relacionamento extraconjugal]”*.

No tema relação carinhosa com os enteados o participante Adriano destacou a relação de afeto com os enteados, ele os criou e o enteado homem o chama de pai. Além disso, os filhos dos enteados o reconhecem como avô: *“Eu trato eles bem, a maioria são tudo casado [...] elas me chamam pelo nome certo, o único que me chama como pai é o menino, é o menino quando vem em casa. Os netos chamam de avô”*.

Enquanto Artur, Arnaldo e Ricardo destacaram a relação carinhosa com os filhos, dando exemplos, respectivamente: o “pedido de bênção” do filho ao acordar e na hora de dormir, mesmo sendo casado; a demonstração de carinho através de

um abraço e a amizade e irmandade na relação com os filhos. Conforme as falas a seguir: *“Todo o santo dia ele levanta: pai, to indo trabalhar pai, bença pai. Quando vai dormir: pai, eu vou dormir agora pai, bença [...] eu sou muito carinhoso com meus filhos”* [Artur], *“O respeito cabe em todo o lugar, meu pai falava assim, só que ele não tinha aquele negócio de diálogo com a gente né, abraçar. Eu abraço meu filho, abraço minha filha”* [Arnaldo], *“Os meus filhos tenho o maior orgulho [...] Eu não sou pai deles, eu sou irmão deles entendeu, como eu tenho a mesma relação com eles e a gente brinca e tal. Aquela amizade, aquela união”* [Ricardo]

Ricardo também relatou sobre o reencontro após vinte anos com seus filhos que moram em Fortaleza-CE. Contou que não reconheceu um dos filhos no aeroporto, pois estava bem diferente de quando ele foi embora. Também recebeu muito carinho de sua neta que tinha o sonho de conhecê-lo. O participante destacou que gostaria de ter ficado em Fortaleza e só voltou porque não conseguiu um emprego de carteira assinada e não queria depender da mãe, irmãos e/ou filhos.

Revelou que tem um filho adotivo do segundo casamento. A esposa o adotou quando tinha dois anos de idade e ele atualmente está com quinze anos e mora com o irmão: *“Ele foi abandonado pela mãe com dois anos, ela pegou, adotou, nós registramos, [...] eu nem gostava dele não, mas como ele se apegou muito a mim [...] papai pra lá, papai pra cá, eu tenho ele como filho”*.

Os dois últimos temas não se considera um bom pai e não mantém relação com os enteados foram relatados por apenas um participante cada, no caso, Ronaldo e Natan. Ronaldo destacou que o alcoolismo e agressividade com os filhos fez com que o filho mais velho casasse e saísse de casa mais cedo, conforme a fala: *“Exatamente por causa do lance do álcool [...] sair de casa por causa da minha*

doidera [...] não tem necessidade de fazer determinado tipo de ignorância, não tem necessidade, mas eu faço". Já Natan destacou que ajudou na criação dos enteados e atualmente eles o proibiram de ver sua ex-esposa, fato que trouxe o rompimento da relação entre eles: *"Quando cresce cria penugem aí quer estranhar a gente, entendeu, o que acontece é isso"*.

De acordo com a segunda subcategoria, ser pai é dar exemplo, orientar os filhos e ter responsabilidade. Quanto ao primeiro tema, dar exemplo, Artur destacou que conversava com os filhos sobre seus erros do passado em relação ao consumo de álcool. O participante Eduardo também relatou que cessou o consumo de álcool conforme seus filhos foram crescendo, pois "o pai é o espelho dos filhos". Isso foi exemplificado nas falas: *"tudo aquilo que eu aprendi eu passei pra eles [...] sempre falei pra ele: o seu pai já era feia a coisa, bebeu muito. Eu bebia muito na época, bebia demais e não ficava vivo sei lá, fazia feio"* [Artur], *"Antes eu gostava muito de sair, ficar brincando em festa e depois que eles foram crescendo [...] fui parando devagar [consumo de álcool] [...] O pai é espelho do filho"* [Eduardo].

Quanto ao tema orientar os filhos, os participantes destacaram a necessidade de diálogo na hora de corrigir os filhos, a orientação sobre o respeito ao próximo, o acompanhamento no dia a dia e a amizade com os filhos. Conforme destacado nas falas a seguir: *"A gente tem que saber o modo que a gente fala. Tem muito pai que vai corrigir um filho ou um neto vai corrigindo com ignorância, não é assim [...] vamo conversar"* [Adriano], *"Ser pai é uma responsabilidade muito grande [...] os pais tem que tá ali unido com a sua família e sempre orientando os filho, como deve seguir, como deve respeitar as pessoas [...] eu só recebo elogio daqueles dois"* [Arnaldo], *"Pai é uma coisa muito singela viu, não é pra qualquer um"*

ser pai não [...] acompanhando passo a passo com ele, saber o que ele faz, saber o que ele diz” [Natan], “Ser pai é ser aquele amigo, aquele compreensivo, aquele que não cuida do erro de um filho com outro erro, aquele que aconselha” [Ricardo].

Já o terceiro e último tema, ter responsabilidade foi relatado por Alex e Ronaldo. Os dois destacaram a responsabilidade da paternidade: acompanhar os filhos e ajudar em outras questões, como nos estudos e na saúde. Isso foi exemplificado nas falas: *“Quando os filho vieram aí a responsabilidade cresceu mais. Ser pai [...] não passando a mão na cabeça dos filhos [...] sempre tá junto deles, mas eu deixei a desejar” [Alex], “Conhecer os filhos [...] então eu acho que ser pai é você acompanhar o crescimento, a vida deles enquanto eles estão ali com você. Ajudando nos estudos, ajudando na saúde” [Ronaldo].*

A terceira subcategoria incluiu falas dos participantes sobre os filhos, a partir de três temas: não têm vícios (álcool e outras drogas), têm uma estrutura familiar e financeira e morte dos filhos. Apesar de a entrevista não conter nenhuma pergunta direcionada ao consumo de álcool e outras drogas pelos filhos, a maioria dos participantes destacou que os filhos não têm vícios. No caso, os participantes fazem uma comparação consigo, por causa do uso abusivo de álcool e relataram que os filhos não seguiram o mesmo exemplo.

Seguem as falas: *“Esse negócio de bebida, eles não usa esse negócio de bebida, nada, nada, nada, só refrigerante” [Artur], “A minha vida familiar hoje eu to sentindo o efeito das coisa boa que eu fiz né. Hoje, claro que eles são diferente de mim [...] Mas eles nunca beberam, nunca usaram” [Alex], “Tomava uma cerveja, umas birita, parei com tudo, tanto que meus menino só tem um que toma a cerveja. Eu vivo feliz com eles, tudo honesto, ninguém tem mal costume de usar porcaria,*

não é viciado” [Eduardo], “Nunca gostaram de rua [...] nunca me deu trabalho também com nada, não bebe, não fuma, nenhum dos dois. O pai que é um safado mesmo” [Ronaldo].

Alex, Eduardo e Ricardo destacaram a estrutura familiar e financeira dos filhos, o incentivo para o trabalho e o orgulho com as conquistas materiais e profissionais alcançadas por eles: *“Na adolescência eu dava dinheiro a eles, eles não trabalhava, mas eles foram logo trabalhando também entendeu, eu falei: vocês vê o que vocês querem e começa a trabalhar [...] eu não era professor” [Alex], “Todo mundo tem as suas profissões, tá todo mundo tudo bem, tem suas casa, seus apartamento [...] Já esperava isso tudo, tanto esperava meus filho estudar, portanto eu vim pra cidade pra isso” [Eduardo], “Com as famílias constituídas, tudo com casa própria. É um orgulho [...] pelo menos meus filho tão tudo bem empregado, estão dentro de casa, pai de família [...] sou um cara realizado até porque meus filhos estão todos bem” [Ricardo].*

Por fim, a morte dos filhos foi relatada por Adriano que teve a perda de uma filha recém-nascida. O participante Natan também perdeu uma filha recém-nascida e, além disso, teve um filho assassinado, num contexto de envolvimento com o tráfico de drogas.

Quadro 7. Temas mencionados pelos participantes a respeito de suas percepções sobre consumo de álcool e família

SUBCATEGORIAS	TEMAS
Interferência do álcool na relação com a família de origem	Ajuda da família de origem no tratamento do alcoolismo
	Falta de ajuda da família de origem no tratamento do alcoolismo

	Consumo de álcool pelos familiares
Interferência do álcool na relação com a família atual	Agressividade com esposa e filhos (violência psicológica)
	Perda de intimidade (relação sexual) e proximidade com a esposa
	Separação da esposa como consequência do consumo de álcool
	A esposa não reclamava do consumo de álcool
	Cobrança da esposa para cessar o consumo de álcool
	Sentimento de culpa em relação à família
	Melhora do relacionamento com a esposa sem o consumo de álcool
	Ajuda da família atual no tratamento do alcoolismo
Interferência do Álcool na Trajetória de Vida	Perdas sociais e financeiras (perda da moral e econômica)
	Efeitos do álcool (sensação de superioridade)
	Consequências do consumo de álcool na saúde
	Influência dos amigos para o consumo de álcool
Tratamento do Alcoolismo	Diminuição do consumo de álcool
	Abstinência do álcool
	Grupo de Homens como tratamento do alcoolismo
	Alcoólicos Anônimos como Tratamento do Alcoolismo
	Negação do alcoolismo

O Quadro 7 retrata as Percepções sobre o Consumo de Álcool e Família que emergiram em quatro subcategorias, como seguem: interferência do álcool na relação com a família de origem; interferência do álcool na relação com a família atual; interferência do álcool na trajetória de vida e; tratamento do alcoolismo.

A primeira subcategoria, interferência do álcool na relação com a família de origem, agrupou três temas: ajuda da família de origem no tratamento do alcoolismo, falta de ajuda da família de origem no tratamento do alcoolismo e consumo de álcool pelos familiares.

Os participantes Alex e Jorge relataram a ajuda da família de origem no tratamento do alcoolismo. A família, principalmente os irmãos, demonstram preocupação através de visitas e conselhos para o cuidado com o consumo excessivo de álcool: *“Elas se preocupam comigo [as irmãs] por causa da bebida também. Se preocupam de vez em quando me faz visita aí, às vezes vou pra casa deles [família de origem]”* [Alex], *“Eu agradeço muito por eles, porque se não fosse eles eu não taria em pé também né. Sempre me dão conselho: cuidado com essa bebida hein. Eles sempre me aconselham”* [Jorge].

Pelo contrário, Adriano destacou a falta de ajuda da família de origem no tratamento do alcoolismo, assim como a interferência do consumo de álcool na relação com as irmãs que nunca o ajudaram: *“Não me fizeram nada, mas só do fato de eu ter adoecido e não ter olhado pra mim. Interferiu, porque isso geralmente, quando eu tava nessa vida bebendo eu não conversava muito com minhas irmã”*.

Outros participantes citaram o consumo de álcool pelos familiares, Artur citou a irmã alcoolista, Ronaldo relatou sobre o irmão alcoolista *“bebe mais do que eu”* e, no caso de Alex, uma possível influência para o alcoolismo do filho. Alex relatou que o filho começou a beber, mas cessou o consumo há algum tempo. Conforme descreveram: *“Existe essa irmã que eu to falando, meu pai bebia, mas era moderado”* [Artur], *“Meu irmão mais velho ele bebe até hoje, compulsivamente, bem mais do que eu”* [Ronaldo], *“O álcool na minha família ele já ia penetrando no meu filho, o alcoolismo [...] Daí pra cá ele parou, já o outro ele não tem assim esse prazer em álcool”* [Alex].

Os participantes destacaram a interferência do álcool na relação com a família atual (esposa e filhos). Os temas foram: agressividade com esposa e filhos

(violência psicológica), perda de intimidade (relação sexual) e proximidade com a esposa, separação da esposa como consequência do consumo de álcool, a esposa não reclamava do consumo de álcool, cobrança da esposa para cessar o consumo de álcool, sentimento de culpa em relação à família, melhora do relacionamento com a esposa sem o consumo de álcool e ajuda da família atual no tratamento do alcoolismo.

Sobre a interferência do álcool na relação com a esposa e os filhos citaram a agressividade, principalmente relacionada à violência psicológica quando chegavam em casa “embriagados”, como relatado a seguir: “A *pessoa fica agressiva [...] eles não achavam legal não, chegava: papai, para com esse negócio papai, esse negócio não tá bom pro senhor, o senhor pensa na sua vida papai*” [Artur], “*Ficava muito violento, chegava em casa as criança queria brincar, as crianças era pequena na época [...] ia brigar com a criança e ela [a esposa] não deixava, eu xingava todo mundo, coisa horrível, a cachaça não é brincadeira*” [Danilo], “*Eu fico muito agressivo, então eles se afastam [esposa e filhos] o máximo que eles podem [...] É só palavra mesmo [...] se bem que às vezes a palavra ofende até mesmo mais do que um tapa*” [Ronaldo].

Os participantes Natan e Ricardo ainda referiram sobre a mudança na relação conjugal, perda de intimidade (relação sexual) e proximidade com a esposa, assim como a preferência pelo consumo de álcool com amigos a dar atenção à esposa: “*Eu chegava, eu não tinha assim tipo relação nada, conjugalmente, aí dormia [...] aí pensa que não, no outro dia, tadinha: amor, vamo trabalhar*” [Natan], “*Complica assim um lado íntimo de um homem com uma mulher [...] chega fedendo, ela vai bem cheirosinha. Interfere muito. Interfere também quando ela suponhamos:*

Ricardo, vamo ali comigo. Digo: não, hoje não vou, marquei com uns amigos”
[Ricardo].

No caso de Adriano e Jorge, como consequência do consumo de álcool houve a separação da esposa, segundo os relatos: *“Primeiramente foi eu ter perdido minha família, separado”* [Adriano], *“Porque depois começou a confusão, discutir e tal, ciúme, às vezes eu chegava em casa, achava que eu tava com mulher na rua. Teve a ver sim, por causa de ciúme e por causa de bebida”* [Jorge].

Em relação à opinião das esposas sobre o consumo de álcool, surgiram os temas a esposa não reclamava do consumo de álcool e cobrança da esposa para cessar o consumo de álcool. No primeiro caso, Artur relatou que a esposa o ajudava quando estava sob efeito de álcool: *“Ela ter aquele carinho comigo, não brigava nem nada, me botava na cama, me dava comida. o prato tava certinho, tapadinho, dentro do forno lá pra mim. Era desse jeito, aí eu parava pra pensar, ai Meu Deus do Céu”*.

Contudo, na maioria das vezes, houve cobrança por parte das esposas. Os participantes Adriano, Alex, Ronaldo e Ricardo relataram que as mulheres os alertavam sobre o consumo excessivo e a necessidade de diminuir para que fosse possível o diálogo no casamento. Conforme as falas: *“No caso ela sempre foi tipo assim contra eu beber, sempre foi, ela nunca gostava, mas você sabe como é a cabeça do homem, homem sempre é teimoso”* [Adriano], *“Ela me cobrava sem magoar, entendeu. Ela cobrava: maneira essa bebida sua, chegou ontem assim, assim e assim, e tal. Ia me alertando, mas eu tava novo ainda, eu me senti novo, hoje em dia já é outra história”* [Alex], *“Se [silêncio] você não parar de beber a gente não tem diálogo”* [Ronaldo], *“Ela reclamava entendeu. Porque até que nós falamos*

ontem, porque não tem mulher que goste de deitar com um homem fedendo a bebida” [Ricardo].

O sentimento de culpa apareceu em relação à família atual (esposa e filhos) e arrependimento quando não estava sob efeito do álcool. Artur e Alex destacaram que logo após o efeito acabar sentiam culpa pelo modo como trataram a esposa e os filhos, na maioria das vezes, sendo ríspidos e agressivos com a família. *“A bebida é o seguinte, além de fazer mal à gente, faz mal aos outros [...] Aí depois que melhorava, acabava o efeito do álcool, é que a gente vinha a pensar sobre isso daí” [Artur], “Sou culpado dos erros [...] a bebida mesmo me deixou completamente fora de qualquer compreensão, ajuda nem financeira, mas ajuda assim de um sorriso de um filho pra gente. É duro você saber que a culpa é toda sua” [Alex].*

Os participantes Alex, Danilo e Ronaldo relataram melhora do relacionamento com a esposa sem o consumo de álcool, respectivamente, a mulher mudou o comportamento, percebe o relacionamento mais tranquilo, sem brigas e, enfim, começou a ajudar nos serviços domésticos e oferecer mais atenção no dia a dia com a esposa. *“Minha mulher é outra, só porque eu parei a bebida hein, minha mulher já é outra” [Alex], “E uma coisa que a gente começava a discutir dentro de casa, os vizinho ficava todo mundo na janela olhando, nossa era terrível, era ruim mesmo. Hoje não, hoje tranquilo, se tiver que conversar a gente conversa bom, tranquilo” [Danilo], “O relacionamento é excelente [sem a bebida alcoólica]. Às vezes eu chego em casa, chego do serviço sem ter bebido nada, ajudo ela a fazer almoço e tal assim, ela se alegra, chapado eu não quero nem saber” [Ronaldo].*

Por fim, o tema ajuda da família atual no tratamento do alcoolismo surgiu nas entrevistas de Adriano e Ronaldo, os primeiro citou a ex-esposa e o segundo a esposa e a família dela como rede de apoio e incentivo ao tratamento. *“Essa que está me ajudando a vencer os obstáculo, a ex-esposa [...] ela dá um suporte pra eu não olhar nem pra bebida”* [Adriano], *“Eu sou alcoólatra [...] minha esposa tenta me tirar, meu sogro tentou, minha sogra faleceu no final do ano passado, tentou também [...] de alguma forma, tentam me ajudar, tentam. Gratidão, devo muito a eles todos”* [Ronaldo].

Os temas relatados na subcategoria interferência do álcool na trajetória de vida referiram-se a interferência do álcool de uma forma geral na vida dos participantes, de acordo com os temas: perdas sociais e financeiras (perda da moral e econômica), efeitos do álcool (sensação de superioridade), consequências do consumo de álcool na saúde, influência dos amigos para o consumo de álcool.

Quanto ao tema perdas sociais e financeiras, os participantes relataram questões relacionadas a perdas, como: o respeito das pessoas, amizades, “moral”, perda financeira e do trabalho. Como destacado nos discursos: *“Bebendo a gente fica agitado, qualquer coisinha parte pra violência né e não é por aí”* [Arnaldo], *“Eu andava por aí afora e não era mais respeitado [...] A bebida ela destrói tudo, ela destrói a família, destrói amizade, até a moral do homem vai a zero, tanto do homem como da senhorita que bebe”* [Adriano], *“Por causa do alcoolismo eu deixava de pagar o aluguel, eu tinha um rapaz trabalhando comigo, bebia também, nós tudo bebia junto”* [Alex], *“E economicamente também, porque você deixa de fazer o melhor em casa, porque tem que gastar na rua [...] Se eu tivesse economizado esse*

dinheiro eu teria dado um melhor conforto a minha família, interfere até nisso”
[Ricardo].

Os participantes Adriano e Alex lembraram-se da interferência do álcool no trabalho. Adriano relatou que trabalhava como porteiro e o síndico conversou com ele para que não fizesse o consumo de álcool antes e durante o expediente. No Natal ganhou várias garrafas de vinho de presente dos moradores e, apesar de ter guardado, sentiu-se testado pelo síndico que demonstrou desconfiança se havia consumido ou não. Por sua vez, Alex necessitou pagar outra pessoa para concluir um serviço inacabado. Relatou que consumia álcool, dormia e não terminava o serviço combinado com o condomínio, portanto contratou um amigo para finalizar o reparo.

No tema efeitos do álcool Alex e Ronaldo falaram sobre a impressão de superioridade após o consumo: *“Igual um cara tava falando ali hoje que se sente o dono do mundo, é mais bonito, é mais aquilo, vai pra casa, se joga lá, nem na cama vai”* [Alex], *“Quando eu to bêbado, eu penso que sou melhor que alguém, melhor que minha mulher em casa, melhor do que meus filhos, melhor do que todo mundo. Não sou [...] nesse estado de embriaguez, eu me acho”* [Ronaldo]. Outros efeitos relatados foram tanto a introversão [Eduardo] quanto a extroversão [Ricardo] durante o consumo.

Adriano e Alex também relataram sobre as consequências do consumo de álcool na saúde. De acordo com os participantes, o consumo de álcool prejudicou a saúde e deixou sequelas no corpo. Adriano relatou o infarto e a necessidade de cessar o consumo para continuar vivo, e por fim, Alex falou sobre os pés e mãos dormentes como uma sequela crônica do alcoolismo.

No tema influência dos amigos para o consumo de álcool, Alex relatou *“mesmo que eu tiver sem dinheiro, eles bota pra gente”* [Alex]. O participante destacou que mesmo após a abstinência não mudou a relação com os “amigos de bar” e continuou conversando com todos, mas se recusa a pagar bebida alcoólica para eles. Ronaldo também falou sobre a influência dos amigos para o consumo: *“Influenciado por alguns amigos: vão ali jogar uma sinuquinha, brincar [...] comecei com cerveja sem álcool [...] Aí comecei a tomar um copinho de cerveja, no outro dia tomei um conhaque, aí foi e pronto. Voltou à estaca zero”*. Da mesma forma, em relação à influência de amigos, Jorge associou o consumo a um hobby e à falta de outra atividade em sua rotina: *“Bebo aí embaixo com o pessoal aí, mas é porque eu não tenho outro hobby [...] só quando eu to na rua, a influência também de amigo e tal né: ah, vamo tomar uma cervejinha aqui, vamo tomar isso”*.

Os temas relacionados ao tratamento do alcoolismo foram: houve diminuição do consumo de álcool, abstinência do álcool, grupo de homens como tratamento do alcoolismo, alcoólicos anônimos como tratamento do alcoolismo e negação do alcoolismo.

Nos discursos dos participantes, apareceram tanto a diminuição do consumo de álcool como a abstinência do álcool. Segundo Artur, Arnaldo e Danilo houve uma diminuição do consumo de bebida alcoólica. *“De vez em quando eu tomo uma cerveja atualmente, agora to bem moderado. Isso foi uma fase assim que eu passei, mas eu já me corriji sobre isso daí”* [Artur], *“Não, totalmente não, mas Graças a Deus, quase cem por cento né”* [Arnaldo], *“Não, eu diminui noventa por cento. Eu não boto cachaça na boca tem mais de vinte ano, mais de uns dez ano que eu não boto cachaça na boca. Só tomo uma cervejinha [...] só final de semana”* [Danilo].

Já Alex, Ronaldo e Adriano optaram pela abstinência, este último inclusive relatou sobre percepção de maior aceitação social após parar o consumo de álcool, como descrito a seguir: *“Então eu botei na cabeça que ia parar e parei. Hoje em dia os que fazia comigo não faz mais, me respeita [...] Eu vou em festa que eles me chama, eles tão bebendo eu não to nem aí”* [Adriano].

Alguns participantes ainda destacaram a importância do Grupo de Homens como tratamento do alcoolismo, a redução do consumo de álcool, as orientações, o apoio e as amizades. Isso foi exemplificado nas falas: *“Tá sendo bom, porque se eu não tivesse participando desse grupo eu não teria, vamo botar oitenta por cento que eu abandonei o álcool né”* [Arnaldo], *“A minha vida começou a mudar na época que eu comecei a frequentar o Grupo dos Homens, que me avisaram, me orientaram o que a bebida faz, o que não faz, o que causa, entendeu”* [Adriano], *“Essa história aí dos Homens se deu porque eu precisava de ajuda, apesar da gente conhecer Alcoólicos Anônimos, mas eu precisava de ajuda, sei lá. Eu pensei na medicina [...] aí eu vi que dependia mesmo de mim”* [Alex], *“Se eu continuar tendo assim a amizade de vocês, a compreensão de vocês [silêncio] eu acho que eu consigo [cessar o consumo de álcool]”* [Ronaldo].

Outra forma de tratamento citada pelos homens foi o grupo de apoio dos Alcoólicos Anônimos como tratamento do alcoolismo. Alex e Ronaldo relataram que já participaram, inclusive Ronaldo contou que foi expulso do grupo, após trocar a garrafa de café por cachaça em uma das reuniões. *“A primeira vez eu fiquei quatro anos [...] é vinte e quatro horas [...] lá a gente ouve muito depoimento de cada um, que se aperta aqui e a amizade é boa”* [Alex], *“Discuti em casa e era justamente dia de reunião do grupo [...] mandei encher a garrafa de café com cachaça [...] Me*

expulsaram do grupo, o que eu fiz? [...] comecei a beber e só parei no outro dia”
[Ronaldo].

Dentre os participantes, Eduardo e Jorge mencionaram o tema negação do alcoolismo. Segundo Eduardo o consumo de álcool nunca influenciou no trabalho e na família e não precisou de tratamento para cessar o consumo. Já Jorge fala sobre a dependência do cigarro, relatando que tem controle em relação à bebida alcoólica. *“Às vezes eu bebia, mas não faltava nada sobre serviço, sobre família [...] existe muitos tratamento [...] mas pra isso não vale não, o que vale é a pessoa decidir mesmo e um querer dele”* [Eduardo], *“Consumi, mas eu tenho um controle mais ou menos entendeu, quando eu não to a fim de beber eu também não bebo. A única coisa que me segura mais é o cigarro [...] a bebida não me perturba não”* [Jorge].

Discussão dos Resultados

A maioria dos participantes não nasceu em Vitória, mas mudou-se buscando um emprego formal e melhor condição financeira na capital. Como, por exemplo, no caso de Eduardo que mudou para Vitória à procura de um trabalho com carteira assinada e possibilidade de formação educacional para os filhos.

Essa passagem interior-capital e a formação do bairro em que se encontra a Unidade aconteceu de forma desordenada a partir de 1949 na região do manguezal, recebendo a partir de 1980 migrantes da região Sudeste, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais (Prefeitura de Vitória, sem data).

O processo de urbanização desordenada teve como consequências o aparecimento de bairros periféricos, o desemprego e a condição de miséria para os

imigrantes (Da Silva Mattos, 2010). Segundo Da Silva Mattos (2010), a ineficiência do Estado e o processo de expansão acelerado contribuiu para a segregação sócio espacial e a violência urbana na região metropolitana da Grande Vitória, o que gerou uma sociedade excluída, por conta das mudanças na região entre as décadas de 1970 e 1980, quando houve o ápice da imigração. Desta forma, no século XX a fusão entre violência e abstenção de políticas públicas gerou o tripé: violência, criminalidade e narcotráfico.

De acordo com Lira (2011) o Índice de Violência Criminalizada no município de Vitória-ES se relaciona a fatores urbanos e socioeconômicos. A cidade sofreu um processo concomitante de desenvolvimento econômico e prejuízo social, retratando a desigualdade entre a população. No estudo, o bairro da USF destacou-se pelos crimes letais e não letais contra a pessoa, crimes envolvendo armas e munições e tráfico de drogas.

Os estudos corroboram com a opinião dos profissionais de saúde que trabalham no território e com o resultado dos dados sociodemográficos dos participantes. Os profissionais alegam que o local é marcado pela violência e tráfico de drogas e a população atendida pela USF, na percepção dos profissionais, caracteriza-se por baixo nível socioeconômico, inclusive com moradores em condição de miséria (Souza, 2012).

Nas entrevistas com os participantes desta pesquisa, o emprego também apareceu vinculado ao abandono dos estudos pelos participantes, episódios de fadiga, cansaço físico e mental foram utilizados para explicar o abandono dos estudos e a escolha pelo trabalho formal. Além disso, todos os participantes começaram a trabalhar na infância/adolescência, sendo a média de idade para

início do trabalho 11,4 anos, com variação entre 8 e 16 anos de idade. Danilo lamentou o fato, lembrando que gostava de frequentar a escola e do aprendizado adquirido na sala de aula.

Ao mesmo tempo, na juventude apareceu a boa situação financeira em decorrência do trabalho, mas ao mesmo tempo, gastos excessivos com festas e falta de planejamento para o futuro. A independência financeira dos participantes na fase da juventude foi relatada de forma negativa, pois o viver o agora, característica marcante da adolescência vinculado ao poder aquisitivo trouxe gastos excessivos com eventos atualmente considerados como “futilidade”. Os participantes demonstraram arrependimento, pois poderiam ter adquirido bens materiais ao invés de gastar com festas e consumo de álcool. Inclusive, Danilo relatou que atualmente poderia viver em outro bairro da capital, o participante por vezes destacou o alto índice de violência na comunidade e vontade de mudar-se para um lugar mais tranquilo.

Outro fator que apareceu em relação às memórias da juventude foi o consumo de álcool sendo que o pai (a figura paterna) foi relacionado ao mesmo tempo ao álcool e à virilidade/masculinidade. Artur e Ronaldo relataram sobre o consumo de álcool com a figura paterna. Nas cenas relatadas pelos participantes, Artur lembrou-se da primeira vez que fez o consumo com seu pai, o ato de consumir cerveja e cachaça com o pai lhe possibilitou a marcação simbólica como adulto.

Ronaldo, por sua vez, relatou o início do consumo com o pai, que estava no bar o aguardando. Após pedir algumas vezes para experimentar a cerveja, o pai permitiu. Segundo o participante, depois desse episódio nunca mais parou de beber e a situação somente se agravou, tornando-se um “vício” (o consumo de álcool

como vício). Da mesma forma, De Souza e Carvalho (2012) observaram que o primeiro contato de homens adultos alcoolistas com a bebida alcoólica foi através do pai ou avô ainda na infância, por volta dos dez anos de idade.

Destacaram-se nas narrativas as boas relações com a família de origem, principalmente a importância dada às figuras parentais. Notou-se que os participantes atribuíram importância à referência paterna e materna, os homens citaram a relação afetiva e a proximidade com os pais. Dentre os pontos positivos, destacaram a educação e criação, os ensinamentos dos pais aos filhos a respeitar o próximo, ter compromisso e responsabilidade com o trabalho e a família, ser um homem honesto e evitar brigas e violência.

De forma geral, os participantes enfatizaram: boa recordação e saudade dos pais, importância das referências paternas e, em sua maioria, convivência harmoniosa com os irmãos na infância e nos dias atuais. Diferente dos resultados aqui apresentados, De Souza e Carvalho (2012) apontam alguns eventos estressores na vida dos homens alcoolistas relacionados à família de origem. Nestas, destacam-se o comportamento agressivo do pai e sentimento ambivalente em relação à referência paterna, assim como dificuldade de relacionamento, inclusive com os irmãos. Os dois estudos apresentaram similaridade entre o público pesquisado, inclusive nos critérios de seleção: pacientes de serviço de saúde do sexo masculino com diagnóstico de uso abusivo de álcool de acordo com a CID-10, com nível de escolaridade e classe social baixa. Entretanto, no presente estudo os homens não relataram um ambiente estressor na família de origem, a violência física e a agressão do pai alcoolista com a mãe, como também não apareceu a

irresponsabilidade do pai alcoolista com a família, o que sugere a possível diferença.

Foram ressaltados pelos homens adultos alcoolistas, filhos de pais alcoolistas, os aspectos negativos do caráter do pai como “festeiro, mulherengo, autoritário, desonesto e irresponsável” (De Souza e Carvalho, 2012, p. 45), contrário do papel de homem enquanto cuidador da família e responsável pela criação dos filhos (De Souza e Carvalho, 2012).

Os participantes Adriano, Danilo, Jorge e Ronaldo falaram sobre o tema pai alcoolista. Todavia, Ronaldo foi o único participante que destacou a irresponsabilidade do pai em relação à esposa e filhos, pois saía cedo para o trabalho e depois ia direto para o bar.

De forma contrária, no presente estudo, a figura paterna apareceu atrelada à características positivas, com os temas: pai amigo, pai honesto, pai rigoroso e “pai é aquele que cria”. Ou seja, surgiram ideias marcantes de diálogo entre pais e filhos, ao invés do uso de violência física e, honestidade e responsabilidade com as questões financeiras. Ao mesmo tempo, Arnaldo destacou o pai como figura de autoridade, destacando que os filhos o obedeciam porque nutriam por ele sentimentos de medo. Ao contrário de elementos estereotipados da representação social do alcoolista, como a imagem do sujeito problemático e no “fundo do “poço” (Garcia, 2004; de Campos, 2009; Da Silva *et al*, 2012), desonesto e irresponsável (De Souza e Carvalho, 2012) e problemático para os serviços de saúde, sendo por vezes retratado pelos profissionais de saúde como culpado pelo consumo abusivo de álcool (Souza, 2012; Vargas & Luiz, 2008).

Segundo De Souza e Carvalho (2012), a figura materna foi percebida pelos homens adultos alcoolistas a partir do sofrimento diante do marido alcoolista (o pai), e como uma mulher forte, pois muitas vezes exerciam o papel de sustento e cuidado da família na ausência da figura paterna. Diante desse cenário, os filhos abandonaram o estudo em prol do trabalho para assumir a responsabilidade financeira e cuidado com os pais, iniciando a vida profissional na juventude em empregos informais (De Souza e Carvalho, 2012).

Nossos resultados também apresentaram percepções sobre a força da mulher, em dois sentidos, com duas “mulheres fortes”: a mãe e a esposa. A mãe trabalhadora foi o tema mais citado pelos participantes na subcategoria figura materna, em sua maioria, as mães exerciam além das atividades domésticas a manutenção de empregos informais como “lavadeira” para ajudar no sustento da família. Em relação às percepções sobre a esposa, os participantes citaram três temas: a esposa é uma boa mãe, a esposa é trabalhadora e a esposa é a pessoa mais importante na trajetória de vida.

No tema a esposa é uma boa mãe, Artur, Ronaldo e Ricardo destacaram o zelo e preocupação delas com os filhos. Ricardo ainda destacou a relevância da sua esposa na criação dos filhos, ela era dona de casa e responsável pela educação, enquanto ele trabalhava fora para o sustento financeiro da família. Em relação ao trabalho, Arnaldo, Danilo e Eduardo lembraram da importância da esposa no sustento da família, pois sempre dividiram as responsabilidades financeiras. No último tema, a esposa é a pessoa mais importante na trajetória de vida, Alex destacou a força da esposa por “aguentar” o alcoolismo e os relacionamentos extraconjugais que já manteve ao longo dos anos.

Scott (1990) defende o conceito de gênero a partir de duas afirmações, que devem ser compreendidas em sua forma relacional, mas analisadas separadamente: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1990, p. 21).

Quanto à primeira afirmação, o gênero tem quatro elementos inter-relacionados: 1) símbolos culturais evocam vários tipos de representação, muitas vezes contraditórios; 2) conceitos normativos regulam o sentido dos símbolos; 3) inclusão da noção de política nos estudos de gênero e; 4) o gênero integra a identidade subjetiva (Scott, 1990).

O primeiro elemento diz respeito aos símbolos culturais que permitem várias formas de evocações da figura feminina. Scott (1990) exemplifica retratando Eva e Maria, símbolos cristãos da mulher no Ocidente, imagens opostas que trazem a ideia paralela de pecado e inocência. A autora frisa uma importante questão para os historiadores: em quais contextos tais representações simbólicas são evocadas? (Scott, 1990).

Em nosso estudo, o contexto social em que eles estão inseridos é um bairro periférico, com desigualdade econômica e social em relação aos outros bairros da capital, assim como um local com altos índices de violência. Notou-se que os participantes evocaram alguns símbolos da figura feminina quando questionados sobre as concepções sobre “ser uma mulher de família”, esse formato aproxima-se bastante de concepções “tradicionais” do feminino. Houve destaque para as diferenças do papel masculino e feminino e os temas descritos no que diz respeito à percepção da mulher foram: ser fiel ao marido, ter respeito à moral masculina,

cuidar da família (serviços domésticos) e a mulher é uma figura essencial para a família.

A partir dos dois primeiros temas citados ser fiel ao marido e ter respeito à moral masculina foi possível obter a representação simbólica da mulher para os homens alcoolistas. Com o tema ser fiel ao marido, Artur e Eduardo destacaram a necessidade da fidelidade feminina em relação ao casamento, a necessidade de ser uma mulher “honrada”. Ou seja, a mulher evocada como pura e inocente, uma imagem que pode ser relacionada aos símbolos cristãos mencionados.

Com o tema seguinte, ter respeito à moral masculina, os participantes relataram a “mulher de família” como figura de submissão ao marido. O participante Artur citou um episódio em que o primeiro marido de uma das irmãs ateou fogo nela, justificando tal ação pela “vida errada” que ela levava, pois bebia e frequentava bares e bailes (“forrós”). Percebeu-se, a partir de tal afirmação, a representação da mulher de “vida errada”, com o álcool como um dos símbolos do pecado. Nesses dois temas, surgem ideias opostas, de um lado a figura inocente da mulher fiel e submissa ao marido, de outro a ideia de “mulher de rua”, uma imagem atrelada ao consumo de álcool, idas a festas e vida desregrada.

O segundo elemento da definição de gênero apresentada são os conceitos normativos que limitam o sentido dos símbolos culturais. Tais conceitos são expressos de forma binária e determinante sobre o sentido do masculino e do feminino de acordo com o contexto, por exemplo, nas doutrinas religiosas, educativas, entre outros (Scott, 1990).

Segundo Scott (1990), “a história posterior é escrita como se essas posições normativas fossem produto de um consenso social e não de um conflito” (p. 22). A

autora cita o exemplo da influência histórica da mulher no lar, o papel “tradicional” atribuído a elas, o que não considera que a mulher sempre foi um tema presente de discussão e opiniões divergentes. Portanto, o objetivo da pesquisa acadêmica em relação aos estudos feministas é contribuir para a desconstrução da ideia binária de gênero (Scott, 1990).

Os homens responderam as concepções sobre “ser uma mulher de família” e também foram questionados sobre “ser um homem de família”. Nessa subcategoria surgiram os temas: conviver com a família, respeitar a família e ter responsabilidade financeira.

Sobre o tema conviver com a família, apareceu a necessidade de uma boa convivência e rotina com a esposa. Entretanto, o participante Alex destacou que fez o contrário no seu casamento, relatando por diversas vezes o relacionamento extraconjugal. O fato permitiu uma comparação com o tema fidelidade ao marido descrito anteriormente.

Ou seja, enquanto a mulher é retratada como aquela que tem o dever de manter a honra da família, ao homem é permitida a traição e a manutenção de relacionamentos extraconjugais, pois “a mulher perdoa” os erros cometidos pelo marido. Mais uma vez apareceu a noção de submissão feminina e o respeito à moral masculina. Contudo, Adriano e Ricardo falaram sobre respeitar a família como principal função de um “homem de família”, os dois destacaram o “homem de família” como aquele que respeita a esposa e os filhos.

Por fim, no tema ter responsabilidade financeira, os participantes relataram que um “homem de família” precisa “cumprir suas obrigações”, arcar com as

despesas da família, pagar as contas em dia, atribuindo o papel de provedor ao masculino.

Retomando as percepções dos homens sobre “ser uma mulher de família”, surgiram os temas cuidar da família e a mulher é uma figura essencial para a família. O primeiro apareceu relacionado aos serviços domésticos, a mulher de família que cuida da casa, do marido e dos filhos. Por sua vez, a mulher é uma figura essencial para a família foi tema citado somente por Ricardo. Segundo o participante, a mulher deveria ser considerada o “sexo forte”, pois quando comparada ao homem passa por muito mais sofrimento. O participante atribui essa diferença à sociedade e ainda destacou “*se não existisse mulher não existia uma família*”.

Os conceitos normativos apareceram nas entrevistas de forma binária, a partir das diferenças entre o masculino e feminino. Nesse sentido, o homem tem o papel de prover o sustento da família e arcar com as despesas, enquanto a mulher é responsável pelos afazeres domésticos e cuidado aos filhos, lembrando-se que também foram consideradas uma boa mãe. Nessas ideias os papéis permanecem fixos, o que dificulta a desconstrução da forma binária e determinante do gênero masculino e feminino.

No estudo de Gomes e Araújo (2007) o imaginário masculino também foi apresentado pelos participantes a partir de ideias contrárias da definição de ser homem e ser mulher. A lógica mostra a demarcação entre os territórios feminino e masculino, a diferença atribuída aos gêneros. Enquanto “o homem é ‘bruto’, ‘forte’, ‘agressivo’, ‘tem iniciativa sexual (ativo)’, ‘vive mais na rua’ e ‘gosta de pular a cerca

(é sexualmente infiel)'; a mulher é 'suave', 'sensível', 'doce', sexualmente mais 'passiva', 'fica mais em casa' e sexualmente 'se segura mais'" (p. 567).

O terceiro elemento inclui a noção do político nos estudos de gênero. Scott (1990) discute que os estudos precisam destacar uma visão mais ampla do universo feminino, a ideia de gênero não somente ligada ao parentesco (mulher com o papel social relacionado ao ambiente doméstico e a família), mas a mulher inserida no mercado de trabalho, na educação e no sistema político. Afinal, o gênero é construído em diversos âmbitos institucionais e organizações sociais, inclusive no sistema de parentesco (Scott, 1990).

Nas concepções sobre o papel do homem e da mulher, os participantes também destacaram os papéis comuns entre homens e mulheres, como descrito nos seguintes temas: divisão no sustento da família e/ou de tarefas domésticas entre homem e mulher, o papel do homem e da mulher é igual na criação dos filhos e a mulher é mais trabalhadora.

Os participantes defenderam a divisão no sustento da família e/ou de tarefas domésticas entre homem e mulher, Jorge e Arnaldo citaram exemplos em relação ao próprio casamento, pois a ex-esposa e esposa ajudavam financeiramente no sustento da casa.

Também destacaram que o papel do homem e da mulher é igual na criação dos filhos, os participantes Adriano e Alex relataram sobre a igualdade de gênero, pois segundo eles homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres. Para explicar tal igualdade Alex faz uma comparação com a mulher de outra época e a mulher atual, assim dá como exemplo a relação dos seus filhos com as esposas na

criação de seus netos. Nesse caso, os homens também cumprem o papel de cuidado, como dar comida aos filhos, levar para a escola, entre outros.

Tais descrições permitiram a aproximação do universo feminino ao masculino, a mulher inserida no mercado de trabalho. Da mesma forma, os homens são convocados a dividir tarefas antes atribuídas somente à mulher, como tarefas domésticas e criação dos filhos. Essas percepções podem e devem possibilitar a discussão do feminino não somente ligado ao parentesco e a díade mulher-família. Pelo contrário, o feminino deve ser inserido em diversos contextos, a mulher que trabalha, constrói ideias, participa de lutas sociais e transforma o mundo, abandonando papéis pré-estabelecidos e naturalizados (Scott, 1990).

O quarto e último elemento da definição de gênero considerada trata da identidade subjetiva do gênero, as distribuições do poder, o acesso diferenciado entre o masculino e o feminino aos recursos materiais e simbólicos. A identidade subjetiva portanto faz parte da construção do poder (Scott, 1990).

Ainda em relação às concepções sobre o papel comum entre homens e mulheres, ganhou destaque a ideia de que a mulher é mais trabalhadora. Natan falou sobre jornada dupla da mulher entre emprego e trabalho doméstico. Outro exemplo da concepção de que a mulher é mais trabalhadora, foi dado pelo participante Ricardo. Porém, relatou que a esposa sempre foi dona de casa, pois ele “não a deixou trabalhar fora”, mas considerou o trabalho doméstico mais pesado, comparando com o seu serviço, pois trabalhava oito horas por dia e tinha direito a descanso e, inclusive com possibilidade de lazer, como frequentar o bar após o expediente.

Apesar da percepção de que a mulher acumula mais funções em relação ao homem, no último caso ainda retomou-se a ideia do poder masculino em relação ao feminino, ele “não a deixou trabalhar fora”, a mulher não teve possibilidade de escolha. A partir desses temas, notou-se como os recursos materiais e simbólicos ainda são oferecidos de forma desigual entre homens e mulheres, a mulher ocupando papel principal em relação ao lar, inclusive com acúmulo de trabalho, enquanto o homem tem o direito a descanso. Socialmente e nas percepções dos participantes, o feminino foi atrelado ao ambiente doméstico e o masculino ao trabalho e ao bar.

A própria noção de cuidado aparece atrelada ao feminino, responsável por manter as relações sociais e prestar ajuda aos outros. Em relação ao cuidado com os filhos, tal concepção permanece, a função da criação do filho e a atuação das mulheres em outros ambientes de cuidado, tal como creches, ensino pré-escolar e fundamental, perpetuam a atuação feminina no âmbito privado (Lyra, Leão, Lima, Targino, Crisóstomo & Santos, 2010).

Por sua vez, a atuação do masculino acontece no público, na construção social da masculinidade não cabe a noção de cuidado, mas posturas de enfrentamento do risco. O papel do homem seria “produzir e administrar riquezas, garantir o sustento familiar, além de garantir segurança e valores morais para a família” (Lyra *et al*, 2010, p. 82). A dualidade entre homens e mulheres diz respeito às relações de poder, a dominação/subordinação que ao mesmo tempo limitou as mulheres ao acesso na participação de decisões sociopolíticas e suprimiu a participação dos homens no cuidado (Scott, 1990; Lyra *et al*, 2010).

As próprias brincadeiras de infância permitem esse afastamento da noção de cuidado, enquanto meninas são incentivadas a brincar de boneca e casinha – como uma construção da futura maternidade e casamento, meninos brincam na rua – utilizam o esforço físico, a competição e o enfrentamento de riscos (Lyra *et al*, 2010).

Em relação à paternidade, tiveram destaque duas subcategorias descritas pelos participantes: relação com os filhos e enteados e concepções sobre paternidade. Na relação com os filhos apareceram relacionamentos positivos, relação de diálogo com os filhos e relação carinhosa com os filhos e enteados, como também negativos, como o fato de não se considerar um bom pai ou não manter relação com os enteados.

Os participantes Eduardo e Alex citaram uma relação de diálogo e respeito com os filhos e vice-versa. Alex destacou a preferência pelo diálogo a bater nos filhos e a melhora na relação em comparação ao passado, quando mantinha um relacionamento extraconjugal e os filhos eram crianças. Já no tema relação carinhosa com os filhos e enteados, Artur, Arnaldo, Ricardo e Jorge destacaram alguns exemplos: o “pedido de bênção” do filho ao acordar e na hora de dormir, mesmo sendo casado; a demonstração de carinho através de um abraço e a amizade e irmandade na relação com os filhos.

Os papéis de homens e mulheres são construídos socialmente, o que justifica sua mutabilidade:

“Não que haja uma inversão de papéis e que o pai se transforme em outra mãe; trata-se de um homem-pai que estabelece relações mais complexas, estreitas e

mais 'reais' com os(as) filhos(as), que deseja e encontra grande satisfação com isso" (Lyra *et al*, 2010, p. 89).

Ou seja, a relação de afeto e cuidado pode ser construída entre pais e filhos, a partir de uma nova concepção de gênero. Esta ideia também apareceu na fala do participante Alex, quando relatou que o papel do homem e da mulher é igual na criação dos filhos e trouxe a noção de cuidado vinculada ao sexo masculino, como exemplo: dar comida aos filhos, levar para a escola, entre outros.

Os dois últimos temas não se considera um bom pai e não mantém relação com os enteados foram relatados por apenas um participante cada, no caso, Ronaldo e Natan (neste caso não houve explicação sobre o rompimento da relação com os enteados). Ronaldo destacou que o alcoolismo e agressividade prejudicou a relação com os filhos, principalmente com o filho mais velho que optou por sair de casa mais cedo para evitar a convivência com o pai. De Souza e Carvalho (2012) também identificaram dificuldades dos homens alcoolistas em assumir o papel de pai provedor e protetor, pela situação do desemprego e problemas de saúde relacionados ao alcoolismo. Os autores supõem que a convivência com o pai alcoolista e agressivo contribuiu para a construção de um modelo de pai ausente e mãe presente.

Sobre as concepções de paternidade, os participantes relataram os seguintes temas: ser pai é dar exemplo, orientar os filhos e ter responsabilidade. Quanto ao primeiro tema, dar exemplo, Artur destacou que conversava com os filhos sobre seus erros do passado em relação ao consumo de álcool. O participante Eduardo também relatou que cessou o consumo de álcool conforme seus filhos foram crescendo, pois "o pai é o espelho dos filhos".

No segundo tema, orientar os filhos, os participantes destacaram a necessidade de diálogo na hora de corrigir os filhos, a orientação sobre o respeito ao próximo, o acompanhamento no dia a dia e a amizade com os filhos, o que mais uma vez demonstrou o vínculo na relação entre eles.

Já o terceiro e último tema, ter responsabilidade foi relatado por Alex e Ronaldo. Os dois destacaram a responsabilidade da paternidade: acompanhar os filhos e ajudar em outras questões, como nos estudos e na saúde.

No estudo “Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor” o termo “responsabilidade” apareceu como a principal característica, definindo o papel da paternidade. Esta é uma responsabilidade social, de subsistência e proteção aos filhos, não entendida pela perspectiva do envolvimento afetivo, a priori não se pensa o pai na relação de amor e carinho. Além disso, o tornar-se pai também se torna regulador social, ocorre a redução da liberdade de decisões independentes, pois é necessário pensar nos filhos durante o processo decisório (Freitas, Da Silva, Coelho, Guedes, De Lucena & Costa, 2009).

Comparando nossos resultados, nota-se que os temas ser pai é dar exemplo e ter responsabilidade apresentaram a mesma ideia de paternidade vinculada ao papel tradicional. Nesses discursos houve a necessidade de mostrar aos filhos as formas de comportamento e a responsabilidade social de pensar nos filhos em todas as decisões, principalmente em relação à subsistência, como por exemplo, dar oportunidade de estudar, pagar a comida, garantir acesso à saúde. Quando Eduardo usa a metáfora do espelho mostra que “o sujeito inscreve no filho a sua imagem, a fim de se perpetuar nele, construindo subjetivamente na sua descendência, o referencial simbólico de bom pai” (Freitas, 2009, p. 88).

Segundo Freitas *et al* (2009), a paternidade faz parte da construção da identidade do homem adulto, uma nova etapa, sendo o bem material algo essencial. Apesar do encargo social, os participantes experimentavam o processo de transição entre o pai tradicional e o preocupação com a dimensão afetiva na paternidade. Os resultados corroboraram, pois a partir da pergunta “O que é ser pai?” apareceram respostas relacionadas ao pai tradicional, mostrando o zelo moral pela família e a preocupação com o papel de provedor, e o pai afetivo, aquele que demonstra e recebe carinho, prefere o diálogo ao invés de castigos físicos e dá conselhos.

Outra temática discutida sob a perspectiva de gênero debate a masculinidade e as construções da forma de beber. A noção de força atribuída ao corpo masculino embasa a percepção de mais resistência ao consumo de bebidas alcoólicas. Por sua vez, tornam-se costumes naturalizados a maior frequência dos homens no bar, nesse sentido, “consumir bebidas alcoólicas é, então, um esforço para criar fronteiras simbólicas” (Zanella, 2011, p. 7).

Tais “fronteiras simbólicas” também puderam ser percebidas em relação às concepções sobre “Mulher de Família”, a noção de respeito à moral masculina apareceu vinculada à mulher de família como figura de submissão ao marido. Por exemplo, o participante Jorge relatou que a esposa deve respeito à conversa do marido com outros homens, principalmente quando o homem está no bar com os amigos. Ou seja, o bar aqui se traduz mais uma vez como espaço masculino, lugar proibido, na comunidade, para a mulher.

O consumo de bebidas alcoólicas revela a construção social de formas de beber como uma própria definição de masculinidade e feminilidade e diferenciação

entre homens e mulheres. Por exemplo, a mesma ação, fazer o consumo de álcool sozinho, pode ser interpretada de acordo com o gênero. O homem esporadicamente é autorizado a beber sozinho, enquanto a mulher pode ser interpretada como “vulgar” pelo mesmo hábito (Zanella, 2011).

No presente estudo, os participantes relataram, em relação à família de origem, tanto a ajuda no tratamento do alcoolismo, como a ausência da família e a falta de ajuda no tratamento do alcoolismo. Quanto ao primeiro tema, principalmente os irmãos demonstraram preocupação através de visitas e conselhos para o cuidado com o consumo excessivo de álcool. Pelo contrário, Adriano destacou que as irmãs nunca o ajudaram em relação ao alcoolismo.

Segundo Veloso e Monteiro (2012), familiares de alcoolistas expressam sua vivência a partir de uma rotina instável e violenta, marcada por xingamentos e agressividade. Outros fatores também interferem na rotina da família, como: incômodo causado pelo alcoolista no ambiente familiar (ex. insônia, barulho); preocupação exacerbada com o alcoolista e aumento de responsabilidades (inclusive com o sustento da família), problemas de saúde relacionados à convivência com o alcoolista (ex. estresse, hipertensão); sentimentos de vergonha e constrangimento social, tolerância e conformismo; possibilidade de cura do alcoolista (ex. fé, promessa) (Veloso & Monteiro, 2012).

Portanto, pode-se supor que a família de origem, apesar de demonstrar preocupação em alguns casos, não apresenta a mesma responsabilidade que a família atual, aquela que convive diariamente com o alcoolista e o ajuda (ou não) em seu tratamento.

De acordo com De Souza e Carvalho (2012) os homens alcoolistas referem relacionamento difícil na família atual, com cobrança excessiva e desconfiança da esposa, e reações agressivas com os filhos. Como consequência, surgem sentimentos de culpa, arrependimento e baixa autoestima em relação à esposa que assume papel principal na família.

Corroborando com os resultados, os participantes relataram a interferência do consumo de álcool na relação com a família atual (esposa e filhos). Em relação à opinião das esposas sobre o consumo de álcool, surgiram os temas a esposa não reclamava do consumo de álcool e cobrança da esposa para cessar o consumo de álcool. Na maioria das vezes, conforme destacado pelos participantes Adriano, Alex, Ronaldo e Ricardo, houve cobrança por parte das esposas. Todavia, elas apenas o alertavam e, no caso de Natan, Jorge e Adriano houve a separação da esposa, este último apesar de separado mora atualmente na mesma casa com a ex-esposa.

Frequentemente, destacaram a agressividade com esposa e filhos (violência psicológica) e a perda de intimidade (relação sexual) e proximidade com a esposa, apresentando sentimentos de culpa em relação à família após os episódios de agressividade e arrependimento em relação à perda de intimidade com a esposa.

Entretanto, mesmo com essas dificuldades, os participantes não abandonaram os marcadores da honra masculina, como bravura e virilidade. O código de honra masculino apresenta vários pontos de apoio, o desprezo em relação a sua própria imagem e o sentimento de vergonha perante mulheres e filhos é contrabalanceado pela generosidade e prestígio social dos amigos (Fonseca,

2004). Sendo assim, o consumo de álcool continua sendo socialmente aceito para a figura masculina, mesmo que traga prejuízos pessoais e nas relações familiares.

Mais uma vez, a “honra feminina” aparece relacionada à fidelidade ao marido e ao cumprimento de obrigações domésticas: a mãe que zela pelos filhos e a dona de casa exemplar. Nesse sentido, o status do casamento aparece para a mulher como uma forma de aceitação social, a presença de um marido ultrapassa a ordem material e afetiva, também traz respeito para essa mulher diante da comunidade (Fonseca, 2004).

Santos e Velôzo (2008) destacaram em seu estudo que a dependência de álcool pode ser atribuída pelos alcoolistas e seus familiares a problemas vividos na família e amizades, sendo o alcoolismo entendido por eles como uma doença que necessita de ajuda em sua recuperação. Além disso, dentre suas representações sociais aparece “como algo que provoca perdas, como o ato de beber em excesso, como uma dependência hereditária, um castigo e algo do demônio” (p. 619).

Entretanto, os participantes não atribuíram a dependência de álcool a problemas vividos na família (tanto a de origem, como a atual), mas falaram sobre a influência dos amigos para o consumo de álcool. O consumo excessivo de álcool também foi relatado pelos participantes como algo que provoca perdas em vários âmbitos: falta de intimidade com a esposa, perdas sociais e financeiras (moral e econômica) e consequências do consumo de álcool na saúde.

As consequências do alcoolismo para a vida familiar e social podem trazer “aumento de dívidas, desemprego, problemas de saúde, acidentes de trânsito ou de trabalho, brigas em bares que resultaram em prisão” (De Souza e Carvalho, 2012, p. 46). Em relação às perdas financeiras, os participantes Adriano e Alex

lembraram-se da interferência do álcool no trabalho. Alex relatou que deixava de pagar o aluguel para beber com os amigos no bar e também mencionou um serviço inacabado por conta do consumo de álcool. Enquanto Adriano precisou lidar com a desconfiança do síndico quando trabalhava de porteiro, pois ele pensou que o participante havia consumido álcool no horário de serviço.

Essas ideias também retomaram os temas mencionados pelos participantes a respeito de suas memórias da vida adulta, Adriano relatou problema de saúde (infarto) que quase o levou a óbito e a necessidade de cessar o consumo de álcool para sobrevivência e manutenção de uma vida saudável. Outro ponto importante diz respeito à lembrança de Natan sobre a experiência da prisão (encarceramento), citado como o pior acontecimento na vida adulta, o participante lembrou que foi preso em consequência do abuso de álcool e desacato a um policial.

Em relação ao tratamento do alcoolismo, os participantes citaram o Grupo de Homens e o AA, o que tornou possível a discussão sobre a inserção dos entrevistados nos grupos de apoio e o lugar ou não lugar do álcool nesses espaços. Ou seja, os discursos produzidos nos grupos de apoio formam uma imagem social do sujeito alcoolista. E, a percepção que eles têm sobre si apresenta relação com o discurso compartilhado nesses espaços de tratamento.

Para melhor compreensão, cabe ressaltar uma diferença significativa nas trajetórias dos participantes. Artur, Arnaldo e Adriano nunca frequentaram nenhum grupo de autoajuda e mantêm assiduidade nas reuniões do Grupo de Homens. Os dois primeiros são participantes do grupo desde sua origem, há quatro anos, enquanto o último começou a participar das reuniões há dois anos. Artur e Arnaldo relataram a diminuição do consumo de álcool, o que pode ser considerado a partir

da perspectiva de Redução de Danos utilizada no Grupo de Promoção da Saúde, já Adriano optou pela abstinência do álcool.

Diferentemente, Ronaldo e Alex já haviam frequentado o grupo AA antes de entrar no Grupo de Homens. Ronaldo participa das atividades há dois anos, também de forma assídua. Enquanto Alex está no grupo desde sua origem, mas não mantém a mesma frequência. Durante as entrevistas, Ronaldo fez referência a si mesmo como “safado” e com “falta de vergonha na cara”, dando ênfase às características negativas e abordando com frequência o consumo de álcool. Assim como Alex, que destacou o alcoolismo e o relacionamento extraconjugal. Portanto, o álcool aparece como elemento central no discurso dos participantes quando relatam sobre a percepção de si.

Tal articulação também foi encontrada no estudo de Garcia (2004). Segundo a autora, os membros do AA percebem o alcoolismo como o pior problema em sua trajetória de vida, responsável pela falta de controle e chegada ao “fundo do poço”. Nesse sentido, o alcoolismo é entendido como uma doença biológica e fatal, um “vício” que afeta todas as dimensões da vida do sujeito, principalmente as relações familiares (Garcia, 2004; de Campos, 2009).

Cabe destacar que, no caso do Grupo de Homens, a exigência de abstinência não aparece como norma fundamental, o trabalho é pautado pela Política de Redução de Danos (Brasil, 2005) e apresenta como objetivo diminuir os possíveis riscos do consumo de álcool, nesse caso pelos homens alcoolistas.

Podemos supor que as histórias contadas pelos participantes Artur, Ronaldo e Alex em relação às duas formas de tratamento e a percepção de “inclusão” desses sujeitos no Grupo de Homens e a “não adaptação” ao AA, esteja baseada

justamente na forma de tratamento ofertado no Grupo de Promoção da Saúde: o vínculo com os profissionais e colegas do grupo, a não necessidade de abstinência e a discussão entre saúde e consumo de álcool.

De acordo com os resultados consideramos que existe relação entre os discursos produzidos nos Grupos de Apoio, seja ele Grupo de Promoção da Saúde ou AA, e a percepção que os participantes apresentam de si. Inclusive, nesse sentido, as entrevistas de Ronaldo e Alex ganharam destaque pela importância atribuída à dependência alcoólica e a desvalorização de sua própria figura. Os Grupos de Apoio precisam questionar se a abordagem utilizada contribui ou não para a manutenção do estigma do sujeito alcoolista. Outra questão pertinente: a forma como o sujeito se percebe pode influenciar na inserção e continuidade do tratamento.

CAPÍTULO IV

O QUE É FAMÍLIA? AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FAMÍLIA EM HOMENS ALCOOLISTAS²

Esse capítulo buscou identificar e analisar núcleos figurativos das representações sociais sobre família construídas por homens alcoolistas. Para tanto, foram utilizadas questões específicas sobre família e dois exercícios de imaginação na elaboração de estruturas narrativas. Procurou-se identificar elementos não-negociáveis das representações, aqueles que, na concepção dos participantes, são fundamentais para conceber o que é a família.

Método

Instrumentos e Procedimentos de Coleta

Este Estudo contou com os mesmos participantes do Estudo 1. Na segunda entrevista realizada com eles, foi aplicado o *Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada III*, que apresentou questões específicas para apreender elementos de representações sociais sobre família, como por exemplo: Para você, o que é família? Que coisas você ouve/ouvia dizer sobre família? Além dessas questões, foram propostos dois exercícios de imaginação durante a entrevista: variação imaginária (adaptado de Bullington & Karlsson, 1984) e ilha deserta, esta última elaborada pela autora (Apêndice II).

² A revisão de literatura/introdução foi contemplada no Capítulo I.

Análise de Dados

Para analisar os dados, foi utilizada uma adaptação do método fenomenológico para investigação psicológica. Foram realizadas cinco fases de análise, como se seguem: 1) transcrição literal da entrevista (incluindo aspectos emocionais observáveis); 2) identificação de unidades de significado (temas significativos sobre a experiência vivida); 3) distribuição das falas literais nas unidades de significado; 4) padronização da linguagem (o autor transcreve a fala do sujeito em terceira pessoa); e 5) elaboração de estrutura narrativa (integração dos temas) (Trindade, Menandro & Gianórdoli-Nascimento, 2007).

Ressalta-se que a análise fenomenológica vem sendo utilizada em trabalhos que envolvem teorias da Psicologia Social e que tomam a entrevista como principal instrumento de coleta de dados (Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S & Gianórdoli-Nascimento, 2007). Conforme destacado anteriormente, o presente estudo buscou analisar os dados sob o prisma da Teoria das Representações Sociais em conjunto com a análise fenomenológica como forma de valorizar a vivência dos alcoolistas e o universo psicológico construído por eles em sua trajetória de vida.

Resultados

Na apresentação dos resultados, foram organizadas estruturas narrativas sobre as representações de família construídas por homens alcoolistas. Em todas as estruturas, foram observados núcleos figurativos e elementos não negociáveis para posterior discussão de consonâncias e dissonâncias entre as representações sociais dos participantes. Utilizou-se o critério de ordem alfabética, de acordo com os nomes fictícios propostos no estudo, para exposição dos resultados.

Cabe ressaltar que houve uma interpretação comum entre os participantes nas respostas da questão: O que você ouviu/ouvia dizer sobre família? Notou-se que apesar da pergunta ter sido utilizada buscando uma concepção geral do que já tinham escutado sobre família ao longo da vida, os participantes compreenderam a pergunta e a responderam vinculando a questões atuais.

Ou seja, o que escutam falar sobre família na comunidade, na maioria das vezes relacionando o fato com aspectos negativos, como “falar mal da família”, e realizando uma comparação entre a “família de antigamente” e a “família na atualidade”. As considerações sobre tal fato serão realizadas posteriormente na discussão “Famílias: laços sanguíneos e outros tipos de afeto”.

A família para Adriano

Para Adriano os elementos “não negociáveis” sobre família são os seguintes: figura da avó paterna, união, humildade e cuidado. O participante não conseguiu imaginar a família sem a existência da avó paterna, pois ela foi responsável pela sua criação e teve papel essencial em sua trajetória: *“Sem a minha avó não, não tem “comparância” não, a minha vida que eu levo hoje em dia.”*

Segundo Adriano, a família precisa ser unida, tanto quando a pessoa vive sozinha ou quando construiu sua própria família com esposa e filhos. Além disso, os familiares *“...deve ser humilde todos eles, todo mundo reunido, tudo igual, um ser a mesma coisa que o outro”*. Outra representação marcante é o cuidado, na questão sobre a ilha deserta, o participante imagina duas situações: a pessoa como homem e como mulher. Como homem ele proporia ser seu amigo e se fosse mulher pediria em casamento, nos dois casos fala sobre a necessidade de cuidado

recíproco. Conforme a fala: *“Porque um ia cuidar do outro, porque mesmo se fosse também dois homem a mesma coisa, ia ser a mesma família os dois, porque um tinha que ajudar o outro entendeu. Na hora da alegria e também da tristeza.”*

Em sua trajetória de vida Adriano relatou não ter convivência com a família de origem e o sentimento de “falta de cuidado” por parte das irmãs em relação à ajuda no tratamento do alcoolismo, o mesmo não acontece em relação à ex-esposa. Portanto, sobre sua família construída lembrou-se: *“Minha vida familiar é a minha família que eu tinha né, que era minha ex-esposa entendeu, meus filhos de criação, minhas filha”*.

Por fim, o participante relatou perceber muitos absurdos em relação à família de uma forma geral: críticas, falta de diálogo e humildade. Como na fala a seguir:

“Muitos absurdos porque geralmente um critica o outro [...] igual a gente vê aí os familiares aí um brigando com o outro, se matando um ao outro, isso tudo pode ser evitado, tudo pode, um simples gesto de conversa [...] um da família dos outros querer ser mais do que o outro, não pode, porque todos eles eu acho que Deus deixou pra eles o mesmo ar que respira, o mesmo sol, a mesma chuva, a mesma água que bebe, então tem que ser unido”.

A família para Alex

O participante destacou alguns elementos “não negociáveis” de representações sociais de família, como: a mãe como figura essencial, união, privacidade e religião. Alex conseguiu imaginar a família sem o pai, pois a mãe continuaria a existir. Neste caso, a mãe aparece como figura essencial não somente

para sua família, mas para toda e qualquer família. Inclusive, citou o exemplo de mães que criam os filhos sozinhas:

“A mãe é especial em qualquer família, você pode reparar aí que tem muita família que só tem a mãe, a mãe é o pai, entendeu. E eu vejo, eu conheço algumas que criaram os filho sozinhas, sem marido, largou tudo ou morreu. A mulher do irmão de papai, ele largou ela pra ir embora com outra e ela criou os filho tudinho. É, é mãe, é isso aí. A família é muito importante, qualquer uma, tem família que adota filhos, tem um monte de filhos dos outros, criando como se fosse um filho dela.”

As representações sociais de família foram: união, privacidade e religião. Alex destacou a necessidade de união da família, como por exemplo, no caso de adoecimento de algum familiar. Também falou sobre a questão da privacidade e o respeito à liberdade, pois cada pessoa deve viver da forma que considerar mais adequada: *“... respeito mesmo, nós não se mete na vida um do outro...”*. Durante a entrevista, o participante destacou sua atuação no Grupo de Oração da igreja católica e o papel da religião em relação às famílias de uma forma geral. Segundo Alex a religião ajuda a família, como se houvesse uma espécie de “proteção” para as famílias religiosas. *“A religião já ajuda muito as família, não importa qual, se eu for fiél ali, nada acontece de ruim com eles, entendeu.”*

No exercício da ilha deserta, o participante explicaria o que é família a partir da sua experiência de vida. No decorrer também disse que conhece algumas pessoas sem família e, que por vezes não tiveram a oportunidade de conhecer os

pais, o que descreveu como “terrível”: *“Eu conheço muitos que tão vivendo sozinho até hoje, mas não conheceram os pais, entendeu. Não é bom não, muita privação, é terrível, a pessoa viver sozinha...”*. Por fim, destacou que se a pessoa conhecesse a família dele entenderia o quanto é bom: *“...se ele visse a família que eu tenho, ele ia entender, realmente é bom.”*

Alex falou sobre a transição entre família de origem e família construída e a responsabilidade advinda do casamento e filhos: *“...minha esposa, meus filho vieram completar a minha vida né. Porque a gente mora com os pais é uma coisa, quando você vai morar com alguém, casar, aí é [...] vai depender de alguém pra fazer as coisas pra você”*.

O participante também relatou sobre o abandono dos “chefes de família” e trouxe a noção de família desestruturada. Segundo o participante, apesar do relacionamento extraconjugal que manteve durante um longo período de tempo, não abandonou a família, como descrito na fala:

“Muitos chefes de casa, tem muitos que abandonam né, vai embora, eu fico olhando isso aí, porque uma família tem que ser muito bem estruturada pra não acontecer essas coisas viu. O chefe da cada vai embora, faz outra família e deixa aquela sofrendo pra lá, eu não penso, essa ideia já passou, eu já tive fase difícil, mas nunca larguei minha família.”

A família para Arnaldo

Na entrevista de Arnaldo os elementos “não negociáveis” de representações sociais de família foram: irmãos, união e diálogo. No primeiro momento, trouxe os irmãos como elementos figurativos, lembrando-se com alegria da família de origem,

quando todos moravam “juntos”. Os irmãos dormiam todos juntos no quarto e dividiam a “esteira”, pois não havia colchão na época.

O participante conseguiu pensar a família sem os pais como principais responsáveis pela criação. Pode-se supor que a falta da relação que ele almejava entre seus pais de diálogo e carinho, características destacadas durante toda a entrevista como essenciais para uma família, contribuiu para o exercício.

Arnaldo utilizou o termo união e diálogo para caracterizar a família, conforme destacado nas falas: “...*família tem que ser unida, se não for uma família unida...tem que ter o diálogo, porque senão não vai a frente*”. Sobre a ilha deserta, relatou que ninguém deve viver sozinho “...*sozinho a gente não vai a lugar nenhum*” e apresentaria sua família atual para a pessoa “*com todo o prazer*”.

Segundo o participante, as famílias atuais não apresentam tais elementos (união e diálogo), para Arnaldo “...*se tivesse diálogo eu acho que não tinha [...] a separação, eu acho que é isso, falta de diálogo, falta de amor...*”. O participante ainda faz uma comparação com sua família de origem, pois apesar do pai na época também não estabelecer diálogo com os filhos exigia respeito em casa:

“... *quando eu vejo um jovem assim morrendo penso assim comigo que os pais devia chegar, sentar: meu filho vem cá, não é bem assim que as coisa anda [...] meu pai também não sentava pra conversar com nós não [...] a gente já tinha aquele esquema assim da gente andar direitinho pra não dar problema.*”

A Família para Artur

Na entrevista de Artur apareceram alguns elementos “não negociáveis” de representações sociais de família, como: figuras parentais, amor e “convivência genuína.

Primeiramente, o elemento figurativo, ou seja, a imagem que representou família para o participante foi a lembrança de seus pais. O pai e a mãe apareceram como figuras essenciais para a sua família de origem, pois: *“nada substitui o meu pai e a minha mãe, nada, se eles tivesse vivo, eu podia morar com outra madame milionária, mas não ia substituir, nada, nada”*. Outra representação de família diz respeito à família construída, lembrando-se da esposa e dos filhos *“família pra mim é tipo assim [...] é meu filho, minha patroa, entendeu? Isso pra mim, tudo faz parte da minha família.”*

Em relação à questão da ilha deserta, Artur imaginou uma criança e relatou que se tornaria seu pai, nesse momento citou o exemplo da adoção *“como eu já vi muito, já vi não, filho adotivo por aí, que sabe o que é ter um pai”*. Portanto para explicar o que é família é necessário tornar-se família, a criança precisa receber carinho, amor e cuidados de pai e mãe.

“...ele vai tomar aquele amor, de pai mesmo que ele nunca conheceu, não sabe o que é um pai [...] aquele pai que vai cuidar dele, dar carinho a ele, vai explicar: oh, eu sou seu pai. [...] minha companheira aqui é sua mãe, como ele nunca teve pai e nunca teve mãe, ele vai achar isso estranho, porque ele nunca teve um amor de uma mãe e um pai, mas vai ter o amor naquele momento ali”.

O participante ainda faz uma comparação, relatando que existem pais que funcionam da mesma forma que a ilha deserta, pois não se preocupam com seus filhos, ou seja, os abandona.

O participante também trouxe em seu relato a noção de família desestruturada. Segundo Artur a família precisa ter uma estrutura, ou seja, não pode falar mal da própria família e precisa ter diálogo, diferente de conversar apenas por obrigação.

Para Artur o Grupo de Homens também pode ser considerado uma família, pela convivência todas as quintas-feiras e a saudade que sente dos profissionais e participantes quando alguém se ausenta das reuniões. *“A gente sente saudade, pra mim família é desse tipo, entendeu?”*

A família para Danilo

Danilo relatou como representações sociais de família: os pais, ajuda mútua, constituição de uma nova família e convivência. Danilo destacou o papel fundamental dos pais que apareceram como elementos figurativos, no caso, os pais são aqueles que abrem mão da comida para dar aos filhos: *“Pai e mãe eles deixa de comer pra te dar comida”*. Tal fato aconteceu durante o relato de sua trajetória de vida devido à dificuldade financeira de seus pais quando era criança.

O participante nomeou como “terrível” a possibilidade de uma pessoa não ter uma família para ajudar, destacando o papel essencial de ajuda mútua. No exercício da ilha deserta, disse que aconselharia a pessoa (nesse caso, sem sexo definido) a casar, ter filhos, ir para a cidade construir uma família, ou seja, ninguém

deve viver sozinho: *“Aí eu falo pra ele, tem que casar, namorar, casar, ter filhos, arrumar uma família. Construir uma família.”*

Em relação à própria família, falou sobre a importância da convivência com a família de origem (irmãos) e família construída (esposa e filhos): *“Ah, família é a família que a gente “veve” junto, né. Filho, mulher, os parente é tudo família, eu acho que sim.”*

Danilo ainda fez uma comparação entre a “família de antigamente” e a “família na atualidade”. Segundo o participante hoje nota-se falta de união e desrespeito em relação às figuras paterna e materna, como exemplificado na fala: *“...filho hoje não tá muito dando atenção pra pai, pra mãe, entendeu, igual a gente dava [...] filho responde mãe, entendeu, aí no bairro mesmo aí, essa garotada aí não tão mais aí pra pai e mãe não. “*

A família para Eduardo

Como elementos figurativos apareceram a família de origem e a família construída, porém Eduardo destacou mais convivência e prioridade com os segundos (esposa e filhos): *“Família é a família que você tá convivendo com ela agora, que é a sua esposa, seus filhos, tá tudo ali junto, aquela em primeiro lugar é ela.”*

Os elementos “não negociáveis” das representações sociais de família foram: união, “espelho da relação com o mundo” e consideração. De acordo com o participante a família precisa ser unida, inclusive utilizou um jargão popular para expressar o fato: *“Ah, a importância que eles têm pra mim são tudo [...] você já ouviu falar, família unida jamais será vencida?”*. Eduardo também estabeleceu que

a família “é o espelho da relação com o mundo”, ou seja, se você vive bem com a sua família o mesmo acontecerá com todos ao seu redor.

Já no exercício de variação imaginária conseguiu imaginar sua família sem os pais, apesar da importância e carinho atribuído a eles, pois “família é aquela que você considera”, ou seja, depende da convivência. Portanto, dá dois exemplos, primeiro a relação que estabeleceu com suas cunhadas, pois caso se separem dos seus irmãos continuam sendo sua família pela convivência e respeito que adquiriram. No segundo exemplo cita Ricardo, seu amigo do Grupo de Homens, uma pessoa por quem sente carinho, sempre convida para almoçar na sua casa e convive com a sua família: *“Seria família por causa da consideração [...] a consideração é aquela que vem no conviver daquelas pessoas.”*

No exercício da ilha deserta a ideia de convivência apareceu novamente, pois segundo o participante para explicar o que é família há necessidade de se tornar família. Ele imagina uma pessoa desprezada e que precisa de ajuda, portanto se vê estendendo a mão, o ajudando e virando sua família por consideração.

Por fim, Eduardo destacou que tem se deparado com situações “terríveis” em relação às famílias de modo geral, como casos de violência entre filhos e pais, ou seja, o desrespeito em relação às figuras do pai e da mãe: *“Eu tenho me deparado com coisas terríveis, filho ‘esporretando’ a cabeça do pai, porque eu já presenciei, uma tragédia muito feia.”*

A família para Jorge

Jorge relatou elementos figurativos (figura paterna e confraternizações da família de origem) e “não negociáveis” das representações sociais de família: união, amor, diálogo, convivência e casal.

O participante não conseguiu imaginar a família sem o pai, relatou que mesmo ausente fisicamente ele estaria presente na imaginação e coração. Caso fosse outra figura masculina, por exemplo, um padrasto, a família modificaria, pois as regras seriam diferentes. Também destacou a necessidade de união da família e lembrou dos momentos de confraternização: *“Porque cada vez que você vê sua família reunida que seja no Natal, na virada de ano você vê as suas família, nem que seja parente, primo, tal, você fica feliz, tá todo mundo reunido.”*

Para Jorge a família precisa ser unida, amorosa e ter diálogo, como exemplificado na fala: *“...união, amor, dedicação [...] alguém pra você dialogar, nem que seja pra você bater boca [...] a família é muito importante em qualquer situação, mesmo que seja no desespero, na doença ou até na discussão, mas é a família.”*

Jorge também acrescentou que considera ter duas famílias: a família de origem e os amigos. Segundo o participante os amigos também são família pela convivência diária: *“...considero como minha família, porque to dia a dia com eles [...] A gente conta história, um conta a história deles e o outro e tal, nós fica contando às vezes uma piada. Então se torna uma família...”*

No exercício da ilha deserta imaginou a pessoa olhando ao redor e se deparando com alguns casais de animais, nesse caso, o macho e a fêmea representam uma família, o que provoca o questionamento: “O que vou fazer aqui sozinho?”. De acordo com Jorge para ser família é necessário que se tenha um

casal, “uma mulher sozinha não é uma família” e, não necessariamente eles precisam ter filhos. O relato reflete sua própria história de vida, foi casado, porém não teve filhos.

Enfim, Jorge considerou errado falar mal da própria família, pois caso tenham algum problema é necessário compartilhar e resolver dentro de casa, terceiros não precisam tomar conhecimento: “... *a pessoa que tem algum problema com a família deve guardar pra ele mesmo e compartilhar com eles [...] não sair distribuindo na rua [...] eu acho que isso é errado.*”

A família para Natan

Foi o único participante que não conseguiu fazer o exercício de variação imaginária. Apesar disso, durante a entrevista apareceram elementos figurativos (solidão) e alguns elementos de representações sociais de família (conjugalidade, união e perdão).

Natan relatou que não tem contato com a família construída, pois foi proibido pelos enteados de ter contato com a ex-esposa. Assim, vive sozinho e se sente solitário, apesar de receber a visita do filho em algumas ocasiões: “...*morar numa casa de quatro cômodo, isolado e não ter assim um... lá uma vez ou outra que eu vejo uma visita do meu filho de sangue [...] a imagem que eu vejo assim dentro de mim é solidão.*”

Sobre os elementos “não negociáveis” de família relatou a conjugalidade, união e perdão. Para Natan, família “...*é quando a pessoa tá unida [...] a pessoa conjugalmente...*” O participante demonstrou dificuldade no exercício da ilha deserta, mas explicou o que é família através do termo união e perdão. Entretanto,

terminou sua explicação com o mesmo questionamento para a entrevistadora, como se esperasse uma confirmação em relação às suas respostas: “Família é um unido com o outro, um unido com o outro [...] Digo assim, você faz isso errado, eu faço certo, aí você chega lá e perdoa. É isso? É isso que é família?”

Natan também relatou que considera como família o Grupo de Homens e a Banda de Congo, como segue: *“Aqui é uma família pra mim, um conforto, entendeu, é um conforto”. [Grupo de Homens]; “...só to feliz quando eu vou pra minha banda de congo. Meu momento, felicidade pra mim é tudo ali. Ali é família pra mim, a banda de congo...”*.

A família para Ricardo

No exercício de variação imaginária apareceram como elementos figurativos os irmãos de Ricardo. Logo após, ele destacou os elementos “não negociáveis” de família, como segue: carinho, união e consideração.

Ricardo conseguiu pensar a família sem os pais, mas disse que se tivesse os irmãos seria a mesma família. Nesse caso os irmãos aparecem como figura essencial do exercício de variação imaginária.

Para o participante família é carinho, portanto destacou lembranças com o seu pai e uma experiência de adoção para exemplificar tal representação: *“... família é um tudo entendeu, é um tudo. É uma lacuna que você estando com ela é preenchida, é o aconchego, aquele que papai me dava...”*. No momento do exercício da ilha deserta Ricardo se lembrou de uma experiência real. Na época que namorava sua primeira esposa conheceu uma criança que não queria voltar para casa, pois sofria maus tratos. No caso, a sogra dele o acolheu e eles deram

carinho para a criança que acabou retornando para o lar após algum tempo. Segundo o participante é demonstrar o carinho, conforme fala:

“Se dedicar e dar amor a ele, você aconchegar ele entendeu e você aos poucos vai conseguindo dizer, vai fazer com que ele perdoe os pais, você vai conscientizando ele de alguma coisa, agora primeiro você dá carinho pra ele sentir isso de você, pra depois transmitir esse carinho para as pessoas da família.”

Outra representação foi a união da família, o participante defendeu que não deve haver diferenças entre homem e mulher, família é aquela que te apoia nos momentos difíceis e se mantém unida, uns ajudando os outros. Além disso, “família é aquela que você considera”, como quando Ricardo disse: *“...o mundo pra mim, com exceção de muitas poucas pessoas, é uma família que eu tenho aqui, é uma família que eu gosto muito, são aquelas que me consideram e que se sentem consideradas por mim.”*

Durante a entrevista Ricardo falou sobre o que considerava ruim em algumas famílias, para isso utilizou as notícias diárias de violência sexual com crianças e adolescentes, destacando que o abusador geralmente é da família (como exemplo, padrastos, pais, avós, entre outros). Também exaltou a figura feminina, lembrando que nasceu, foi casado e tem filhas mulheres, ou seja, considera o respeito a elas imprescindível.

“Hoje mesmo no jornal: pai estupra uma filha desde os sete anos de idade. Descobriu agora aos treze anos. Então quer dizer um cara desse é pai? Isso não tem amor ao próprio filho não sabe o que é. Porque eu sempre disse até no grupo, a coisa que eu mais admiro no mundo é a mulher, porque eu nasci da mulher, tenho as filhas mulheres, fui casado com mulher, entendeu [...] É um outro lado da família que eu acho um absurdo, tem a nossa e tem essa parte ruim da família.”

Por fim, Ricardo destacou que considera o Grupo de Homens, profissionais e participantes, como pertencentes à sua família, inclusive exemplificando sua relação com um colega do grupo: *“... o Danilo, ele não pode me ver que: Ricardo, vamos lá pra casa, vamos conversar. São pessoas que a gente se sente bem, entendeu, já tem outras que você não gosta nem de vê-las passar, são essas pessoas.*

A família para Ronaldo

Durante a entrevista a mãe e o pai apareceram como elementos figurativos, enquanto a ideia de contar com as pessoas, amor e convivência surgiram como representações sociais de família para o participante.

Ronaldo conseguiu imaginar sua família sem o pai, como aconteceu após sua morte, mas explicou que a mãe também teve papel fundamental. Entretanto, atribui importância à figura paterna, afinal se não o tivesse conhecido a vida não

faria sentido, como na fala: *“Se o velho não tivesse existido (silêncio) eu tava ferrado, porque eu não ia saber, eu não ia aprender o que eu aprendi até hoje, não ia saber como viver até hoje do jeito que eu vivo.”* Sobre a imagem de família, lembrou-se novamente do pai e da mãe *“eu não tenho nem foto na parede não, mas tá na mente.”*

De acordo com o participante família traz a ideia de contar com as pessoas e relações de amor: *“Tudo é você poder contar com as pessoas, você contar, depender das pessoas e isso faz com que eu, não sei os outros, eu me sinta bem. Gostar das pessoas [...] É isso, é um sentimento de amor.”* No exercício da ilha deserta, Ronaldo ainda falou sobre a convivência como elemento de representação social de família. Ele imaginou uma mulher e relatou que a pediria em casamento, daí mostrou-se como necessidade para uma família, a sua construção (a partir do casamento) e a convivência. *“Ah, eu pedia em casamento se fosse mulher. Porque aí a gente ia construir uma família ué. É constituir uma família. É o conhecimento né, o convívio, amizade e ter relação né, não digo relacionamento sexual, relacionamento amigável.”*

Discussão dos Resultados

As representações sociais abordam o conhecimento de senso comum e da construção da realidade, a partir dos processos de objetivação e ancoragem, o que permite que o sujeito construa o seu pensamento e a orientação de suas ações sobre determinado objeto, desde que este seja polimorfo e relevante para o grupo (Santos, 2005). No caso, foram analisadas as representações sociais de família para os homens alcoolistas, em torno da questão principal: O que é família?

A objetivação refere-se à produção sociocognitiva de imagens e personagens que concretizam um conceito abstrato, dividindo-se em três fases: “construção seletiva – esquematização estruturante – naturalização” (Moscovici, 1978). Já a ancoragem diz respeito à incorporação do objeto de representação às redes de significado já presentes no grupo. Tal processo permite dar sentido ao objeto e apreendê-lo por meio de valores sociais compartilhados: “o pensamento constituinte apoia-se no pensamento constituído para incluir a novidade nos quadros antigos, no já conhecido” (Jodelet, 2001, p. 18). Como resultado desses processos, constrói-se um “núcleo figurativo” (Moscovici, 1978) para as representações sociais, composto por elementos tidos como centrais, não-negociáveis, ou seja, sem os quais não é possível pensar o objeto.

No presente estudo, o núcleo figurativo, resultado de processos de objetivação, esteve mais centrado nas imagens tradicionais de família como família de sangue, envolvendo pai, mãe e irmãos. O resultado corrobora com o estudo de Fonseca (2004), no local da pesquisa os laços consanguíneos foram privilegiados e, à medida que os indivíduos envelheceram o apego primeiro dos pais foi transferido aos irmãos. Tratam-se de laços duradouros entre parentes, a família de origem permanece importante na vida dos homens. A figura essencial de família primeiramente marcada por pais e irmãos possibilita a construção de novas famílias com esposas e filhos.

Nesse núcleo figurativo também apareceram outros elementos importantes, tais como: união, cuidado, diálogo, amor e convivência. Desta forma, foi possível considerar a família não somente relacionada aos laços sanguíneos, mas estabelecida em outras redes de apoio, como por exemplo, amigos. Inclusive,

Jorge, Natan, Ronaldo e Ricardo destacaram como família o Grupo de Homens, espaço no qual eles convivem com colegas da comunidade e profissionais. Nas entrevistas, os homens destacaram que a convivência no Grupo de Homens permitiu o vínculo e a consideração do próprio grupo como família.

Após a revolução industrial o afeto começa a ser considerado como a base da vida familiar. A procriação não serve apenas como mão-de-obra para a família ou ancestralidade, mas apresentam valor afetivo. O amor romântico permite a “livre escolha” dos parceiros e a felicidade dos indivíduos é o que importa na construção da família. (Ariés, 1981). Tal concepção permitiu novos arranjos familiares, antigamente rejeitados, como a filiação adotiva, o relacionamento embasado no afeto, filhos “escolhidos”, considerados inclusive como mais valiosos que aqueles com laços sanguíneos (Modell, 1994).

Fonseca (2002) exemplifica a relação de parentesco a partir da análise do filme “Eu, Tu e Eles”, a história supostamente verídica retrata a vida de uma mulher casada com um homem estéril, que gera três filhos com três homens diferentes. O fato é conhecido publicamente, mas ao final do filme o marido faz o registro dos filhos, o que revela a importância dos laços afetivos e o que o torna socialmente pai daqueles meninos.

Na questão sobre a ilha deserta, dois casos ganharam destaque, pois também mostraram a importância da convivência e carinho, mesmo quando não há ligação genética. Artur imaginou uma criança na ilha e falou sobre a possibilidade de adotá-la, com a inclusão de um novo membro na família de origem (esposas e filhos), enquanto Ricardo lembrou-se de um caso em que sua ex-sogra cuidava de um menino que sofria maus tratos, mas depois retornou à família de sangue.

Portanto, podemos considerar esses outros elementos como resultantes de ancoragem: construção de uma compreensão sobre família a partir de experiências diversas que estabeleceram sistemas “prévios” de significação.

O estudo das representações sociais de família em homens de três gerações (avô, pai e filho) que vivenciaram diferentes épocas do século XX revela em comum a ideia da família como “espaço de formação do indivíduo”. Nesse sentido, os homens representam a família como lugar responsável pela adequação social de seus membros. Em relação aos homens mais velhos, a representação social de família aparece associada à virilidade e autoafirmação social, assim como um espaço que previne a solidão (Wanderley & Menandro, 2012).

Na geração intermediária, a família aparece bastante relacionada à afetividade, ela é “tudo na vida”, porém os homens demonstram mais autonomia em relação à geração anterior. Na representação social dos homens mais novos, a família como “tudo na vida” reaparece junto à necessidade de suporte para vida acadêmica e futuro profissional e, como “porto seguro”, sentimento elevado de segurança (Wanderley & Menandro, 2012).

Em nosso estudo, a representação social de família também apareceu associada à virilidade masculina e a prevenção da solidão. No primeiro caso, Alex relatou sobre a responsabilidade advinda do casamento e filhos, ou seja, na construção de sua família atual. O termo “chefe de família” foi utilizado pelo participante para enfatizar a importância do papel masculino, destacando como algo negativo o “abandono do chefe de família” em casos de separação.

Segundo Fonseca (2004), a honra masculina está atrelada à força física, virilidade e procriação, enquanto o feminino carrega o papel marcado de mãe e

dona de casa, vinculado às tarefas domésticas. Para a mulher o casamento é uma forma de aceitação social, a presença de um marido ultrapassa a ordem material e afetiva, também traz respeito para essa mulher diante da comunidade.

No segundo caso, a família também apareceu como local que previne a solidão, Arnaldo, Danilo, Jorge e Ronaldo destacaram a construção da família como algo essencial e a necessidade do casamento e procriação. Dentre os participantes, Artur trouxe a afetividade em sua explicação, para se tornar família é necessário receber carinho, amor e cuidados paternos, o que retoma a noção de casamento presente nessa representação.

A família evoca um conjunto de valores que criam sentido e identidade para os indivíduos. Além disso, a noção de família permite a formulação de políticas públicas. Portanto, não deve ser pensada em seu modelo antigo e hegemônico, mas resgatar as singularidades de cada configuração familiar, o que recusa a perspectiva hierárquica e comparativa entre famílias estruturadas e desestruturadas. De forma geral, famílias mais pobres se aproximam de rótulos mais antigos, com conotações pejorativas: “mães solteiras”, “famílias desestruturadas”, “filhos abandonados”, e assim por diante (Fonseca, 2002).

Pode-se concluir que a imagem idealizada de família para os homens alcoolistas convive com as vivências variadas desse mesmo objeto, incluindo valores e afetos positivos, como também negativos. Ao mesmo tempo que apareceram no núcleo figurativo elementos positivos (união, cuidado, diálogo, amor e convivência), os participantes relataram aspectos negativos da família.

Artur e Jorge destacaram errado “falar mal da família” e a falta de diálogo. Segundo Fonseca (2004) a fofoca surge a partir do relato de fatos reais ou

imaginados das outras pessoas e pode consolidar um aspecto positivo, como a “honra”, como também prejudicar a imagem social dos indivíduos, manipulando a reputação. Apesar de ninguém considerar-se como o produtor de fofocas, ela aparece de forma constante no dia a dia da população. Enquanto os marcadores dos homens estão ligados à força física, as mulheres apresentam seu poder simbólico na fofoca, que diz respeito à reputação e imagem pública dos demais moradores (Fonseca, 2004). No caso, quando os participantes relataram o “falar mal da família” não atribuíram o ato à prática feminina, mas consideraram como algo errado e possível de desqualificar a imagem da família diante de outras pessoas da comunidade.

Enquanto isso, Arnaldo, Danilo e Eduardo compararam a “família de antigamente” com a “família na atualidade”. De acordo com os participantes falta amor, união e, principalmente, respeito em relação às figuras parentais. Neste aspecto, notou-se uma comparação entre a trajetória de vida desses participantes, o respeito que eles mesmos mantinham em relação aos pais, tidas como figura de autoridade e, atualmente não percebem nas famílias. Já Ricardo, lembrou-se da violência sexual contra crianças e adolescentes, exaltando a necessidade de respeito pela figura feminina.

Por fim, o título “Famílias: laços sanguíneos e outros tipos de afeto” foi escolhido justamente para transcender a noção de família tradicional, pois na atualidade existem várias configurações familiares possíveis. Apesar dos discursos, em sua maioria, estarem pautados na família tradicional, os homens consideraram a afetividade como relação de parentesco, envolvendo outros sujeitos, como amigos e filhos adotivos.

Apesar da masculinidade e a honra masculina estarem presentes nos argumentos, é possível notar uma singela mudança no papel social da mulher para os participantes. A importância da figura feminina e o respeito em relação à mulher mostraram a possibilidade de uma nova produção de discursos a respeito do gênero.

No mais, a percepção do Grupo de Homens como família pelos participantes permite revelar o vínculo estabelecido entre eles e os profissionais, um espaço propício para o cuidado em saúde. Os GPS funcionam como alternativa para que as pessoas estejam incluídas socialmente, com atividades em seu tempo livre e convivência social. No caso de idosos tal fato mostra sua importância pela recorrente queixa de solidão. Além disso, o estabelecimento de vínculo profissional contribui na adesão dos usuários no cuidado com a saúde. (Garcia, Yagi, De Souza, Odoni, Frigério & Merlin, 2006).

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATENDIMENTO OFERTADO AOS HOMENS ALCOOLISTAS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Os princípios e as diretrizes da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) foram publicados em 2008, e oficialmente instituídos na Portaria GM/MS nº1944, em 27 de agosto de 2009. A Política enfatiza a importância da Atenção Primária à Saúde (APS), considerada como porta de entrada preferencial ao sistema de saúde, o que contribuiu para o fortalecimento de princípios do Sistema Único de Saúde (SUS): universalização, descentralização, integralidade e participação da comunidade (Brasil, 2008).

A Política destaca ainda a importância da mudança da percepção dos homens sobre os cuidados com a própria saúde e com a saúde dos seus familiares. O objetivo é organizar, implantar, qualificar e humanizar em todo o território brasileiro a atenção integral à Saúde do Homem, dentro dos princípios do SUS. A Política visa a estimular o autocuidado e, sobretudo o reconhecimento de que a saúde é um direito social básico de todos os homens brasileiros (Brasil, 2008).

Apesar das propostas da PNAISH, pode-se observar a dificuldade em relação à implantação da Política na rotina dos serviços de APS. De acordo com Leal, Figueiredo e Nogueira (2012), existe desconhecimento sobre a Política, sobre a Saúde do Homem e suas especificidades devido à falta de capacitação dos profissionais, o que torna difícil o acolhimento da população masculina.

A ausência dos homens na APS estaria ligada a baixa inclusão dos homens nas propostas assistenciais, o que pode se apresentar como barreiras institucionais

entre o homem, os serviços e ações de saúde (Schraiber, Figueiredo, Gomes, Couto, Pinheiro, Machin, Silva & Valença, 2010).

As necessidades de saúde dos homens na APS não são atendidas pela falta de preparo dos profissionais e pela falta de adoção das novas políticas de saúde. O público masculino, em geral, não é visto pelos profissionais como parte ativa do sistema, capazes de oferecer cuidados a si mesmos ou aos outros. Os homens afastam-se e/ou são afastados dos espaços de atenção à saúde, pois os estabelecimentos de cuidado à saúde são representados como “femininos” (Couto, Pinheiro, Valença, Silva, Gomes, Schraiber & Figueiredo, 2010; Schraiber, 2010).

No âmbito cultural, ainda encontra-se a ideia bastante difundida da masculinidade idealizada, segundo a qual o homem não pode adoecer, o homem é forte, imune a doenças e não pode envolver-se com o autocuidado (corporal, inter-relacional, afetivo), sob pena de demonstrar fragilidade e aproximar-se da feminilidade (Machin, Silva, Schraiber, Gomes, Figueiredo, Valença & Pinheiro, 2011).

No que concerne aos agravos à saúde masculina, existem estudos que indicam os homens como mais vulneráveis às doenças, principalmente às doenças crônicas, quando comparados ao sexo feminino. Já em relação à mortalidade no Brasil, a diferença entre homens e mulheres é maior nas faixas etárias entre 15 e 39 anos (Brasil, 2008; Storino, Souza & Silva, 2013).

Os homens têm dificuldade em reconhecer suas necessidades de saúde, pois a doença é considerada como sinal de fragilidade, o que faz com que eles cuidem menos da saúde. O cuidado ainda se encontra associado a preconceitos e estereótipos, visto como prática feminina. Muitas vezes, os homens buscam as

unidades de APS quando precisam obter um atestado de saúde (para fins de trabalho) ou se estiverem muito doentes, priorizando, portanto, o curativismo, na contramão da proposta de promoção de saúde que ordena a APS (Gomes & Nascimento, 2007; Brasil, 2008; Machin *et al*, 2011).

Nota-se que uma das dificuldades referidas pelo público masculino é o horário de funcionamento dos serviços de APS. Eles nem sempre são conciliáveis com os horários de trabalho, que permanece sendo importante elemento definidor da identidade masculina. Tradicionalmente, o papel atribuído ao homem inclui a responsabilidade pelo trabalho remunerado e pelo sustento da família (Gomes & Nascimento, 2007; Brasil, 2008; Storino *et al* 2013).

Além das questões de gênero que influenciam o acesso dos homens aos ambientes de saúde, nesse trabalho discutiu-se a questão do homem alcoolista. Ou seja, mais um fator a ser considerado no atendimento ofertado para a população. No âmbito da saúde pública, pesquisas também buscam conhecer a percepção dos profissionais da Atenção Primária à Saúde sobre os usuários alcoolistas (Souza, 2012; Vargas & Luis, 2008).

Estudos destacaram que profissionais de saúde veem o alcoolista como “problema” para os serviços de saúde e culpado pelo consumo abusivo de álcool (Souza, 2012; Vargas & Luiz, 2008). Tal fato mostra a concepção moral presente nas práticas profissionais, o que contribui para a permanência do estigma social e falta de acompanhamento dessa população nos serviços de saúde pública. Esse resultado difere da percepção dos participantes sobre a abordagem dos profissionais no Grupo de Homens.

Contrário ao discurso do alcoolista visto como problemático e com foco na doença (Garcia, 2004; de Campos, 2009), a maioria dos participantes revelou em sua trajetória de vida a importância da família e considerou a fase atual como uma conquista de experiência. O fato pode ser compreendido levando em consideração o vínculo estabelecido entre profissionais e participantes do Grupo de Homens. Podemos inferir que o trabalho interdisciplinar e o foco na saúde dos homens e, não no alcoolismo, contribuem para uma ênfase nas qualidades e aspectos positivos da vida desses sujeitos.

Nesse sentido, os Grupos de Promoção de Saúde (GPS) se caracterizam como atividade de cooperação no espaço grupal entre participantes e equipes interdisciplinares, com a finalidade de efetivar a Promoção da Saúde. Nos relacionamentos interpessoais promovidos nesse espaço, encontram-se o “diálogo” e o “respeito às diferenças”. Outra característica relevante diz respeito à dimensão política da atenção à saúde (dos Santos, 2006).

De acordo com dos Santos et al. (2006), o “setting grupal” contribui para uma efetiva integração do grupo e sua função é a criação de um espaço de cooperação. Assim, os sujeitos podem ressignificar o conceito de saúde, valorizar os saberes de sua comunidade, falar sobre experiências íntimas, conhecer e refletir sobre as práticas de saúde.

Em consonância, os resultados do presente estudo nos mostram a importância de considerar o sujeito em seu contexto cultural, a fim de diminuir o estigma social do alcoolismo. E, os Grupos de Promoção da Saúde como importante forma de intervenção, pois permitem experimentar concretamente o

potencial de mobilização pessoal e coletiva dos grupos para transformação da realidade.

Esses resultados mostraram a necessidade de estudos que se dediquem a desconstrução do estigma social do alcoolista. Partir da consideração do sujeito como ser social, em seus vários papéis, torna possível a não culpabilização do sujeito alcoolista e a necessidade de corresponsabilização nas políticas públicas de saúde voltadas à população masculina e à dependência de álcool.

A análise das representações sociais de família e de objetos associados (paternidade, masculinidade, conjugalidade e alcoolismo) permitiu uma aproximação com o público investigado. A compreensão do discurso de homens alcoolistas pode contribuir para a prática profissional nos serviços de APS. O conhecimento produzido pretende permitir uma reflexão sobre um atendimento mais atento às singularidades e histórias particulares de cada sujeito.

Portanto, novos trabalhos que visem “dar visibilidade” aos alcoolistas podem permitir a aproximação dos homens aos ambientes de cuidado e aos profissionais de saúde, a fim de promover a mudança no atendimento oferecido a essa população. Afinal, as pesquisas contribuem para a discussão dos profissionais sobre os estigmas do alcoolismo e a compreensão da dimensão individual e coletiva desse fenômeno.

Observou-se importância atribuída às relações familiares pelos entrevistados, o que pode contribuir para uma nova visão do sujeito alcoolista. Conhecer a história permite uma aproximação, o contato e a valorização do sujeito de forma integral. Para oferecer tratamento aos alcoolistas precisamos pensar nas trajetórias de vida desses homens, buscar conhecer em qual contexto eles vivem,

o que pensam sobre si e sobre suas relações familiares a fim de contribuir na (re) construção da imagem social do alcoolista.

Conforme discutido, as relações de gênero nas representações sociais de família permitem a persistência de estereótipos: a honra e a virilidade masculina permitem a permanência de relações de subordinação feminina. Ao mesmo tempo, o cuidado como prática exclusiva das mulheres e a força física e riscos assumidos pelos homens podem ser muito danosos para as ações de promoção de saúde. Portanto, as intervenções clínicas e psicossociais dos serviços de saúde precisam considerar os estereótipos de gênero para se tornarem capazes de trabalhar com essas relações, a fim de permitir sua transformação. A forma como os homens “explicam o que é família e por que ela é assim” é profundamente marcada pelo gênero e as intervenções em saúde, inclusive o Grupo de Homens, podem levar isso em consideração para seu trabalho.

De forma complementar, foram discutidos atendimentos oferecidos pela USF pesquisada aos usuários alcoolistas e sua família. Buscou-se trazer discussões sobre a participação dos homens alcoolistas em um Grupo de Promoção da Saúde no local pesquisado, denominado Grupo de Homens, e estreitar a vinculação do tema “família” ao trabalho ofertado para os usuários alcoolistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, Â. M. M., Jomar, R. T., Nascimento, M. H., & Souza, R. M. G. (2012). Consumo nocivo de bebidas alcoólicas entre usuários de uma Unidade de Saúde da Família. *ACTA*, 25(2), 291-5.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Ltc.
- Bardin, L. (1977/2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- De Andrade, T. M. & Espinheira, C. G. D. (2010). *A presença das bebidas alcoólicas e outras substâncias psicotrópicas na cultura brasileira*. Salvador: CETAD.
- Brasil (2005). *Portaria nº 1.028, de 1º de julho de 2005*. Determina que as ações que visam à redução de danos sociais e à saúde, decorrentes do uso de produtos, substâncias ou drogas que causem dependência, sejam reguladas por esta Portaria. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil (2008). *Política Nacional de Atenção Integral de Saúde do Homem*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Bourdieu, P. (1996). A ilusão biográfica. In M. M. Ferreira (Org.), *Usos e abusos da história oral* (pp. 183-191). Rio de Janeiro: FGV.
- Bullington, J., & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. *Scandinavian Journal of Psychology*, 25(1), 51-63.
- De Campos, E. A. (2009). Por que os alcoólicos são anônimos? *Interface – Comunic., Saúde, Educ.* 13(28), 19-30.
- Couto, M. T., Pinheiro, T. F., Valença, O., Machin, R., Silva, G. S. N., Gomes, R., Schraiber, L. B., & Figueiredo, W. dos S. (2010). O homem na atenção primária à saúde: discutindo (in) visibilidade a partir da perspectiva de gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 14(33), 257-270.
- Eid, A. P., Kohn, K. C., & Motta, R. F. (2014). Política de saúde do homem: para além do que se vê. *Diaphora*, 12(2), 70-78.
- Freitas, W. M. F., Da Silva, A. T. M. C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., De Lucena, K. D. T. & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Fonseca, C. (2002). Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In C. R. Althoff, I. Elsen, R. G. Nitschke. (Orgs.), *Pesquisando a família: Olhares contemporâneos* (pp. 55-68.). Florianópolis: Papa-livro Editora.

- Fonseca, C. (2004). *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Garcia, A. M. (2004). A noção de fundo do poço e a viabilidade dos alcoólicos passivos. In A. M. Garcia. *E o verbo (re)fez o homem: estudo do processo de conversão do alcoólico ativo em alcoólico passivo* (99-204). Niterói, RJ: Intertexto.
- Garcia, M. A. A., Yagi, G. H., de Souza, C. S., de Carvalho Odoni, A. P., Frigério, R. M., & Merlin, S. S. (2006). Atenção à saúde em grupos sob a perspectiva dos idosos. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 14(2), 175-182.
- Gomes, R., do Nascimento, E. F., & de Araújo, F. C. (2007). Por que os homens buscam menos os serviços. *Cad. Saúde Pública*, 23(3), 565-574.
- Jodelet, D. (2001). Representações Sociais: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (org.). *As Representações Sociais* (pp.17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Leal, A. F., Figueiredo, W. S., & Nogueira, S. G. S. (2012). O percurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde dos Homens (PNAISH), desde a sua formulação até sua implementação nos serviços públicos locais de atenção à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(10), 2607-16.
- Lira, P. S. (2011). Violência Urbana: uma análise no município de Vitória-ES. In *Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES*. Vitória-ES. Recuperado em 04 de julho de 2017 em <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1591/1190>
- Lyra, J., Leão, L. S., Lima, D. C., Targino, P., Crisóstomo, A. & Santos, B. (2010). Homens e cuidado: uma outra família. *Família: redes, laços e políticas públicas*, 5, 79-91.
- Machin, M. T., Silva G. S. N., Schraiber, L.B., Gomes, R., Figueiredo, W. S., Valença, O.A. & Pinheiro, T. F. (2011). Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11), 4503-4512.
- Masur, J., & Monteiro, M. G. (1983). Validation of the "CAGE" alcoholism screening test in a Brazilian psychiatric inpatient hospital setting. Brazilian journal of medical and biological research. *Revista brasileira de pesquisas médicas e biológicas/Sociedade Brasileira de Biofísica*, 16(3), 215-218.

- Modell, J. (1994). *Kinship with Strangers - Adoption and investigation of kinship in American culture*. California: University of California Press.
- Moscovici, S. (1978). *Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Niel, M., & Silveira, D. X. D. (2008). *Drogas e redução de danos: uma cartilha para profissionais de saúde*. São Paulo: UNIFESP, Ministério da Saúde.
- Organização Mundial da Saúde. (1994). *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças*. Vol. 1. São Paulo: Edusp.
- Pope, C., Ziebland, S., & Mays, N. (2005). Analisando dados qualitativos. In C. Pope & N. Mays (Orgs.). *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde* (2 ed.), (pp. 87-99). Porto Alegre: Artmed.
- Rallis, S. F., & Rossman, G. B. (1998). Learning in the field: An introduction to qualitative research. *Learning in the field: an introduction to qualitative research*.
- Santos, M. D. F. S. (2005). A teoria das representações sociais. *Diálogos com a teoria da representação social*, 13.
- Dos Santos, L. M., da Ros, M. A., Crepaldi, M. A., & Ramos, L. R. (2006). Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. *Revista Saúde Pública*, 40(2), 346-352.
- Santos, M. S. D. D., & Velôso, T. M. G. (2008). Alcoolismo: representações sociais elaboradas por alcoolistas em tratamento e por seus familiares. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 12(26), 619-634.
- Scott, J. (1990). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recuperado em 04 de julho de 2017 em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1840746/mod_resource/content/0/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf
- Schraiber, L. B., Figueiredo, W. S., Gomes, R., Couto, M. T., Pinheiro, T. F., Machin, R., Silva, G. S. N. & Valença, O. (2010). Necessidades de saúde e masculinidades: Atenção primária no cuidado aos homens. *Cad. Saúde Pública*, 25(6), 961-970.

- Da Silva Mattos, R. F. (2010). Segregação sócio-espacial e violência urbana na região metropolitana da Grande Vitória. *Dimensões: Revista de História da Ufes*, (25), 249-265.
- Da Silva, S. É. D., Padilha, M. I., de Souza, M. J., Araújo, J. S., & Vasconcelos, E. V. (2012). Alcoolismo: representações sociais de alcoolistas. *Gestão e Saúde*, 3(3), 986-998.
- Spink, M. J. (2015). O cotidiano como foco de pesquisa na Psicologia: o que mudou nesses 50 anos? Recuperado em 12 junho de 2015 de http://www.researchgate.net/publication/271763332_o_cotidiano_como_Foco_de_pesquisa_na_psicologia_o_que_mudou_neidasses_50_anos
- Storino, L. P., Souza, K. V. & Silva, K. L. (2013). Necessidades de Saúde de Homens na Atenção Básica: Acolhimento e Vínculo como Potencializadores da Integralidade. *Esc Anna Nery* 17(4), 638-645.
- De Souza, J., & Carvalho, A. M. P. (2012). Filhos Adultos de Pais Alcoolistas e seu Relacionamento na Família de Origem. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, 3(2), 43-51.
- Souza, L. G. S. (2012). *Profissionais de saúde da família e representações Sociais do alcoolismo* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES.
- Souza, L. G. S., Meireles, A. A., Tavares, K. M. C., & Menandro, M. C. S. (2015). Intervenções Psicossociais para Promoção da Saúde do Homem em Unidade de Saúde da Família. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(3), 932-945.
- Vargas, D., & Luis, M. A. V. (2008). Álcool, alcoolismo e alcoolista: concepções e atitudes de enfermeiros de unidades básicas distritais de saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16(spe), 543-550.
- Vasconcellos, K. D. M. (2013). *A representação social da família: desvendando conteúdos e explorando processos* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Veloso, L. U. P., & Monteiro, C. F. D. S. (2012). A família frente ao alcoolismo: um estudo fenomenológico. *Revista Enfermagem UFPI*, 1(1), 14-21.

- Vitória. Prefeitura Municipal de Vitória (sem data). Vitória em Dados: História dos Bairros. Recuperado em 24 de janeiro de 2017 de <http://legado.vitoria.es.gov.br/regionais/bairros/regiao3/consolacao.asp>
- Trindade, Z. A.; Menandro, M. C. S., & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e Interpretação de Entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In M. M. P. Rodrigues & P. R. M. Menandro (Orgs.), *Lógicas Metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia* (pp. 71-92). Vitória: GM Gráfica Editora.
- Wanderley, T. C. & Menandro, M. C. S. (2012). Representações sociais de família para homens de diferentes gerações. In P. Martins-Silva, Z. A. Trindade, E. C. Ceotto, R. D. M. Silva & M. Bertollo-Nardi (Org.). *Estudos em Representação Social* (pp. 135-140). Vitória, ES: GM Editora.
- Zanella, E. D. (2011). Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas: A Construção de Maneiras de Beber. *Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP [Online]*, 9, s/p. Recuperado em <http://pontourbe.revues.org/1820>

APÊNDICE I
INSTRUMENTOS – FASE I

CAGE

Alguma vez o(a) sr.(a) sentiu que deveria **diminuir** a quantidade de bebida ou parar de beber? () SIM () NÃO

As pessoas o(a) **aborrecem** por que criticam o seu modo de beber? () SIM () NÃO

O(a) sr.(a) se sente **culpado(a)** pela maneira com que costuma beber? () SIM () NÃO

O(a) sr.(a) costuma **beber pela manhã (ao acordar)**, para diminuir o nervosismo ou a ressaca? () SIM () NÃO

Questionário Sociodemográfico

Entrevistadora: _____

Data: _____

Local: _____ Duração da entrevista: _____

Participante

Nome: _____ Idade: _____

Telefone: _____ Bairro: _____ Cidade: _____

Procedência

(Cidade/Estado): _____

Escolaridade: () Sem estudo (analfabeto/a) () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Ensino Superior Incompleto () Ensino Superior Completo () Ensino Técnico () Pós-graduação () Outros _____	Você tem religião? Sim () Não (). Se SIM, Qual? _____ Você é praticante desta religião? Sim () Não (). Trabalha ou já trabalhou? Sim () Não (). Se SIM, com que idade começou a trabalhar? _____ — Está trabalhando no momento? Sim () Não ().
--	---

Estado Civil: () Solteiro(a) () Casado(a) () Divorciado(a) () Amasiado(a) () Viúvo(a) Você considera ter qual cor de pele? () morena () branca () negra () outra _____ —	Se SIM, sua situação de trabalho é como: () autônomo(a) () empregado(a) com carteira assinada () empregado(a) sem carteira assinada () servidor(a) público(a) efetivo(a) () aposentado(a) Qual sua profissão? _____ Carga horária atual: _____ Há flexibilidade de horário? Sim () Não ().
---	---

Valor da renda familiar mensal: _____

Dividida com quantas pessoas? _____

Se CASADO, tempo de união: _____

Você tem filhos? Sim () Não ()

Quantos? _____ Idade: _____

Possui plano de saúde privado? Sim () Não ()

Qual? _____

Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada I

Observação sobre o roteiro: na medida do possível, as questões foram redigidas com linguagem coloquial, de forma a facilitar o procedimento.

1. Trajetória de Vida e Família de Origem

- 1.1 O que você pode dizer sobre sua trajetória de vida? *[previsão de cerca de 20 minutos de entrevista aberta]*
- 1.2– Onde você nasceu? Que memórias tem desse lugar?
- 1.3[Se não nasceu em Vitória] Quando se mudou para Vitória? Por que se mudou? *[No caso de homens que moravam em outra cidade/estado]*
- 1.4– Quem era responsável pela sua família quando você nasceu? O responsável mudou ao longo dos anos? *[Por exemplo, pais, avós, entre outros]*
- 1.5– Como era/é a relação com seus pais (e/ou cuidadores)?
- 1.6– Você tem irmãos e/ou irmãs? Qualidade deles?
- 1.7– Como era/é a relação com seus irmãos?
- 1.8– Qual o grau de importância de seus pais/irmãos em sua vida?
- 1.9– Há uma ligação significativa com essa família na atualidade? Você considera sua família de origem unida? Por quê?
- 1.10 – Quais as principais lembranças que você tem da sua infância? Qual foi a melhor e a pior coisa que aconteceu na sua infância?
- 1.11 – Como foi a sua adolescência? Qual foi a melhor e a pior coisa que aconteceu na sua adolescência?
- 1.12 – E, na vida adulta, quais os principais acontecimentos da sua vida? Qual foi a melhor e a pior coisa que aconteceu na sua vida adulta?
- 1.13 – Você se considera idoso? Por quê?
- 1.14 – Qual a pessoa mais importante pra você? Por quê?
- 1.15 – Quais características positivas e negativas você “puxou” das pessoas da sua família?

- 1.16 - Pensando na pessoa que você é hoje, quais foram os principais acontecimentos da sua vida que levaram você a ser essa pessoa?

Obs. Escrever atributos sobre a família que aparecem durante a primeira entrevista para fazer, na segunda entrevista, um exercício de variação imaginária [Bullington, J. & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. Scandinavian Journal of Psychology, 25(1), 51-63

APÊNDICE II

INSTRUMENTOS – FASE II

Roteiro De Entrevista Semi-Estruturada II

2. Família Atual e Alcoolismo

- 2.1– Você se casou ou entrou em união estável? Com qual idade? Teve mais de um casamento ou união? *[Em casos de separação, perguntar quando ocorreu]*
- 2.2- O casamento interferiu em (ou contribuiu para) alguns de seus planos de vida (estudos, trabalho...)? Se sim, como?
- 2.3- Para você, o que é ser um homem de família? E o que é ser uma mulher de família?
- 2.4– Quais eram as suas expectativas em relação à constituição de sua família? Essas expectativas foram alcançadas? *Por quê?*
- 2.5- Você teve filhos? [Se sim] Para você, o que é ser pai?
- 2.6- [Se teve filhos] Como é sua relação com seus filhos?
- 2.7– Como é a relação com sua esposa/companheira? Há suporte por parte dela ou cobranças? Se sim, como?
- 2.8– Você acredita que o consumo de álcool interferiu/interfere na sua história de vida? Em caso afirmativo, como?
- 2.9 – Você acredita que o consumo de álcool interferiu/interfere na relação com a sua família? Em caso afirmativo, como?
- 2.10 – O que em sua trajetória de vida pode ajudar a explicar sua participação no Grupo de Homens?

3. Roteiro De Entrevista Semi-Estruturada III

4. Representações Sociais de Família (crenças, imagens e afetos)

4.1- Para você, o que é família?

4.2– Qual imagem lhe vem à mente quando eu falo a palavra família?

4.3- O que você sente quando pensa em sua família?

4.4- Que coisas você ouve/ouvira dizer sobre família?

4.5- Como você avalia, de uma forma geral, sua vida familiar?

– Agora, vamos brincar um pouco com a imaginação. Imagine que sua família não tem *[tal atributo]*. Ainda assim seria sua família? [caso a resposta seja negativa, pergunta confirmatória]: Mas, você conseguiria imaginar sua família sem *[tal atributo]*, não conseguiria? *[exercício de variação imaginária – Bullington, J., & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. Scandinavian Journal of Psychology, 25(1), 51-63.]*

4.6– **Imagine uma ilha deserta.** Como você explicaria o que é família para uma pessoa que cresceu sozinha nessa ilha deserta e não sabe o que é?

APÊNDICE III



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título: Trajetória de Vida e Representações Sociais de Família em homens alcoolistas

Pesquisador Responsável: Maria Bastos Cacciari (mestranda)

Luiz Gustavo Silva Souza (orientador)

Em caso de dúvidas/esclarecimentos, entrar em contato com pesquisador responsável:

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Endereço: Av. Fernando Ferrari, n. 514, Goiabeiras, Vitória, ES. CEP 29075-910. Telefone para contato: (27) 4009-2501.

Em caso de críticas e/ou denúncias sobre a pesquisa procurar o: Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, UFES/Campus Goiabeiras Prédio Administrativo do Centro de Ciências Humanas e Naturais Campus Universitário de Goiabeiras, Av. Fernando Ferrari, s/n, Vitória - ES, 29060-970 Tel: (27) 3145-98202

O TCLE foi elaborado em duas vias, o participante receberá uma via rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, como pelo pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- 1) Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Trajetória de Vida e Representações Sociais de Família em homens alcoolistas”.
- 2) O estudo tem como objetivo geral identificar e analisar as representações sociais de família construídas por homens alcoolistas.
- 3) A importância deste estudo é a de produzir conhecimentos sobre como os homens entendem a família e sobre como lidam com esse fenômeno.
- 4) Os resultados que se desejam alcançar são os seguintes: Dissertação de Mestrado; produção de artigos para publicação em revistas científicas; contribuições que permitam avanços teóricos e metodológicos para o estudo sobre família e; no nível da aplicação do conhecimento, fornecer subsídios para políticas públicas de saúde.
- 5) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento:
 - 5.1) O estudo será feito com realização de entrevistas semiestruturadas com dez homens da Unidade de Saúde da Família Consolação, ao longo de um ano. Serão realizadas duas entrevistas com cada participante em datas

diferentes em consultório disponibilizado pela USF. Cada entrevista terá em média sessenta minutos de duração, não havendo limite mínimo ou máximo para elaboração das respostas.

- 5.2) A participação se dará de forma voluntária, sem qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. A colaboração se fará de forma anônima, incluindo entrevista concedida ao pesquisador, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização.
- 5.3) Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo e tendo em vista o método adotado, com entrevistas semiestruturadas, a serem aplicadas por profissional de psicologia junto a participantes adultos, avalia-se que os riscos são pequenos e que os potenciais benefícios da pesquisa são maiores que os riscos.
- 5.4) Durante sua participação, você poderá recusar responder a qualquer pergunta que por ventura lhe causar (em) algum constrangimento.
- 5.5) Não são previstos gastos ou danos físicos ou psicológicos durante sua participação na pesquisa, ainda que algum incômodo possa emergir durante a realização das entrevistas. No caso de eventuais danos não previstos, nós disponibilizaremos assistência imediata e integral, sendo realizados encaminhamentos para acompanhamento profissional.
- 5.6) A qualquer momento, poderá se recusar a continuar participando do estudo e, também retirar este consentimento, sem que isso traga qualquer penalidade ou prejuízo.
- 5.7) As informações conseguidas através da participação não permitirão sua identificação, exceto aos responsáveis pelo estudo.

Eu, _____, confirmo ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

_____, ____ de ____ de 2016.

Assinatura ou rubrica do participante	Responsável pela pesquisa PPGP-UFES
---------------------------------------	--

APÊNDICE IV - Dados Sociodemográficos

Participante	Escolaridade	Idade	Estado Civil	Cor de Pele	Religião	Trabalho - início	Atual	Renda	Casado	Filhos	Plano de Saúde	Local de Origem
RICARDO	Ensino Técnico	56	Viúvo	Parda	Não tem	16 anos	Aposentado/ trabalha	R\$1.500,00 / 1 pessoa	31 anos	10 filhos/ 1 morreu	Não	Fortaleza - CE
DANILO	Ensino Fundamental Incompleto	64	Casado	Morena	Católico praticante	12 anos	Aposentado/ trabalha	R\$3.500,00 / 3 pessoas	34 anos	4 filhas	Não	Aracruz - ES
ARNALDO	Analfabeto	66	Casado	Morena	Católico praticante	8 anos	Auxílio INSS	R\$1.600,00 / 4 pessoas	34 anos	2 filhos	Sim	Nova Venécia - ES
RONALDO	Ensino Médio Incompleto	55	Casado	Morena	Não	7 anos	Empregado	R\$3.000,00 / 3 pessoas	29 anos	2 filhos	Não	Vitória - ES
ALEX	Ensino Fundamental Incompleto	67	Casado	Morena	Católico praticante	14 anos	Aposentado/ trabalha	R\$2.000,00 / 2 pessoas	43 anos	2 filhos	Não	Vitória – ES

APÊNDICE IV - Dados Sociodemográficos

Participante	Escolaridade	Idade	Estado Civil	Cor de Pele	Religião	Trabalho - início	Atual	Renda	Casado	Filhos	Plano de Saúde	Local de Origem
NATAN	Ensino Fundamental Incompleto	58	Solteiro	Amarelado	Católico Não praticante	12 anos	Desempregado	Bolsa Família / 1 pessoa	----	2 filhos/ 1 morreu	Não	Cachoeiro de Itapemirim - ES
ARTUR	Analfabeto	65	Casado	Morena	Católico, não praticante	10 anos	Aposentado	R\$900,00 / 3 pessoas	40 anos	2 filhos	Não	Campos dos Goytacazes - RJ
JORGE	Ensino Fundamental Incompleto	53	Solteiro	Morena	Não	13 anos	Desempregado	R\$1.000,00 / 3 pessoas	8 anos	Não	Não	Vitória - ES
ADRIANO	Ensino Fundamental Incompleto	44	Amasiado	Morena	Católico praticante	12 anos	Aposentado	Salário mínimo / 3 pessoas	30 anos	Não/ 1 morreu	Não	Vitória - ES
EDUARDO	Analfabeto	73	Casado	Branca	Evangélico praticante	10 anos	Aposentado	R\$1.800,00 / 2 pessoas	48 anos	6 filhos / 1 morreu	Não	Caratinga - MG

Unidades de Significado e Fases de Construção da “Estrutura”³

Entrevista 1 – Fase II

ARTUR é membro de uma família de 19 irmãos (quatro homens e quinze mulheres). Tem 65 anos, casado há 40 anos e três filhos (uma mulher e dois homens), sendo apenas os dois últimos frutos dessa união, não mantém contato com a primeira filha. Nasceu em Campos dos Goytacazes-RJ e mudou-se sozinho para Vitória-ES quando tinha 25 anos, onde reside até hoje. Parou de estudar ainda novo, não sendo alfabetizado. Trabalha desde os 10 anos de idade e atualmente está aposentado. É católico não praticante.

UNIDADES DE SIGNIFICADO

1) Elementos figurativos (família de origem)

Vou até repetir, a imagem que vem na minha cabeça é a minha mãe e o meu pai, parece que eu até to vendo eles, tipo assim to vendo ele. Essa é a imagem que vem na minha cabeça, entendeu? Uma família com um outro pai a não ser o meu? (Silêncio)./ Nada substitui o meu pai e a minha mãe, nada, se eles tivesse vivo, eu podia morar com outra madame milionária, mas não ia substituir, nada, nada. Isso aí./Minha família seria a mesma se tivesse um padrasto, aí também não ter conflito com ele, mas não ia ser a mesma coisa se não fosse o meu pai verdadeiro, nunca iria ser, nunca vai ser.

2) Elementos “não negociáveis”

Eu no pensamento (silêncio), eu ia perguntar pra ele se nunca conheceu a família dele, quem é seu pai, quem é sua mãe./ Pra mim família, explicando pra ele no caso né, dando apoio a ele, dando carinho a ele, dando carinho nele e dá uma força a ele pra ele crescer. Dar o pai que ele não teve. /Ah, dar amor a ele, carinho, dar carinho que ele não teve, porque se tá no deserto, não teve carinho de pai, nem de mãe. Dar um carinho a ele pra (silêncio), aí como é que fosse assim crescendo, puxa vida, esse é meu pai. Como eu já vi muito, já vi não, filho adotivo por aí, que sabe o que é ter um pai. Vendo, e o pai não liga pra ele, a mesma coisa que uma ilha deserta, mesma coisa, isso faz parte e

³ Conforme mencionado na Análise de Dados, a primeira fase consiste na transcrição literal da entrevista, optamos por não incluí-la no trabalho para evitarmos a identificação do participante

(silêncio). Venha filho, vamo lá pra casa, vou cuidar de você e levar ele, ele vai tomar aquele amor, de pai mesmo que ele nunca conheceu, não sabe o que é um pai, ele não sabe o que é um pai, ele vai saber que aquele pai que vai cuidar dele, dar carinho a ele, vai explicar: oh, eu sou seu pai. Seu pai, minha companheira aqui é sua mãe, como ele nunca teve pai e nunca teve mãe, ele vai achar isso estranho, porque ele nunca teve um amor de uma mãe e um pai, mas vai ter o amor naquele momento ali. Se ele souber agradecer, ele vai...vai ser assim muito feliz, muito grato, eu penso assim.

3) Família construída (esposa e filhos)

Pra mim é, pra mim a família é isso. Pra mim família é isso, família pra mim é tipo assim [...] é meu filho, minha patroa, entendeu? Isso pra mim, tudo faz parte da minha família.

4) Noção de família desestruturada (falta de diálogo)

Outras pessoas eu já encontrei muito elogio né, elogiando a família dele, o irmão, a mãe, o pai. E outros falando mal, entendeu, da própria família dele, as pessoas que tem assim, não tem uma estrutura assim, entendeu, muito boa. A pessoa falar da própria família dele eu acho uma coisa muito errada, acho que ele não é digno das coisa não.../ Não tem diálogo, você dialogar, entendeu./ Eles conversam por obrigação, mas tá vendo que é uma conversa desagradável entendeu.

5) Grupo de Homens como família (participantes e profissionais - convivência)

Família pra mim é [...] tipo assim [...] família pra mim é um [...] quando eu to assim é [...] é "ingual" o Grupos dos Homens que reunido aí no meio deles, pra mim é uma família, isso faz parte da família da gente. As pessoas que a gente tá convivendo aí com eles todas quinta-feira, o dia que não vem um, a gente sente saude: po, fulano não veio. A gente sente saudade, pra mim família é desse tipo, entendeu?/ Você também que tá aqui todas as "quintas-feira" pra mim faz parte da família.

Entrevista 1 – Fase III

ARTUR é membro de uma família de 19 irmãos (quatro homens e quinze mulheres). Tem 65 anos, casado há 40 anos e três filhos (uma mulher e dois homens), sendo apenas os dois últimos frutos dessa união, não mantém contato com a primeira filha. Nasceu em Campos dos Goytacazes-RJ e mudou-se sozinho para Vitória-ES quando tinha 25 anos, onde reside até hoje. Parou de estudar ainda novo, não sendo alfabetizado. Trabalha desde os 10 anos de idade e atualmente está aposentado. É católico não praticante.

UNIDADES DE SIGNIFICADO

1) Elementos figurativos (família de origem)

A imagem que representou família para o participante foi a lembrança de seus pais. O pai e a mãe aparecem como figura essencial para a sua família de origem, pois: *“[...] nada substitui o meu pai e a minha mãe, nada, se eles tivesse vivo, eu podia morar com outra madame milionária, mas não ia substituir, nada, nada.”*

2) Elementos “não negociáveis”

Na questão da ilha deserta Artur imaginou uma criança e relatou que se tornaria seu pai, nesse momento citou o exemplo da adoção *“[...] como eu já vi muito, já vi não, filho adotivo por aí, que sabe o que é ter um pai”*. Portanto para explicar o que é família é necessário tornar-se família, a criança precisa receber carinho, amor e cuidados de pai e mãe. Segundo Artur *“ele vai tomar aquele amor, de pai mesmo que ele nunca conheceu, não sabe o que é um pai [...] aquele pai que vai cuidar dele, dar carinho a ele, vai explicar: oh, eu sou seu pai. [...] minha companheira aqui é sua mãe, como ele nunca teve pai e nunca teve mãe, ele vai achar isso estranho, porque ele nunca teve um amor de uma mãe e um pai, mas vai ter o amor naquele momento ali.”* O participante ainda faz uma comparação, relatando que existem pais que funcionam da mesma forma que a ilha deserta, pois não se preocupam com seus filhos, ou seja, os abandona.

3) Família construída (esposa e filhos)

Outra representação de família diz respeito à família construída, lembrando-se da esposa e dos filhos *“[...] família pra mim é tipo assim [...] é meu filho, minha patroa, entendeu? Isso pra mim, tudo faz parte da minha família.”*

4) Noção de família desestruturada (falta de diálogo)

O participante trouxe em seu relato a noção de família desestruturada. Segundo Artur a família precisa ter uma estrutura, ou seja, não pode falar mal da própria família e precisa ter diálogo, diferente de conversar apenas por obrigação.

5) Grupo de Homens como família (participantes e profissionais - convivência)

Para Artur o Grupo de Homens é considerado uma família, pela convivência todas as quintas-feiras e a saudade que sente dos profissionais e participantes quando alguém se ausenta das reuniões. *“A gente sente saudade, pra mim família é desse tipo, entendeu?”*

Entrevista 1 – Fase IV

Estrutura 1 - A Família para Artur

ARTUR é membro de uma família de 19 irmãos (quatro homens e quinze mulheres). Tem 65 anos, casado há 40 anos e três filhos (uma mulher e dois homens), sendo apenas os dois últimos frutos dessa união, não mantém contato com a primeira filha. Nasceu em Campos dos Goytacazes-RJ e mudou-se sozinho para Vitória-ES quando tinha 25 anos, onde reside até hoje. Parou de estudar ainda novo, não sendo alfabetizado. Trabalha desde os 10 anos de idade e atualmente está aposentado. É católico não praticante.

Na entrevista de Artur apareceram alguns elementos “não negociáveis” de representações sociais de família, como: figuras parentais, amor e “convivência genuína.

Primeiramente, o elemento figurativo, ou seja, a imagem que representou família para o participante foi a lembrança de seus pais. O pai e a mãe apareceram como figuras essenciais para a sua família de origem, pois: *“nada substitui o meu pai e a minha mãe, nada, se eles tivesse vivo, eu podia morar com outra madame milionária, mas não ia substituir, nada, nada”*. Outra representação de família diz respeito à família construída, lembrando-se da esposa e dos filhos *“família pra mim é tipo assim [...] é meu filho, minha patroa, entendeu? Isso pra mim, tudo faz parte da minha família.”*

Em relação à questão da ilha deserta, Artur imaginou uma criança e relatou que se tornaria seu pai, nesse momento citou o exemplo da adoção *“como eu já vi muito, já vi não, filho adotivo por aí, que sabe o que é ter um pai”*. Portanto para

explicar o que é família é necessário tornar-se família, a criança precisa receber carinho, amor e cuidados de pai e mãe.

Segundo Artur *“ele vai tomar aquele amor, de pai mesmo que ele nunca conheceu, não sabe o que é um pai [...] aquele pai que vai cuidar dele, dar carinho a ele, vai explicar: oh, eu sou seu pai. [...] minha companheira aqui é sua mãe, como ele nunca teve pai e nunca teve mãe, ele vai achar isso estranho, porque ele nunca teve um amor de uma mãe e um pai, mas vai ter o amor naquele momento ali”*. O participante ainda faz uma comparação, relatando que existem pais que funcionam da mesma forma que a ilha deserta, pois não se preocupam com seus filhos, ou seja, os abandona.

O participante também trouxe em seu relato a noção de família desestruturada. Segundo Artur a família precisa ter uma estrutura, ou seja, não pode falar mal da própria família e precisa ter diálogo, diferente de conversar apenas por obrigação.

Para Artur o Grupo de Homens também pode ser considerado uma família, pela convivência todas as quintas-feiras e a saudade que sente dos profissionais e participantes quando alguém se ausenta das reuniões. *“A gente sente saudade, pra mim família é desse tipo, entendeu?”*